

Para os apreciadores dos sábios discursos de Allan Kardec, tê-los todos em um único arquivo é sem dúvida uma boa oportunidade para se instruir com o Mestre. Foi por essa razão que nós reunimos seus discursos pronunciados nas diversas situações e os disponibilizamos a quem tenha por eles interesse. Os discursos estão em ordem cronológica, e a referência bibliográfica está no cabeçalho de cada um deles.

Revista Espírita de julho de 1859

Sociedade Parisiense - Discurso de encerramento do ano social 1858-1859

Senhores,

No momento em que expira o vosso ano social, permiti que vos apresente um curto resumo da marcha e dos trabalhos da Sociedade.

Conheceis a sua origem. Ela se formou sem um desígnio premeditado, sem um projeto preconcebido. Alguns amigos se reuniam em minha casa num pequeno grupo; pouco a pouco esses amigos me pediram permissão para me apresentar seus amigos. Então não havia um presidente. Eram saraus íntimos, de oito ou dez pessoas, como os há às centenas, em Paris e alhures. Era natural, entretanto, que em minha casa eu tivesse a direção do que ali se fazia, já como dono, já em consequência dos estudos especiais que havia feito e que me davam certa experiência na matéria.

O interesse despertado por essas reuniões foi crescendo, embora não nos ocupássemos senão de coisas muito sérias. Pouco a pouco, um a um foi crescendo o número dos assistentes e minha modesta sala, muito pouco adequada para uma assembleia, tornou-se insuficiente. Foi então que alguns de entre vós propuseram se procurasse outra mais cômoda e que nos cotizássemos a fim de cobrir as despesas, pois não achavam justo que tudo corresse por minha conta, como até então.

Mas para nos reunirmos regularmente, além de um certo número de pessoas e num local diferente, era necessário nos conformássemos às exigências legais, ter um regulamento e, conseqüentemente, um presidente titulado. Enfim, era necessário constituir-se uma sociedade. Foi o que aconteceu, com o assentimento da autoridade, cuja benevolência não nos faltou. Era também necessário imprimir aos trabalhos uma direção metódica e uniforme, e houvestes por bem encarregar-me de continuar aquilo que fazia em minha casa, nas nossas reuniões particulares.

Dei às minhas funções, que posso chamar de laboriosas, toda a exatidão e todo o devotamento de que fui capaz. Do ponto de vista administrativo, esforcei-me por manter nas sessões uma ordem rigorosa e por lhes dar um caráter de seriedade, sem o qual logo teria desaparecido o prestígio de assembleia séria. Agora, que minha tarefa está terminada e que o impulso foi dado, devo comunicar-vos a resolução que tomei de renunciar, para o futuro, a qualquer função na Sociedade, mesmo a de diretor de estudos. Não ambiciono nenhum título, a não ser o de simples membro titular, com o qual me sentirei sempre feliz e honrado. O motivo de minha decisão está na multiplicidade de meus trabalhos, que aumentam dia a dia, pela extensão de minhas relações e porque, além daqueles que conheceis, preparo outros trabalhos mais consideráveis, que exigem longos e laboriosos estudos e que não absorverão menos de dez anos.¹ Ora, os trabalhos da Sociedade não deixam de tomar muito tempo, quer na preparação, quer na coordenação e redação final. Além disso, reclamam uma assiduidade por vezes prejudicial às minhas ocupações pessoais e tornam indispensável a iniciativa quase exclusiva que me conferistes. É por este motivo, senhores, que tantas vezes tive de tomar a palavra, muitas delas lamentando que membros eminentes e esclarecidos nos privassem de suas luzes. Há muito tempo eu desejava demitir-me de minhas funções. Em várias circunstâncias externei esse desejo de maneira explícita, tanto aqui quanto particularmente, a diversos colegas, notadamente ao Sr. Ledoyen. Tê-lo-ia feito mais

¹ Kardec falava em 1859. Em março de 1869 faleceu. Note-se a exata previsão do tempo necessário para o seu trabalho. (N. do R.)

cedo, sem receio de causar perturbação na Sociedade, retirando-me ao meio do ano, mas poderia parecer uma defecção. E era necessário não dar esse prazer aos nossos adversários. Tive, pois, que cumprir a minha tarefa até o fim. Hoje, porém, que não mais existem esses motivos, apresso-me em vos comunicar a minha resolução, a fim de não entravar a escolha que deveis fazer. É justo que cada um participe dos encargos e das honras.

Num ano a Sociedade viu sua importância crescer rapidamente. O número de seus membros titulares triplicou em alguns meses. Tendes numerosos correspondentes nos dois continentes e a quantidade de ouvintes ultrapassaria o limite do possível, se não houvéssemos estabelecido como freio o estrito cumprimento do regulamento. Entre estes últimos, notastes a presença das mais altas notabilidades sociais e muitas figuras das mais ilustres. A pressa que há em solicitar admissão às vossas sessões demonstra o interesse que elas despertam, não obstante a ausência de qualquer experimentação destinada a satisfazer a curiosidade e, talvez, em virtude mesmo da sua simplicidade. Se nem todos saem convencidos, o que seria pretender o impossível, as pessoas sérias, as que não vêm com a ideia preconcebida de denegrir, levam da seriedade dos vossos trabalhos uma impressão que as predispõe a aprofundar essas questões. Aliás, não podemos senão aplaudir as restrições feitas à admissão de ouvintes estranhos. Assim evitamos uma multidão de curiosos importunos. A medida com a qual limitastes a admissão de estranhos a certas sessões, reservando as outras exclusivamente aos membros da Sociedade, teve como resultado vos dar mais liberdade nos estudos, que poderiam ser entravados pela presença de pessoas ainda não iniciadas e cuja simpatia não estivesse garantida.

Essas restrições parecerão muito naturais aos que conhecem a finalidade de nossa instituição e sabem que somos, antes de tudo, uma Sociedade de estudo e de pesquisas e não um veículo de propaganda. É por isto que não admitimos em nossas fileiras aqueles que, não possuindo as primeiras noções da ciência, nos fariam perder tempo em demonstrações elementares, incessantemente renovadas. Sem dúvida todos nós desejamos a propaganda das ideias que professamos, porque as julgamos úteis, e cada um de nós para isso contribui. Sabemos, porém, que só se adquire convicção através de observações contínuas e nunca por alguns fatos isolados, sem continuidade e sem raciocínio, contra os quais a incredulidade sempre poderá levantar objeções. Dir-se-á que um fato é sempre um fato. É um argumento irretorquível, sem dúvida, desde que não seja contestado nem contestável. Quando um fato sai do círculo de nossas ideias e de nossos conhecimentos, à primeira vista parece impossível. Quanto mais extraordinário, mais objeção levanta. Eis por que o contestam. Aquele que lhe sonda a causa e a descobre, encontra-lhe uma base e uma razão de ser; compreende a sua possibilidade e desde então não mais o rejeita. Muitas vezes um fato só é inteligível por sua ligação com outros fatos. Tomado isoladamente pode parecer estranho, incrível e até absurdo. Mas se for um dos elos da cadeia; se tiver uma base racional; se se puder explicá-lo, desaparecerá qualquer anomalia.

Ora, para conceber esse encadeamento, para apreender esse conjunto a que somos conduzidos de consequência em consequência, é necessário, em todas as coisas — e talvez ainda mais no Espiritismo — uma série de observações racionais. O raciocínio é, pois, poderoso elemento de convicção, hoje mais do que nunca, porque as ideias positivas nos levam a saber o porquê e o como de cada coisa.

Admiramo-nos da persistência da incredulidade em matéria de Espiritismo, por parte de pessoas que viram, enquanto outras que nada viram são crentes firmes. Dir-se-ia que são superficiais e que aceitam sem exame tudo quanto se lhes diz? Muito pelo contrário.

As primeiras viram, mas não compreendem; as últimas não viram, mas compreendem, e compreendem porque raciocinam.

O conjunto de raciocínios sobre os quais se apoiam os fatos constitui a ciência, ciência ainda imperfeita, é certo, cujo apogeu ninguém pretende ter atingido, mas, enfim, é uma ciência em início e vossos estudos se dirigem para a pesquisa de tudo quanto pode alargá-la e constituí-la.

Eis o que importa seja bem sabido fora deste recinto, a fim de que não haja equívocos quanto aos nossos objetivos; a fim de que, ao virem aqui, não esperem vir a um espetáculo dado pelos Espíritos. A curiosidade tem um limite. Quando satisfeita, procura uma nova distração. Aquele que não pára na superfície, que vê além do efeito material, sempre acha o que aprender. Para ele o raciocínio é uma fonte inesgotável, sem limites. Nossa linha de conduta não poderia ser mais bem traçada do que pelas admiráveis palavras que o Espírito de São Luís nos dirigiu, e que jamais deveríamos esquecer: “Zombaram das mesas girantes, mas não zombarão jamais da filosofia, da sabedoria, da caridade que brilham nas comunicações sérias. Que alhures se veja; que alhures se escute, mas que entre vós haja *compreensão e amor*”.

A expressão “*que entre vós haja compreensão*” é todo um ensinamento. Nós devemos compreender, e procuramos compreender, porque não queremos crer como cegos. O raciocínio é o facho que nos guia. Mas o raciocínio de um só pode transviar-se. Eis porque nos quisemos reunir em sociedade, a fim de nos esclarecermos mutuamente pelo concurso recíproco de nossas ideias e observações. Colocados neste terreno, assemelhamo-nos a todas as demais instituições científicas, e nossos trabalhos produzirão mais prosélitos sérios do que se passássemos o tempo a fazer que as mesas se movessem e dessem pancadas. Em breve estaríamos fartos disso. Nosso pensamento requer um alimento mais sólido e, por isso, buscamos penetrar os mistérios do mundo invisível, cujos primeiros indícios são esses fenômenos elementares. Os que sabem ler se divertem a repetir sem cessar o alfabeto? Talvez tivéssemos maior afluência de curiosos, sucedendo-se em nossas sessões como personagens de um panorama mutável. Mas esses curiosos, que não poderiam adquirir uma convicção improvisada por verem um fenômeno para eles inexplicável que julgariam sem aprofundá-lo, seriam antes um obstáculo aos nossos trabalhos. Eis porque, não querendo desviar-nos do nosso caráter científico, afastamos todo aquele que nos procura sem um objetivo sério.

O Espiritismo tem consequências de tal gravidade; toca em questões de tal alcance; dá a chave de tantos problemas; oferece-nos, enfim, tão profundo ensino filosófico, que ao lado de tudo isso uma mesa girante é pura infantilidade.

A observação dos fatos, sem o raciocínio, dizíamos nós, é insuficiente para dar completa convicção. Poderíamos taxar de leviano aquele que se declarasse convencido por um fato que não tivesse compreendido. Esta maneira de proceder, entretanto, tem outro inconveniente que deve ser assinalado e do qual cada um de nós pode dar testemunho: é a mania de experimentação, como consequência natural disso.

Aquele que vê um fato espírita sem lhe haver estudado todas as suas implicações, geralmente não vê mais que o fato material. Então o julga do ponto de vista de suas próprias ideias, sem pensar que fora das leis comuns pode e deve haver leis desconhecidas. Julga poder manobrá-lo à sua vontade; impõe condições e não se convencerá, conforme diz, se o fato não se repetir de uma certa maneira, e não de outra. Imagina que se fazem experiências com os Espíritos como se fossem uma pilha elétrica. Desconhecendo sua natureza e sua maneira de ser, pois não as estudou, pensa que lhes pode impor a sua vontade, e imagina que eles devem agir a um simples sinal, pelo

simples prazer de convencê-lo. Porque se dispõe a ouvi-los durante quinze minutos, supõe que devam ficar às suas ordens.

São erros em que não caem aqueles que se dão ao trabalho de aprofundar os estudos. Conhecem os obstáculos e não pedem o impossível. Em lugar de quererem convencer do seu ponto de vista os Espíritos, coisa a que eles não se submetem voluntariamente, colocam-se no ponto de vista dos Espíritos, com o que os fenômenos mudam de aspecto. Para isto são necessárias paciência, perseverança e firme vontade, sem o que nada se alcança.

Aquele que realmente quer saber, deve submeter-se às condições da coisa em si, e não querer que esta se submeta às suas próprias condições.

Por isto a Sociedade não se presta a experimentações que não dariam resultado, pois sabe, por experiência, que o Espiritismo, como qualquer outra ciência, não se aprende de um jacto e em poucas horas. Como uma sociedade séria, não quer tratar senão com gente séria, que compreende as obrigações impostas por tal estudo, desde que se queira fazê-lo conscienciosamente. Ela não reconhece como sérios os que dizem: Deixem-me ver um fato e eu me convencerei.

Significa isto que desprezamos os fatos?

Muito pelo contrário, pois toda a nossa ciência está baseada nos fatos. Pesquisamos com interesse todos aqueles que nos oferecem matéria de estudo ou confirmam princípios admitidos. Quero apenas dizer que não perdemos tempo em reproduzir os fatos que já conhecemos, do mesmo modo que um físico não se diverte em repetir incessantemente as experiências que nada de novo lhe ensinam. Dirigimos nossa investigação a tudo quanto possa iluminar nossos caminhos, preferindo as comunicações inteligentes, fonte da filosofia espírita e cujo campo ilimitado é muito mais vasto que o das manifestações puramente materiais, de interesse apenas momentâneo.

Dois sistemas igualmente preconizados e praticados se apresentam na maneira de receber as comunicações de além-túmulo: uns preferem esperar as comunicações espontâneas; outros as provocam por um apelo direto a este ou àquele Espírito. Pretendem os primeiros que na ausência de controle para estabelecer a identidade dos Espíritos, esperando a sua boa vontade, ficamos menos expostos a ser induzidos em erro. Desde que o Espírito fala é porque está presente e quer falar, ao passo que não temos certeza de que aquele que chamamos possa vir e responder. Os outros objetam que deixar falar o primeiro que apareça é abrir a porta tanto aos bons quanto aos maus. A incerteza da identidade não é objeção séria, pois muitas vezes dispomos de meios de constatar-la, sendo que essa constatação é, além do mais, objeto de um estudo ligado aos próprios princípios da ciência. O Espírito que fala espontaneamente limita-se quase sempre às generalidades, enquanto as perguntas lhe traçam um quadro mais positivo e mais instrutivo.

Quanto a nós, apenas condenamos a exclusividade de sistemas. Sabemos que ótimas coisas são obtidas de um e de outro modo. Se preferimos o segundo, é que a experiência nos ensina que nas comunicações espontâneas os Espíritos mistificadores não deixam de enfeitar-se com nomes respeitáveis, tanto quanto nas evocações. Têm mesmo o campo mais livre, ao passo que com as perguntas nós os dominamos muito mais facilmente, sem contar que as perguntas têm incontestável utilidade nos estudos. É a esta maneira de investigar que devemos a quantidade de observações recolhidas diariamente e que nos permitem penetrar mais profundamente nesses extraordinários mistérios. Quanto mais avançamos, mais se nos alarga o horizonte, mostrando quanto é vasto o campo que devemos ceifar.

As numerosas evocações que temos feito permitiram lançássemos o olhar investigador sobre o mundo invisível, de um a outro extremo, isto é, tanto naquilo que há de mais ínfimo quanto no que há de mais sublime. A incontável variedade de fatos e de caracteres que brotaram desses estudos realizados com profunda calma, com atenção contínua e com a prudente circunspecção de observadores sérios, abriu-nos os arcanos desse mundo para nós tão novo.

A ordem e o método aplicado em vossas pesquisas eram elementos indispensáveis ao sucesso.

Com efeito, sabeis por experiência que não basta chamar, ao acaso, o Espírito desta ou daquela pessoa. Os Espíritos não vêm assim, à nossa vontade ou capricho, e não respondem a tudo quanto a fantasia nos leva a lhes perguntar. Com os seres de além-túmulo são necessárias habilidade e uma linguagem adequada à sua natureza; às suas qualidades morais; a seu grau de inteligência; à posição que ocupam. Com eles, e segundo as circunstâncias, devemos ser dominadores ou submissos; compassivos com os que sofrem; humildes e respeitosos com os superiores; firmes com os maus e com os teimosos que só dominam aqueles que os escutam complacentemente. Enfim, é necessário saber formular e encadear metodicamente as perguntas, para que se obtenham respostas mais explícitas; captar nas respostas as nuances que, por vezes, constituem traços característicos, revelações importantes e que escapam ao observador superficial, inexperiente ou ocasional.

A maneira de conversar com os Espíritos é, pois, uma verdadeira arte, que exige tato, conhecimento do terreno que pisamos e constitui, a bem dizer, o Espiritismo prático. Convenientemente dirigidas, as evocações podem ensinar muito. Elas oferecem um poderoso elemento de interesse, de moralidade e de convicção. De interesse porque nos dão a conhecer o estado do mundo que a todos espera, do qual por vezes fazemos uma ideia extravagante; de moralidade porque nelas podemos ver, por analogia, a nossa sorte futura; de convicção, porque temos nessas conversas íntimas a prova manifesta da existência e da individualidade dos Espíritos, que nada mais são do que as nossas próprias almas, desprendidas da matéria terrena.

Desde que esteja formada a vossa opinião geral sobre o Espiritismo, não tendes necessidade de fundamentar as vossas convicções na prova material das manifestações físicas. Por outro lado, aconselhados pelos Espíritos, quisestes limitar-vos ao estudo dos princípios e dos problemas morais, sem que para isso fosse negligenciado o exame dos fenômenos que podem auxiliar na pesquisa da verdade.

A crítica sistemática censurou-nos por aceitarmos muito facilmente as doutrinas de certos Espíritos, sobretudo no que concerne a questões científicas. Essas pessoas mostram, por isso mesmo, que não conhecem o verdadeiro escopo da Ciência Espírita, nem aquele a que nos propomos, com o que nos dão o direito de lhes devolver a censura de leviandade de julgamento.

Certamente não será a vós que pode ser ensinada a reserva com que deve ser acolhido aquilo que vem dos Espíritos. Estamos longe de aceitar tudo quanto eles dizem como artigos de fé. Sabemos que há entre eles todas as nuances de saber e de moralidade. Para nós são toda uma população, que apresenta variedades cem vezes mais numerosas que as que percebemos entre os homens. O que queremos é estudar essa população; é chegar a conhecê-la e compreendê-la. Para tanto, estudamos as individualidades; observamos as diferenças sutis; procuramos identificar os traços distintivos de seus costumes, de seus hábitos, de seu caráter. Queremos, finalmente, identificar-nos, tanto quanto possível, com o estado desse mundo. Antes de ocupar uma habitação gostamos de saber como é ela; se ali estaremos confortavelmente. Queremos

conhecer os hábitos dos vizinhos; o tipo de sociedade que poderemos frequentar. Pois então! É a nossa morada futura. São os costumes da gente em cujo meio iremos viver que os Espíritos nos dão a conhecer.

Mas, assim como entre nós há pessoas ignorantes e de vistas curtas, que fazem uma ideia incompleta do nosso mundo material e do meio que lhes é estranho, também os Espíritos de horizonte moral limitado não podem apreender o conjunto e ainda se acham sob o império dos preconceitos e dos sistemas. Não podem, portanto, instruir-nos sobre tudo quanto se relaciona com o mundo espírita, do mesmo modo que um camponês não poderia fazê-lo em relação à alta sociedade parisiense ou ao mundo da Ciência. Seria, pois, fazer um triste juízo do nosso raciocínio, se pensassem que escutam todos os Espíritos como se fossem oráculos.

Os Espíritos são o que são e nós não podemos alterar a ordem das coisas. Como nem todos são perfeitos, não aceitamos suas palavras senão com reservas e jamais com a credulidade das crianças. Julgamos, comparamos e tiramos conclusões do que observamos. Até mesmo os erros dos Espíritos constituem ensinamentos para nós, uma vez que não renunciamos ao nosso discernimento.

Estas observações aplicam-se igualmente a todas as teorias científicas que os Espíritos podem dar. Seria muito cômodo se bastasse interrogá-los para se encontrar a Ciência acabada e possuir todos os segredos da indústria. Não conquistamos a Ciência senão à custa de trabalho e de pesquisas. A missão dos Espíritos não é livrar-nos dessa obrigação. Nós sabemos, além disso, não apenas que nem todos os Espíritos sabem tudo, como também que há entre eles pseudo-sábios, assim como entre nós, os quais pensam saber aquilo que não sabem e falam daquilo que ignoram com a mais imperturbável audácia.

Um Espírito poderia, pois, dizer que é o Sol que gira, e não a Terra. Sua teoria não seria mais exata pelo fato de provir de um Espírito. Saibam, pois, aqueles que nos atribuem uma credulidade tão pueril, que tomamos toda opinião emitida por um Espírito como uma opinião pessoal; que não a aceitamos senão depois de havê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação fornecidos pela própria Ciência Espírita, meios que vós todos conheceis.

Tal é, senhores, o fim a que se propõe a Sociedade. Não cabe a mim, por certo, vo-lo dizer, posto me agrada recordá-lo aqui, a fim de que se minhas palavras repercutirem lá fora, ninguém se equivoque quanto ao seu verdadeiro sentido. De minha parte sinto-me feliz por não ter tido senão que vos acompanhar neste caminho sério, que eleva o Espiritismo à altura das ciências filosóficas. Vossos trabalhos já produziram frutos, porém os que se produzirão mais tarde são incalculáveis, desde que — e disso não tenho dúvidas — mantenhais as condições propícias a fim de atraídes os bons Espíritos ao vosso meio.

O concurso dos bons Espíritos, tal é, com efeito, a condição sem a qual não se pode esperar a Verdade. Ora, depende de nós obter esse concurso. A primeira de todas as condições para merecermos a sua simpatia é o recolhimento e a pureza das intenções. Os Espíritos sérios vão aonde são chamados seriamente, com fé, fervor e confiança. Eles não gostam de ser usados em experiências, nem de dar espetáculo. Ao contrário, gostam de instruir aqueles que os interrogam sem ideias preconcebidas. Os Espíritos levianos, que se divertem de todos os modos, vão a toda parte e de preferência aos lugares onde encontram ocasião para mistificar. Os maus são atraídos pelos maus pensamentos, e por maus pensamentos devemos compreender todos aqueles que não se conformam com os princípios da caridade evangélica. Assim, pois, quem quer que traga a uma reunião

sentimentos contrários a esses preceitos, traz consigo Espíritos desejosos de semear a perturbação, a discórdia e os desafetos.

A comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem é, assim, uma condição primordial e não é possível encontrar essa comunhão num meio heterogêneo, onde têm acesso paixões inferiores como o orgulho, a inveja e o ciúme, paixões que sempre se revelam pela malevolência e pela acrimônia da linguagem, por mais espesso que seja o véu com que se procure encobri-las. Eis o *abc* da Ciência Espírita. Se quisermos fechar a porta desse recinto aos maus Espíritos, comecemos por fechar-lhes a porta de nossos corações e evitemos tudo quanto lhes possa conferir poder sobre nós. Se algum dia a Sociedade se tornasse juguete dos Espíritos enganadores, é que a ela teriam sido atraídos. Por quem? Por aqueles nos quais eles encontram eco, pois eles vão apenas aonde sabem que são escutados. É conhecido o provérbio: *Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és*. Podemos parodiá-lo em relação aos nossos Espíritos simpáticos, dizendo: *Dize-me o que pensas e dir-te-ei com quem andas*.

Ora, os pensamentos se traduzem por atos. Se admitirmos que a discórdia, o orgulho, a inveja e o ciúme não podem ser inspirados senão por maus Espíritos, aqueles que aqui trouxessem elementos de desunião suscitariam entraves, com o que indicariam a natureza de seus satélites ocultos. Então só poderíamos lamentar sua presença no seio da Sociedade. Queira Deus - e assim o espero - que isto nunca aconteça, e que, auxiliados pelos bons Espíritos, se a estes nos tornarmos favoráveis, a Sociedade se consolide, tanto pela consideração que tiver merecido, quanto pela utilidade de seus trabalhos.

Se tivéssemos em mira apenas experiências para satisfação de nossa curiosidade, a natureza das comunicações seria mais ou menos indiferente, pois nelas veríamos somente o que elas são. Como, porém, em nossos estudos não buscamos uma diversão para nós, nem para o público, mas o que queremos são comunicações verdadeiras, para isso necessitamos da simpatia dos bons Espíritos, e essa simpatia só é conseguida pelos que afastam os maus com a sinceridade de seu coração.

Dizer que Espíritos levianos jamais se introduziram em nosso meio, para encobrirmos qualquer ponto vulnerável de nossa parte, seria muita presunção de perfeição. Os Espíritos superiores podem até mesmo permiti-lo, a fim de experimentar a nossa perspicácia e o nosso zelo na busca da verdade. Entretanto, o nosso raciocínio deve pô-los em guarda contra as ciladas que nos podem ser armadas e em todos os casos dá-nos os meios de evitá-las.

O objetivo da Sociedade não é apenas a pesquisa dos princípios da Ciência Espírita. Ela vai mais longe. Estuda também as suas consequências morais, pois é principalmente nestas que está a sua verdadeira utilidade.

Ensinam os nossos estudos que o mundo invisível que nos circunda reage constantemente sobre o mundo visível e no-lo mostram como uma das forças da Natureza. Conhecer os efeitos dessa força oculta que nos domina e nos subjuga malgrado nosso, não será ter a chave de muitos problemas, as explicações de uma porção de fatos que passam despercebidos? Se esses efeitos podem ser funestos, conhecer a causa do mal não é ter um meio de preservar-se contra ele, assim como o conhecimento das propriedades da eletricidade nos deu o meio de atenuar os desastrosos efeitos do raio? Se então sucumbirmos, não nos poderemos queixar senão de nós mesmos, porque a ignorância não nos servirá de desculpa. O perigo está no império que os maus Espíritos exercem sobre as pessoas, o que não é apenas uma coisa funesta do ponto de vista dos erros de princípios que eles podem propagar, como ainda do ponto de vista dos interesses da vida material. Ensina a experiência que jamais nos

abandonamos impunemente ao domínio dos maus Espíritos, porque suas intenções jamais podem ser boas. Uma de suas táticas para alcançar os seus fins é a desunião, pois sabem muito bem que podem facilmente dominar quem estiver sem apoio. Assim, o seu primeiro cuidado, quando querem apoderar-se de alguém, é sempre inspirar-lhe a desconfiança e o isolamento, a fim de que ninguém possa desmascará-los esclarecendo-o com conselhos salutares. Uma vez senhores do terreno, podem à vontade fascinar a pessoa com promessas sedutoras; subjugá-la por meio da lisonja às suas inclinações, para o que aproveitam o lado fraco que descobrem a fim de melhor fazê-la sentir, depois, a amargura das decepções; feri-la nas suas afeições; humilhá-la no seu orgulho e, muitas vezes, elevá-la por um instante apenas para precipitá-la de mais alto.

Eis, senhores, o que nos mostram os exemplos que a cada momento se desdobram aos nossos olhos, tanto no mundo dos Espíritos quanto no mundo corpóreo, circunstância que podemos aproveitar para nós próprios, ao mesmo tempo que procuramos torná-la proveitosa aos outros.

Entretanto, perguntarão se não atrairemos os maus Espíritos, evocando homens que foram o rebotalho da Sociedade.

Não, porque jamais sofremos a sua influência. Só haverá perigo quando é o *Espírito que se impõe; nunca, porém, quando nos impomos ao Espírito*. Sabeis que tais Espíritos não atendem ao vosso chamado senão constrangidos e forçados; que em geral se acham tão deslocados em vosso meio que têm pressa em retirar-se. Para nós sua presença é um estudo, porque para conhecer é necessário ver tudo. O médico não chega ao apogeu do conhecimento senão sondando as mais hediondas chagas.

Ora, essa comparação do médico é tanto mais justa quanto mais sabeis das chagas que temos curado e dos sofrimentos que temos aliviado. Nosso dever é nos mostrarmos caridosos e benevolentes para com os seres de além-túmulo, assim como para com os nossos semelhantes.

Senhores, pessoalmente eu desfrutaria de um privilégio extraordinário se tivesse ficado isento de crítica. Não nos pomos em evidência sem nos expormos aos dardos dos que não pensam como nós. Há, porém, duas espécies de crítica: uma que é malévola, acerba, envenenada, na qual o ciúme se trai a cada palavra; a outra, que visa a sincera procura da verdade, tem características absolutamente diversas. A primeira só merece o desdém. Jamais com ela me preocupei. Só a outra é discutível.

Algumas pessoas disseram que fui muito precipitado nas teorias espíritas; que ainda não havia chegado o tempo de estabelecê-las, pois as observações não estavam completas.

Permiti-me algumas palavras sobre o assunto.

Duas coisas há que considerar no Espiritismo: a parte experimental e a filosófica ou teórica.

Abstração feita do ensino dos Espíritos, pergunto se, em meu nome, não tenho, como tantos outros, o direito de elucubrar um sistema filosófico. Não está o campo da opinião aberto a todo mundo? Por que, então, não posso dar a conhecer o meu? Cabe ao público julgar se ele tem ou não tem sentido.

Mas essa teoria, em vez de me conferir qualquer mérito, se mérito ela tem, eu declaro que emana inteiramente dos Espíritos.

— Vá lá que seja, dirão alguns, mas isto é ir muito longe.

— Aqueles que pretendem dar a chave dos mistérios da Criação; desvendar o princípio das coisas e a natureza infinita de Deus, não vão mais longe do que eu, que

declaro, em nome dos Espíritos, que não é dado ao homem aprofundar essas coisas sobre as quais só podemos fazer conjecturas mais ou menos prováveis.

— Andais muito depressa.

— Mas seria erro tomar a dianteira a certas pessoas? Aliás, quem as impede de andar?

— Os fatos não foram ainda suficientemente observados.

— Como não? Certo ou errado, eu creio tê-los observado suficientemente. Devo esperar as boas disposições dos que ficam para trás? Minhas publicações não barram o caminho a ninguém.

— Sendo os Espíritos sujeitos a erro, quem vos diz que aqueles que vos deram instruções não se tenham enganado?

— Com efeito, toda a questão reside nisto, pois a objeção de precipitação é muito pueril. Ora! Eu devo dizer em que se funda a minha confiança na veracidade e na superioridade dos Espíritos que me instruíram. Para começar direi que, conforme o seu conselho, nada aceito sem controle e sem exame. Só adoto uma ideia quando ela me parece racional, lógica e concorde com os fatos e as observações, desde que nada de sério venha contradizê-la. Entretanto, meu julgamento não poderá ser um critério infalível. O assentimento que encontrei por parte de pessoas mais esclarecidas do que eu dá-me a primeira garantia. Mas eu encontro outra não menos preponderante no caráter das comunicações que foram feitas, desde que me ocupo de Espiritismo. Jamais — posso dizê-lo — escapou uma única dessas palavras, um só desses sinais pelos quais sempre se traem os Espíritos inferiores, mesmo os mais astuciosos. Jamais dominação; jamais conselhos equívocos ou contrários à caridade e à benevolência; jamais prescrições ridículas. Longe disso, neles só encontrei pensamentos grandes, nobres, sublimes, isentos de pequenez e de mesquinharia. Numa palavra, suas relações comigo, nas menores como nas maiores coisas, foram sempre tais que, se tivesse sido um homem que me falasse, eu o teria considerado o melhor, o mais sábio, o mais prudente, o mais moralizado e o mais esclarecido.

Senhores, aqui estão os motivos de minha confiança, corroborada pela identidade do ensino dado a uma porção de outras pessoas, antes e depois da publicação de minhas obras. O futuro dirá se estou certo ou errado. Enquanto isto, creio ter ajudado o progresso do Espiritismo, colocando algumas pedras em seu edifício. Mostrando que os fatos podem assentar-se no raciocínio, terei contribuído para fazê-lo sair do caminho frívolo da curiosidade, a fim de fazê-lo entrar na via séria da demonstração, a única apta a satisfazer aos homens que pensam e que não se detêm na superfície.

Termino, meus senhores, pelo rápido exame de uma questão atual.

Fala-se de outras sociedades que desejam rivalizar com a nossa.

Dizem que uma delas já conta com 300 membros e que possui recursos financeiros consideráveis. Quero crer que não seja uma fanfarronada, tão pouco elogiável para os Espíritos que a tiverem suscitado quanto para aqueles que lhe fazem eco. Se for uma realidade, nós a felicitamos sinceramente, desde que ela obtenha a necessária unidade de sentimentos para frustrar a influência dos maus Espíritos e consolidar a sua existência.

Desconheço completamente quais são os elementos da sociedade ou das sociedades que dizem em formação. Farei apenas uma observação geral.

Há em Paris e alhures uma porção de reuniões íntimas, como outrora foi a nossa, onde se trata mais ou menos seriamente das manifestações espíritas, sem falar dos Estados Unidos, onde elas se contam aos milhares. Conheço algumas nas quais as

evocações são feitas nas melhores condições e onde são obtidas coisas notáveis. É a consequência natural do número crescente de médiuns que se desenvolvem de todos os lados, a despeito dos sarcasmos. E quanto mais avançarmos, mais se multiplicarão esses centros.

Formados espontaneamente de elementos muito pouco numerosos e variáveis, esses centros nada têm de fixo nem de regular e não constituem sociedades propriamente ditas. Para uma sociedade regularmente organizada são necessárias condições de vitalidade completamente diversas, em razão do próprio número de pessoas que as compõem, de sua estabilidade e de sua permanência. A primeira dessas condições é a *homogeneidade* de princípios e da maneira de ver. Toda sociedade formada de elementos heterogêneos traz em si o germe da dissolução. Podemos considerá-la natimorta, seja qual for o seu objetivo: político, religioso, científico ou econômico.

Uma sociedade espírita requer outra condição — a assistência dos bons Espíritos — se quisermos obter comunicações sérias, porque dos maus, caso lhes permitamos tomarem pé, nada obteremos senão mentiras, decepções e mistificação. Este é o preço de sua própria existência, pois que os maus serão os primeiros agentes de sua destruição. Eles a minarão pouco a pouco, caso não a derrubem logo de início.

Sem homogeneidade não haverá comunhão de pensamentos e, portanto, não serão possíveis nem calma nem recolhimento. Ora, os bons só se apresentam onde encontram tais condições. Como encontrá-las numa reunião onde as crenças são divergentes, onde alguns nem mesmo creem e, por conseguinte, onde domina incessantemente o espírito de oposição e de controvérsia? Eles só assistem aos que desejam ardentemente esclarecer-se para o bem, sem segundas intenções, e não para satisfazer uma vã curiosidade.

Querer formar uma sociedade espírita fora destas condições seria dar provas da mais absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo.

Seríamos nós, pois, os únicos capazes de reuni-las? Seria muito impertinente e além do mais muito ridículo de nossa parte assim pensar. Aquilo que nós fizemos, outros seguramente podem fazê-lo. Que outras sociedades se ocupem, então, de trabalhos iguais aos nossos, prosperem e se multipliquem. Tanto melhor; mil vezes melhor, porque será um sinal de progresso nas ideias morais. Tanto melhor, sobretudo, se forem bem assistidas e se tiverem boas comunicações, das quais não pretendemos possuir o privilégio. Como só visamos a nossa instrução pessoal e o interesse da Ciência, que a nossa sociedade não oculte nenhuma ideia e especulação *direta ou indireta*, nenhuma ambição e que sua existência não repouse sobre uma questão de dinheiro. Que as outras sociedades sejam consideradas como nossas irmãs e não concorrentes. Se formos invejosos, provaremos que somos assistidos por maus Espíritos. Se uma delas se constituísse para nos criar rivalidades, com a ideia preconcebida de nos suplantar, por seu objetivo revelaria a própria natureza dos Espíritos que presidiram à sua formação, desde que um tal pensamento nem seria bom, nem caridoso, e os bons Espíritos não simpatizam com os sentimentos de ódio, ciúme e ambição.

Aliás, nós possuímos um meio infalível para não temer nenhuma rivalidade. É o que nos dá São Luís: *Que haja entre vós compreensão e amor*, disse-nos ele. Trabalhem, pois, para nos compreendermos. Lutemos com os outros, mas lutemos com caridade e com abnegação. Que o amor ao próximo esteja inscrito em nossa bandeira e seja a nossa divisa. Com isto desafiaremos a zombaria e a influência dos maus Espíritos. Neste particular poderão igualar-nos, e assim será melhor, pois serão irmãos que nos chegam. De nós depende, entretanto, não sermos nunca ultrapassados.

Mas, dirão, vós tendes uma maneira de ver que não é a nossa. Não podemos simpatizar com princípios que não admitimos, porque nada prova que estejais com a verdade. A isto responderei: nada prova que estejais mais certos do que nós, pois que ainda duvidais, e a dúvida não é uma doutrina. A gente pode divergir de opinião sobre pontos da Ciência, sem se morder nem atirar pedras, o que seria pouco digno e pouco científico. Pesquisai, pois, do vosso lado, como nós pesquisamos do nosso. O futuro dará razão a quem de direito. Se nos enganarmos, não teremos o tolo amor-próprio de persistir em ideias falsas. Há, porém, princípios sobre os quais temos a certeza de não estar enganados: o amor ao bem, a abnegação e a abjuração de todo sentimento de inveja e de ciúme.

Estes são os nossos princípios, com os quais sempre é possível simpatizar sem comprometimento. É o laço que deve unir todos os homens de bem, seja qual for a sua divergência de opinião. Só o egoísmo põe entre eles uma barreira intransponível.

São estas, meus senhores, as observações que acreditei dever apresentar-vos ao deixar as funções que me confiastes. Do fundo do coração agradeço a todos aqueles que me testemunharam simpatia. Aconteça o que acontecer, minha vida está consagrada à obra que empreendemos e eu me sentirei feliz se meus esforços puderem ajudar a fazê-la entrar no caminho sério que é a sua essência, o único que lhe pode assegurar o futuro.

A finalidade do Espiritismo é melhorar aqueles que o compreendem. Procuremos dar o exemplo e mostrar que para nós a doutrina não é letra morta. Numa palavra, sejamos dignos dos bons Espíritos, se quisermos que eles nos assistam. O bem é uma couraça contra a qual virão sempre quebrar-se as armas da malevolência.

ALLAN KARDEC.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sexta-feira, 9 de março de 1860 (sessão particular.)

Leitura do projeto de modificações a introduzir no regulamento da Sociedade.

A esse respeito, o Sr. Allan Kardec apresenta as observações seguintes:

Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade.

“Senhores,

“Algumas pessoas parecem enganadas quanto ao verdadeiro objetivo e o caráter da Sociedade; permiti-me lembrá-los em poucas palavras.

“O objetivo da Sociedade está claramente definido por seu título e no preâmbulo do regulamento atual; esse objetivo é essencialmente e, pode-se dizer, exclusivamente, o estudo da ciência Espírita. O que queremos, antes de tudo, não é nos convencermos, pois já o estamos, mas instruir-nos e aprender aquilo que não sabemos. Para tanto, queremos nos colocar nas condições mais favoráveis; como esses estudos exigem a calma e o recolhimento, nós queremos evitar tudo o que seria causa de perturbações. Tal é a consideração que deve prevalecer na apreciação das medidas que adotarmos.

“Partindo deste princípio, a Sociedade não se coloca de modo algum como uma Sociedade de propaganda. Sem dúvida, cada um de nós deseja a difusão das ideias que julga justas e úteis; e para isso contribui no círculo de suas relações e na medida de suas forças, mas seria falso julgar que para isso seja necessário estar reunidos em sociedade, e mais falso ainda crer que a Sociedade seja a coluna sem a qual o Espiritismo estaria em perigo. Estando a nossa Sociedade regularmente constituída, por isso mesmo procede com mais ordem e método do que se marchasse ao acaso; mas, fora isso, ela não é mais preponderante do que milhares de sociedades livres ou reuniões particulares que existem na França e no estrangeiro. Ainda uma vez, o que ela quer é instruir-se; eis porque não admite em seu seio senão pessoas sérias e animadas do mesmo desejo, porque o antagonismo de princípios é uma causa de perturbação; eu falo de um antagonismo sistemático sobre as bases fundamentais, pois ela não poderia, sem se contradizer, afastar a discussão sobre questões de detalhe. Se ela adotou certos princípios gerais, não é por um estreito espírito de exclusivismo; ela tudo viu, tudo estudou, tudo comparou, e foi após isso que formou uma opinião baseada na experiência e no raciocínio; somente o futuro pode se encarregar de lhe dar razão ou não. Mas, enquanto espera, ela não busca nenhuma supremacia, e só aqueles que não a conhecem podem lhe supor a ridícula pretensão de absorver todos os partidários do Espiritismo, ou de se colocar como reguladora universal. Se ela não existisse, cada um de nós se instruiria por seu lado, e, em vez de uma única reunião, talvez formássemos dez ou vinte, e eis toda a diferença. Nós não impomos nossas ideias a ninguém; aqueles que as adotam é porque as consideram justas; os que vêm a nós é porque pensam aqui encontrar ocasião de aprender, mas isto não é como *afiliação*, pois nós não formamos *nem seita, nem partido*; estamos reunidos para o estudo do Espiritismo como outros para o estudo da Frenologia, da História ou de outras ciências; e como nossas reuniões não se baseiam sobre nenhum interesse material, pouco nos importa se outras se formam ao nosso lado. Seria, em verdade, atribuir-nos ideias muito mesquinhas, estreitas e pueris, crer que as veríamos com olhos ciumentos, e os que pensassem em criar-nos *rivalidades*, mostrariam, por isso mesmo, quão pouco compreendem o verdadeiro espírito da doutrina; não lamentaríamos senão uma coisa: é que eles nos conheçam tão mal, a ponto de nos suporem acessíveis ao ignóbil sentimento da inveja. Que empresas mercenárias rivais, que podem ser

prejudicadas pela concorrência, se vejam com maus olhos, isto se concebe; mas se essas reuniões não têm em vista, como deve ser, senão um interesse puramente moral, se nelas não se mistura nenhuma consideração *mercantil*, pergunto em que podem elas ser prejudicadas pela multiplicidade? Dir-se-á, por certo, que se não há interesse material, há o do amor próprio, o desejo de destruir o crédito moral do vizinho; mas esse móvel seria talvez mais ignóbil ainda. Se assim fosse - o que a Deus não agrada - teríamos apenas que lamentar aqueles que fossem movidos por semelhantes pensamentos. Quereis ultrapassar seu vizinho? Tratai de fazer melhor que ele; eis aí uma luta nobre e digna, se não for manchada pela inveja e pelo ciúme.

Eis, pois, senhores, um ponto essencial a não perder de vista, é que nem formamos uma seita, nem uma sociedade de propaganda, nem uma corporação com um interesse comum; se cessássemos de existir, o Espiritismo não sofreria nenhum dano, e de nossos restos vinte outras sociedades se formariam. Portanto, os que buscassem destruir-nos, visando entravar o progresso das ideias espíritas, nada ganhariam. É preciso que saibam que as raízes do Espiritismo não estão na nossa Sociedade, mas no mundo inteiro. Há algo de mais poderoso do que eles, de mais influente que todas as sociedades: é a doutrina que vai ao coração e à razão dos que a compreendem; e sobretudo dos que a praticam.

Esses princípios, senhores, indicam-nos o verdadeiro caráter do nosso regulamento, que nada tem de comum com os estatutos de uma corporação; nenhum contrato nos liga uns aos outros; fora de nossas sessões, não temos outra obrigação recíproca senão a de nos comportarmos como gente bem educada. Os que não encontrarem nestas reuniões o que esperavam encontrar têm toda liberdade de se retirar, e eu não conceberia mesmo que eles aqui ficassem, no momento em que o que aqui fizemos não lhes convenha. Não seria racional que aqui viessem perder seu tempo.

Em toda reunião é preciso uma regra para a manutenção da boa ordem; nosso regulamento não é, pois, senão uma palavra de ordem destinada a estabelecer a organização de nossas sessões, a manter, entre as pessoas que as assistem, as relações de urbanidade e conveniência que devem presidir a todas as assembleias de pessoas de boas maneiras, abstração feita das condições inerentes à especialidade de nossos trabalhos, pois não tratamos apenas com homens, mas também com Espíritos que, como sabeis, não são todos bons e contra a falsidade dos quais é preciso se colocar em guarda. Entre eles, alguns há muito astuciosos, que podem mesmo, por ódio do bem, nos empurrar numa via perigosa; cabe a nós ter bastante prudência e perspicácia para frustrá-los, o que nos obriga a tomar precauções particulares.

Lembrai-vos, senhores, da maneira como a Sociedade se formou. Eu recebia em minha casa algumas pessoas em *petit comité*; tendo esse número aumentado, foi dito: é preciso um local maior. Para tê-lo, era preciso pagar, então teríamos que nos cotizar. Foi dito ainda: é preciso ordem nas sessões; não podemos admitir o primeiro que chegar, então é necessário um regulamento; eis toda a história da Sociedade. Ela é muito simples, como vedes. A ideia de fundar uma instituição não passou pelo pensamento de ninguém, nem a de ocupar-se do que quer que fosse, fora dos estudos, e eu declaro mesmo, de maneira muito formal, que se por ventura a Sociedade quisesse ir além desse objetivo, eu não a seguiria.

Aquilo que eu fiz, outros são senhores para fazer por seu lado, ocupando-se à sua vontade e segundo o seu gosto, suas ideias, seus pontos de vista particulares; e esses diferentes grupos podem entender-se perfeitamente e viver como bons vizinhos. Como é materialmente impossível reunir todos os partidários do Espiritismo num mesmo local, a menos que se tomasse um lugar público para as assembleias, esses diferentes grupos devem ser frações de um grande todo, mas não seitas rivais; e o mesmo grupo, tornando-

se muito numeroso, pode se subdividir como os enxames de abelhas. Esses grupos já existem em grande número e se multiplicam todos os dias. Ora, é precisamente contra essa multiplicidade que a má vontade dos inimigos do Espiritismo virá se quebrar, pois os entraves teriam por efeito inevitável, e pela força mesma das coisas, multiplicar as reuniões particulares.

Há no entanto, é preciso convir, entre certos grupos, uma espécie de rivalidade ou antes de antagonismo; qual a causa disso? Ó meu Deus! Essa causa está na fragilidade humana, no espírito de orgulho que quer se impor; está, sobretudo, no conhecimento ainda incompleto dos verdadeiros princípios do Espiritismo. Cada um defende seus Espíritos, como outrora as cidades da Grécia defendiam os seus deuses, que, diga-se de passagem, não eram outros senão os Espíritos mais, ou menos, bons. Essas dissidências só existem porque há pessoas que querem julgar antes de terem tudo visto, ou que julgam do ponto de vista de sua personalidade; elas se apagarão, como muitas já se apagaram, à medida que a ciência se formular; pois, em definitivo, a verdade é uma, e sairá do exame imparcial das diferentes opiniões. Esperando que a luz se faça sobre todos os pontos, qual será o juiz? A razão, direis; mas quando duas pessoas se contradizem, cada uma invoca a sua razão; qual razão superior decidirá entre essas duas razões?

Sem nos determos sobre a forma mais ou menos imponente da linguagem, forma que sabem muito bem utilizar os Espíritos impostores e falsos sábios para seduzir, pelas aparências, nós partimos do princípio de que os bons Espíritos não aconselham senão o bem, a união, a concórdia; que sua linguagem é sempre simples, modesta, penetrada de benevolência, isenta de acrimônia, de arrogância e de presunção, em uma palavra, que tudo neles respira a mais pura caridade. A caridade, eis o verdadeiro critério para julgar os Espíritos e para julgar a si mesmo. Quem quer que, sondando o foro íntimo de sua consciência, aí encontrar um germe de rancor contra seu próximo, mesmo um simples desejo do mal, pode dizer a si mesmo, com certeza, que é solicitado por um mau Espírito, pois esquece esta máxima do Cristo: "Sereis perdoados como vós mesmos houverdes perdoado." Por conseguinte, se houvesse rivalidade entre dois grupos espíritas, os Espíritos verdadeiramente bons não poderiam estar do lado daquele que lançasse anátema ao outro, porque jamais um homem sensato poderia crer que o ciúme, o rancor, a malevolência, numa palavra, todo sentimento contrário à caridade pudesse emanar de uma fonte pura. Buscai então de que lado há mais caridade *prática* e não em palavras, e reconheceréis sem esforço de qual lado estão os melhores Espíritos e, por conseguinte, dos quais se tem mais razão de esperar a verdade.

Essas considerações, senhores, longe de nos afastar do nosso assunto, colocam-nos no verdadeiro terreno. O regulamento, encarado desse ponto de vista, perde completamente seu caráter de contrato, para revestir aquele, bem mais modesto, de uma simples regra disciplinar.

Todas as reuniões, seja qual for seu objeto, devem se premunir contra um escolho, o dos caracteres desordenados que parecem nascidos para semear a perturbação e a cizânia em toda parte onde se encontrem; a desordem e a contradição são seu elemento. As reuniões espíritas tem, mais que outras, que temê-los, porque as melhores comunicações só são obtidas numa calma e num recolhimento incompatíveis com sua presença e com a dos Espíritos simpáticos que eles trazem.

Em resumo, o que devemos buscar é remover todas as causas de perturbação e de interrupção; é manter entre nós as boas relações, de que os espíritas sinceros devem, mais que outros, dar o exemplo; é opor-nos, por todos os meios possíveis, a que a Sociedade se afaste do seu objetivo, que aborde questões que não são de sua alçada, e que degenerem em arena de controvérsia e de personalismo. O que nós devemos buscar

ainda, é a possibilidade de execução, simplificando o mais possível as engrenagens. Quanto mais complicadas forem essas engrenagens, mais haverá causas de perturbação; o relaxamento se introduziria pela força das coisas, e do relaxamento à anarquia há apenas um passo.”

Revista Espírita de outubro de 1860

Banquete oferecido pelos espíritas Lioneses ao Sr. Allan Kardec

A 19 DE SETEMBRO DE 1860

Nessa reunião íntima e familiar, um dos sócios, Sr. Guillaume, teve a bondade de expor os sentimentos dos espíritas lioneses na alocução que segue. Lendo-a, todos compreenderão que devemos ter hesitado em publicá-la na *Revista*, apesar do desejo que nesse sentido nos foi expresso. Assim, só cedendo a instâncias foi que concordamos, temerosos, por outro lado, de que a recusa pudesse significar falta de reconhecimento aos testemunhos de simpatia que recebemos. Rogamos, pois, aos leitores, que façam abstração da pessoa e não vejam nas palavras senão uma homenagem prestada à Doutrina.

“Ao Sr. Allan Kardec; ao zeloso propagador da Doutrina Espírita!

“É à sua coragem, às suas luzes e à sua perseverança devotada que devemos a felicidade de estarmos hoje reunidos, neste banquete simpático e fraterno.

“Que todos os espíritas de Lyon jamais esqueçam que, se têm a felicidade de sentir-se melhorados, malgrado todas as influências perniciosas que sempre desviam o homem do caminho do bem, devem-no ao *Livro dos Espíritos*.

“Se sua existência se suavizou; se seu coração está mais depurado e mais afetuoso; se expulsaram a cólera e a vingança, devem-no ao *Livro dos Espíritos*.

“Se na vida privada suportam com coragem os revezes da fortuna; se repelem todos os meios baseados na astúcia e na mentira, para adquirirem os bens terrenos, devem-no ao *Livro dos Espíritos*, que os fez compreenderem a prova e acendeu-lhes a luz que expulsa as trevas.

“Se um dia, que talvez não esteja longe, os homens se tornarem humanos, fraternos e dedicados a uma mesma fé; se a caridade não mais for para eles uma palavra vã, isso ainda deverão ao *Livro dos Espíritos*, ditado pelos melhores dentre eles ao Sr. Allan Kardec, escolhido para espalhar a luz.

“À união sincera dos espíritas lioneses! À Sociedade Espírita Parisiense, cuja radiação a todos nos esclareceu, que é a sentinela avançada, encarregada de limpar a difícil estrada do progresso! Paris é o cérebro do Espiritismo, como Lyon deve merecer, por sua união, seu trabalho, suas luzes e seu amor, ser considerada o seu coração.

“Quando o coração e o espírito estiverem unidos na mesma fé, para atingir o mesmo objetivo, bem logo só haverá na França irmãos amorosos e dedicados. Cresçamos, pois, pela união no amor, e em breve os nossos sentimentos, os nossos princípios cobrirão o mundo inteiro. O Espiritismo, senhoras e senhores, é o único meio para chegarmos prontamente ao Reino de Deus.

“Honra à Sociedade Espírita Parisiense! Honra ao Sr. Allan Kardec, o fundador e o primeiro elo da grande corrente espírita!”

GUILLAUME

RESPOSTA DO SR. ALLAN KARDEC

Senhoras, senhores, e vós todos, meus caros e bons irmãos no Espiritismo.

A acolhida tão amiga e benevolente que recebo entre vós, desde a minha chegada, seria bastante para me encher de orgulho, se eu não compreendesse que tais testemunhos se dirigem menos à pessoa do que à Doutrina, da qual não passo de um dos mais humildes obreiros. É a consagração de um princípio e me sinto duplamente feliz, porque esse princípio deve um dia assegurar a felicidade do homem e o repouso da Sociedade, quando for bem compreendido, e ainda melhor quando for praticado. Seus adversários só o combatem porque não o compreendem. Cabe a nós; cabe aos verdadeiros espíritas, àqueles que veem no Espiritismo algo mais do que experiências mais ou menos curiosas, fazê-lo compreendido e propagá-lo, tanto pregando pelo exemplo quanto pela palavra. O *Livro dos Espíritos* teve como resultado demonstrar o seu alcance filosófico. Se esse livro tem qualquer mérito, seria presunção minha orgulhar-me disso, porque a doutrina que ele encerra não é criação minha. Toda honra pelo bem que ele fez cabe aos sábios Espíritos que o ditaram e que quiseram servir-se de mim. Posso, pois, ouvir o elogio sem que seja ferida a minha modéstia, e sem que o meu amor-próprio por isso fique exaltado. Se eu desejasse prevalecer-me disto, certamente teria reivindicado a sua concepção, em vez de atribuí-la aos Espíritos; e se se pudesse duvidar da superioridade daqueles que cooperaram, bastaria considerar a influência que ele exerceu em tão pouco tempo, só pelo poder da lógica, e sem qualquer dos meios materiais próprios para superexcitar a curiosidade.

Seja como for, senhores, a cordialidade do vosso acolhimento será para mim um poderoso encorajamento na tarefa laboriosa que empreendi e da qual fiz a razão de minha vida, porque me dá a certeza consoladora de que os homens de coração já não são tão raros neste século materialista, como gostam de proclamá-lo. Os sentimentos que fazem nascer em mim esses testemunhos benevolentes são melhor compreendidos do que expressados; e o que lhes dá, aos meus olhos, um valor inestimável, é que não têm por móvel qualquer consideração pessoal. Eu vo-lo agradeço do fundo do coração, em nome do Espiritismo, sobretudo em nome da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que sentir-se-á feliz pelas mostras de simpatia que tendes a bondade de lhe dar, e orgulhosa de contar em Lyon tão grande número de bons e leais confrades. Permitti-me retrair, nalgumas palavras, as impressões que levo de minha breve passagem entre vós.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o número de adeptos. Eu bem sabia que Lyon os contava em grande número, mas estava longe de suspeitar fosse tão considerável, pois são contados às centenas e em breve, espero, serão incontáveis. Mas se Lyon se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que é ainda melhor. Por toda parte só encontrei espíritas sinceros, que compreendem a Doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista.

Há, senhores, três categorias de adeptos: Os primeiros se limitam a acreditar na realidade das manifestações e, antes de tudo, buscam os fenômenos. Para esses o Espiritismo é simplesmente uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os segundos veem mais do que os fatos. Compreendem o seu alcance filosófico; admiram a moral dele decorrente, mas não a praticam. Para eles, a caridade cristã é uma bela máxima, e eis tudo.

Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: praticam-na e aceitam todas as suas consequências. Bem convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, buscam tirar proveito desses curtos instantes para marchar na via do progresso que lhes traçam os Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e reprimir suas

inclinações más. Suas relações são sempre seguras, porque suas convicções afastam-nos de todo pensamento do mal. Em tudo a caridade lhes é regra de conduta. Estes são os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*.

Ora, Senhores! Eu vos digo com satisfação que aqui não encontrei nenhum adepto da primeira categoria. Em parte alguma vi se ocuparem do Espiritismo por mera curiosidade. Em parte alguma vi se servirem das comunicações para assuntos fúteis. Em toda parte o objetivo é sério e as intenções honestas. A crer no que vejo e no que me dizem, há muitos da terceira categoria. Honra, pois, aos espíritas lioneses, por haverem tão largamente penetrado essa via progressiva, sem a qual o Espiritismo não teria objetivo. Tal exemplo não será perdido, e terá suas consequências. Não foi sem razão, bem o vejo, que outro dia os Espíritos me responderam, por um dos vossos mais dedicados médiuns, posto que um dos mais obscuros, quando eu lhes manifestava minha surpresa: *“Por que admirar-te? Lyon foi a cidade dos mártires. A fé aqui é viva. Ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é o cérebro, Lyon será o coração.”* A coincidência desta resposta com a que vos foi dada precedentemente, e que o Sr. Guillaume acaba de recordar em sua alocução, tem algo de muito significativo.

A rapidez com que a Doutrina se propagou nos últimos tempos, malgrado a oposição que ainda encontra, ou talvez por causa dessa oposição, pode ensejar-nos prever o futuro. Evitemos, pois, por prudência, tudo quanto possa produzir uma impressão degradável. Evitemos, não digo de perder uma causa já assegurada, mas retardar-lhe o desenvolvimento. Sigamos nisto os conselhos dos sábios Espíritos e não esqueçamos que, no mundo, muitos resultados foram comprometidos por excesso de precipitação. Não esqueçamos, tampouco, que nossos inimigos do outro mundo, assim como os deste, podem procurar arrastar-nos por uma via perigosa.

Pedistes-me alguns conselhos e para mim é um prazer vos dar aqueles que a experiência puder sugerir-me. Não passarão, sempre, de uma opinião pessoal, que vos convido a ponderar com a vossa sabedoria e da qual fareis o uso que vos parecer mais adequado, pois não tenho a pretensão de me impor como árbitro absoluto.

Tínheis a intenção de formar uma grande sociedade. A respeito, já vos dei o meu modo de pensar e me limitarei a resumi-lo aqui.

Sabe-se que as melhores comunicações são obtidas em reuniões pouco numerosas, nas quais reina a harmonia e uma comunhão de sentimentos. Ora, quanto maior for o número, tanto mais difícil será a obtenção dessa homogeneidade. Como é impossível que no começo de uma ciência, ainda tão nova, não surgissem algumas divergências na maneira de apreciar certas coisas, dessa divergência infalivelmente nasceria um mal-estar, que poderia conduzir à desunião. Ao contrário, os pequenos grupos serão sempre mais homogêneos. Nos pequenos grupos, todos se conhecem melhor, estão mais em família, e podem ser com melhor critério admitidos aqueles que desejamos. Como, em definitivo, todos tendem para um mesmo fim, podem entender-se perfeitamente e entender-se-ão tanto melhor por não haver aquela suscetibilidade incessante, que é incompatível com o recolhimento e a concentração de espírito. Os maus Espíritos que buscam incessantemente semear a discórdia, irritando suscetibilidades, terão sempre menos domínio num pequeno grupo do que num meio numeroso e heterogêneo. Numa palavra, a unidade de vistas e de sentimento será aí mais fácil de se estabelecer.

A multiplicidade de grupos tem outra vantagem: a de obter uma variedade muito maior de comunicações, pela diversidade de aptidões dos médiuns. Que essas reuniões parciais compartilhem com os outros pequenos grupos o que elas obtêm, cada uma por seu lado, e todas aproveitarão assim os seus mútuos trabalhos. Aliás, chegará o momento em que o número de aderentes não mais permitirá uma reunião única, e o grupo deverá

fracionar-se pela força das coisas. Por isso seria melhor fazer imediatamente aquilo que serão obrigados a fazer mais tarde.

Do ponto de vista da propaganda, sem dúvida não é nas grandes reuniões que os neófitos podem colher elementos de convicção, mas na intimidade. Há, pois, um duplo motivo para preferir os pequenos grupos, que se podem multiplicar ao infinito. Ora, vinte grupos de dez pessoas, por exemplo, inquestionavelmente obterão mais, e farão mais prosélitos do que uma reunião única de duzentas pessoas.

Falei, há pouco, das divergências que podem surgir, e disse que elas não devem criar obstáculos ao perfeito entendimento entre os centros. Com efeito, essas divergências só podem dar-se nos detalhes e não no fundo. O objetivo é o mesmo: o melhoramento moral; o meio é o mesmo: o ensinamento dado pelos Espíritos. Se tal ensino fosse contraditório; se, evidentemente, um devesse ser falso e o outro verdadeiro, notai bem que isto não poderia alterar o objetivo, que é o de conduzir o homem ao bem, para sua maior felicidade presente e futura. Ora, o bem não poderia ter dois pesos e duas medidas. Contudo, do ponto de vista científico ou dogmático, é útil, ou pelo menos interessante, saber quem está certo e quem está errado. Então! Tendes um critério infalível para apreciá-lo, quer se trate de simples detalhe ou de sistemas radicalmente divergentes. Isto não se aplica somente aos sistemas espíritas, mas a todos os sistemas filosóficos.

Examinai antes o que é mais lógico, o que melhor corresponde às vossas aspirações, que pode melhor atingir o objetivo. O mais verdadeiro será, evidentemente, aquele que explica melhor, que melhor dá a razão de tudo. Se se puder opor a um sistema um único fato em contradição com a sua teoria, é que a teoria é falsa ou incompleta. Examinai a seguir os resultados práticos de cada sistema. A verdade deve estar do lado daquele que produz maior soma de bem; que exerce uma influência mais salutar; que produz mais homens bons e virtuosos; que estimula ao bem pelos motivos mais puros e mais racionais. O objetivo constante a que o homem aspira é a felicidade. A verdade estará do lado do sistema que proporciona maior soma de satisfações morais; numa palavra, que torna as criaturas mais felizes.

Considerando-se que o ensino vem dos Espíritos, os diversos grupos, assim como os indivíduos, se acham sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos, ou os dirigem moralmente. Se esses Espíritos não estiverem de acordo, a questão será saber qual deles merece mais confiança. Evidentemente será aquele cuja teoria não pode levantar qualquer objeção séria; numa palavra, aquele que, em todos os pontos, dá mais provas de sua superioridade. Se tudo for bom e racional nesse ensino, pouco importa o nome que tome o Espírito. Neste sentido, a questão de identidade é absolutamente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensino peca em suas qualidades essenciais, podeis seguramente concluir que é um nome apócrifo e que se trata um Espírito impostor ou que se diverte. Regra geral: jamais o nome é uma garantia. A única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira por que este é expresso. Os Espíritos enganadores podem tudo imitar, tudo, menos a verdadeira sabedoria e o verdadeiro sentimento.

Senhores, não é intenção minha dar-vos aqui um curso de Espiritismo, e talvez eu abuse de vossa paciência com todos estes detalhes. Contudo, não posso furtar-me de acrescentar mais algumas palavras.

Acontece muitas vezes que para fazer com que sejam adotadas certas utopias, os Espíritos afetam um falso saber e tentam impô-las retirando do arsenal de palavras técnicas tudo quanto possa fascinar aquele que acredita muito facilmente. Têm ainda um meio mais eficiente, que é o de aparentar virtudes. Apoiados nas grandes palavras caridade, fraternidade, humildade, esperam obter livre passagem para os mais grosseiros

absurdos; e é o que acontece muitas vezes, quando não se está prevenido. É preciso, pois, não se deixar levar pelas aparências, tanto da parte dos Espíritos quanto dos homens. Ora, confesso que esta é uma das maiores dificuldades. No entanto, nunca se disse que o Espiritismo é uma ciência fácil. Ele tem os seus escolhos, que só pela experiência podem ser evitados. Para não cair na cilada, é necessário, de princípio, guardar-se contra o entusiasmo que cega e contra o orgulho que leva certos médiuns a se julgarem os únicos intérpretes da verdade. É preciso tudo examinar friamente, tudo pesar maduramente, tudo controlar e, se se desconfia do próprio julgamento, o que por vezes é mais prudente, é preciso relatar a outros, seguindo o provérbio de que quatro olhos veem mais do que dois. Um falso amor-próprio ou uma obsessão podem, isoladamente, fazer persistir uma ideia notoriamente falsa e que é repelida pelo bom-senso de cada um.

Senhores, não ignoro que tenho aqui muitos inimigos. Isto vos espanta, no entanto, nada é mais verdadeiro. Sim, aqui há quem me ouça com ira; não digo entre vós, graças a Deus!, onde espero jamais ter senão amigos. Refiro-me aos Espíritos enganadores, que não querem que vos dê os meios de desmascará-los, desde que descubro as suas astúcias, pondo-vos em guarda, e lhes tiro o domínio que poderiam ter sobre vós. A tal respeito, senhores, dir-vos-ei que seria erro supor que eles exerçam esse domínio apenas sobre os médiuns. Tende a mais absoluta certeza de que, estando em toda parte, os Espíritos agem incessantemente sobre nós, sem o sabermos, quer sejamos ou não sejamos espíritas ou médiuns. A mediunidade não os atrai; ao contrário, ela dá os meios de conhecer seu inimigo, que se trai *sempre*. *Sempre*, ouvi bem, e que só abusa dos que se deixam abusar.

Isto, senhores, leva-me a completar meu pensamento sobre o que acabo de dizer a propósito das dissidências que poderiam surgir entre os diferentes grupos, por força da diversidade de ensino. Eu vos disse que, malgrado algumas divergências, eles poderiam entender-se e devem entender-se, desde que sejam verdadeiros espíritas. Eu vos dei o meio de controlar o valor das comunicações, que é o meio de apreciar a natureza das influências exercidas sobre cada um. Dado que toda influência boa emana de um bom Espírito; que tudo quanto é mau vem de uma fonte má; que os maus Espíritos são os inimigos da união e da concórdia, o grupo que for assistido pelo Espírito do mal será o que jogará pedras no outro e não lhe estenderá a mão. Quanto a mim, senhores, eu vos olho a todos como irmãos, quer estejais com a verdade, quer em erro. Mas vos declaro, alto e bom som, que estarei de corpo e alma com os que mostrarem mais caridade e mais abnegação. Se houvesse alguns, o que Deus não permita, que entretivessem sentimentos de ódio, de inveja ou de ciúme, eu os lamentaria, porque estariam sob má influência e eu preferiria supor que esses maus pensamentos lhes viessem de um Espírito estranho do que de seu próprio coração. Mas isto só me tornaria suspeita a veracidade das comunicações que pudessem receber, em virtude do princípio de que um Espírito realmente bom somente sugerirá bons sentimentos.

Terminarei, senhores, esta alocução, certamente já bem longa, com algumas considerações sobre as causas que devem assegurar o futuro do Espiritismo.

Compreendeis todos, pelo que tendes sob os olhos e pelo que sentis em vós mesmos, que num dia futuro o Espiritismo deve exercer uma imensa influência sobre a estrutura social. Mas o dia em que essa influência será generalizada ainda está longe, sem dúvida. São necessárias gerações para que o homem se despoje do homem velho. Contudo, desde agora, se o bem não pode ser geral, já é individual, e porque esse bem é efetivo, a doutrina que o proporciona é aceita com tanta facilidade. Direi mesmo que com muito entusiasmo, por muitos. Com efeito, abstração feita de sua racionalidade, que filosofia é mais capaz de libertar o pensamento do homem dos laços terrenos e de elevar sua alma para o infinito? Qual a que lhe dá uma ideia mais justa, mais lógica, mais apoiada em

provas patentes, de sua natureza e de seu destino? Que seus adversários a substituam por algo de melhor; por uma doutrina mais consoladora que se acomode melhor à razão; que substitua a alegria infável de saber que os seres que nos foram caros na Terra estão junto a nós, nos veem, nos ouvem, nos falam e nos aconselham; que dê um motivo mais legítimo à resignação; que faça temer menos a morte; que proporcione mais calma nas provas da vida; que substitua, enfim, essa suave quietude experimentada quando se pode dizer: sinto-me melhor. Ante uma doutrina que faça tudo isto melhor, o Espiritismo ensarilhará as armas.

O Espiritismo torna, pois, soberanamente feliz. Com ele, não mais isolamento nem desespero. Ele já poupou muitas faltas, impediu vários crimes, levou a paz a inúmeras famílias, corrigiu muitos desvios. Como será, então, quando os homens forem alimentados por tais ideias! Porque então, vindo o raciocínio, eles se fortalecerão e não mais renegarão sua alma. Sim, o Espiritismo torna feliz e é isto que lhe dá um poder irresistível e assegura o seu futuro triunfo. Os homens querem a felicidade; o Espiritismo a proporciona; eles se atirarão nos braços do Espiritismo. Querem aniquilá-lo? Então deem ao homem uma fonte maior de felicidade e de esperança. Isto quanto aos indivíduos.

Duas outras forças parecem ter receado o seu aparecimento: a autoridade civil e a autoridade religiosa. Por que isso? Porque não o conhecem. Hoje a Igreja começa a ver que nele encontrará poderosa arma para combater a incredulidade; a solução lógica de vários dogmas embaraçosos e, finalmente, que ele já traz de volta aos seus deveres de cristãos bom número de ovelhas desgarradas. Por seu lado, o poder civil começa a ver provas de sua benéfica influência sobre a moralidade das classes laboriosas, às quais essa doutrina inculca, *pela convicção*, ideias de ordem, de respeito à propriedade, e faz compreender o nada das utopias. Testemunha de metamorfoses morais quase miraculosas, em breve entreverá, na difusão dessas ideias, um alimento mais útil ao pensamento do que as alegrias dos cabarés ou o tumulto da praça pública e, conseqüentemente, uma salvaguarda para a Sociedade. Assim, povo, Igreja e poder, um dia vendo nele um dique contra a brutalidade das paixões, uma garantia da ordem e da tranquilidade, uma volta às ideias religiosas que se extinguem, ninguém terá interesse em entravá-lo. Ao contrário, cada um buscará nele um apoio. Aliás, quem poderá deter o curso desse rio de ideias que já rola suas águas benfazejas nos cinco continentes?

Tais são, meus caros confrades, as considerações que desejava submeter-vos. Termino agradecendo novamente vossa benévola acolhida, cuja lembrança estará sempre presente em minha memória. Agradeço igualmente aos bons Espíritos por toda a satisfação que me proporcionaram durante minha viagem, porque, por toda parte onde me detive, encontrei bons e sinceros espíritas e pude constatar, por meus próprios olhos, o imenso desenvolvimento dessas ideias e com que facilidade elas se enraízam. Por toda parte encontrei gente feliz, aflitos consolados, pesares acalmados, ódios apaziguados; por toda parte a confiança e a esperança sucedendo às angústias da dúvida e da incerteza. Ainda uma vez, o Espiritismo é a chave da verdadeira felicidade e aí está o segredo de seu poder irresistível. Então é utopia uma doutrina que faz tais prodígios? Que Deus, na sua bondade, meus caros amigos, se digne vos enviar bons Espíritos para vos assistir nas vossas comunicações, a fim de que vos esclareçam sobre as verdades que estais encarregados de espalhar. Um dia colhereis centuplicados os frutos do bom grão que houverdes semeado.

Que este repasto de amigos, meus mui amados confrades, como nos ágapes antigos, seja o penhor da união entre todos os verdadeiros espíritas!

Levanto um brinde aos espíritas lioneses, tanto em meu nome quanto no da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. ALLAN KARDEC

Revista Espírita, maio de 1861

Sociedade parisiense de estudos espíritas

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC
POR OCASIÃO DO INÍCIO DO NOVO ANO SOCIAL,
PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 5 DE ABRIL DE 1861

Senhores e caros colegas,

No momento em que nossa Sociedade inicia seu quarto ano, creio que devemos um agradecimento especial aos bons Espíritos que se dignaram assistir-nos e, em particular, ao nosso Presidente espiritual, cujos sábios conselhos nos preservaram de vários perigos e cuja proteção permitiu superarmos as dificuldades semeadas em nosso caminho, sem dúvida para submeter à prova a nossa dedicação e a nossa perspicácia. Sua benevolência — devemos reconhecê-lo — jamais nos faltou e, graças ao bom espírito de que agora a Sociedade está animada, triunfou sobre a má vontade de seus inimigos. Permiti-me, a propósito, algumas observações retrospectivas.

A experiência havia-nos demonstrado lacunas lamentáveis na constituição da Sociedade, lacunas essas que abriam a porta a certos abusos. A Sociedade superou-as, e desde então só teve que se felicitar. Realiza ela o ideal da perfeição? Não seríamos espíritas se tivéssemos o orgulho de acreditar nisso. Mas, quando a base é boa e o resto só depende da vontade, é preciso esperar que, com o auxílio dos bons Espíritos, não paremos no caminho.

Entre as mais úteis reformas deve-se colocar em primeiro lugar a instituição dos *sócios livres*, que dá mais fácil acesso aos candidatos, permitindo que sejam conhecidos e avaliados antes de sua admissão efetiva como membros titulares. Participando dos trabalhos e dos estudos da Sociedade, aproveitam tudo quanto nela se faz, mas como não têm voz na parte administrativa, não podem, em caso algum, comprometer a responsabilidade da Sociedade. Vem a seguir a medida que objetivou restringir o número dos ouvintes e cercar de maiores dificuldades, por uma escolha mais severa, a sua admissão às sessões; depois, a que interdita a leitura de qualquer comunicação recebida fora da Sociedade, antes de seu conhecimento prévio e que a leitura tenha sido autorizada; enfim, as que armam a Sociedade contra quem quer que lhe pudesse trazer perturbação ou tentasse impor-lhe a sua vontade.

Há outras ainda que seria supérfluo lembrar, cuja utilidade não é menor e cujos resultados felizes podemos apreciar diariamente. Mas, se tal estado de coisas é compreendido no seio da Sociedade, o mesmo não se dá fora, onde — desnecessário é dissimular — não temos somente amigos. Criticam-nos em vários pontos e, embora não tenhamos que nos preocupar com isso, pois que a ordem da Sociedade só a nós interessa, talvez não seja inútil lançar um golpe de vista sobre os pontos que nos censuram porque, em definitivo, se essas censuras forem fundadas, deveríamos aproveitá-las.

Certas pessoas criticam a severa restrição à admissão dos ouvintes. Dizem que se quisermos fazer prosélitos é preciso esclarecer o público e, para tanto, abrir-lhe as portas de nossas sessões e autorizar quaisquer perguntas e interpelações; que se não admitirmos senão pessoas crentes, não teremos grande mérito em convencê-las. Tal raciocínio é especioso e se, abrindo nossas portas a qualquer um, fosse alcançado o resultado suposto, certamente erraríamos se não o fizéssemos. Mas como o contrário é o que aconteceria, não o fazemos.

Aliás, seria muito desagradável que a propagação da doutrina se subordinasse à publicidade de nossas sessões. Por mais numeroso que fosse o auditório, seria sempre muito restrito, imperceptível, comparado à massa da população. Por outro lado, sabemos, por experiência, que a verdadeira convicção só se adquire pelo estudo, pela reflexão e por uma observação contínua, e não assistindo a uma ou duas sessões, por mais interessantes que sejam. E isto é tão verdadeiro que o número dos que creem sem nada ter visto, mas porque estudaram e compreenderam, é imenso. Sem dúvida o desejo de ver é muito natural e estamos longe de censurá-lo, mas queremos que vejam em condições aproveitáveis. Eis por que dizemos: Estudai primeiro e vede depois, porque compreendereis melhor.

Se os incrédulos refletissem melhor sobre esta condição, para começar veriam nela a melhor garantia de nossa boa-fé e, a seguir, a força da doutrina. O que mais o charlatanismo teme é ser compreendido; ele fascina os olhos e não é tão tolo para se dirigir à inteligência, que facilmente descobriria a carta escondida. Ao contrário, o Espiritismo não admite a confiança cega; quer ser claro em tudo; quer que compreendam tudo e que se deem conta de tudo. Então, quando recomendamos estudo e meditação, pedimos o concurso do raciocínio, o que prova que a Ciência Espírita não teme o exame, desde que antes de crer sentimos a necessidade de compreender.

Não sendo de demonstração as nossas sessões, sua publicidade não atingiria o objetivo e teria graves inconvenientes. Com um público não selecionado, trazendo mais curiosidade que verdadeiro desejo de instruir-se e, ainda mais, vontade de criticar e troçar, seria impossível ter o indispensável recolhimento para toda manifestação séria. Uma controvérsia mais ou menos malévola e baseada, na maior parte do tempo, na ignorância dos mais elementares princípios da Ciência, determinaria eternos conflitos, nos quais a dignidade poderia ser comprometida. Ora, o que nós queremos é que, ao saírem de nossa casa, se os ouvintes não levarem convicção, que levem da Sociedade a ideia de uma reunião grave, séria, que se respeita e sabe fazer-se respeitar; que discute com calma e moderação; que examina com cuidado; que aprofunda tudo com o olhar do observador consciencioso que procura esclarecer-se, e não com a leviandade do simples curioso. E, senhores, crede-o bem, esta opinião faz mais pela propaganda do que se saíssem com o único pensamento de haverem satisfeito sua curiosidade, porque a impressão dela resultante os leva a refletir, ao passo que, no caso contrário, estariam mais dispostos a rir do que a crer.

Eu disse que as nossas não são sessões de demonstração, mas se as fizéssemos desse gênero, para uso dos neófitos, onde se trataria de instruir e convencer, tudo nela se passaria com tanta seriedade e recolhimento quanto nas nossas sessões ordinárias. A controvérsia estabelecer-se-ia com ordem, de maneira a ser instrutiva e não tumultuada, e quem quer que se permitisse uma palavra fora de propósito seria excluído; então a atenção seria mantida e a própria discussão seria a todos proveitosa. É provavelmente o que faremos um dia. Perguntarão por que não o fizemos mais cedo, no interesse de divulgação da Ciência. A razão é simples: é que quisemos proceder com prudência e não como estouvados, mais impacientes que refletidos. Antes de instruir os outros, quisemos nós próprios nos instruímos. Queremos apoiar o nosso ensino sobre uma imponente massa de fatos e observações, e não sobre algumas experiências isoladas, observadas leviana e superficialmente. No começo, toda Ciência encontra forçosamente fatos que, a princípio, parecem contraditórios e que só um estudo minucioso e completo pode demonstrar-lhes a conexão. Foi a lei comum desses fatos que quisemos buscar, a fim de apresentar um conjunto tão completo e satisfatório quanto possível e deixando um mínimo de margem à contradição. Com este objetivo recolhemos os fatos, examinamo-los, escrutamo-los no que eles têm de mais íntimo, comentamo-los e discutimo-los friamente, sem entusiasmo. Foi assim que chegamos a descobrir o admirável encadeamento

existente em todas as partes dessa vasta Ciência que toca os mais graves interesses da Humanidade. Tal foi, senhores, até o presente, o objetivo dos nossos trabalhos, objetivo perfeitamente caracterizado pelo simples título de *Sociedade de Estudos Espíritas*, que adotamos. Reunimo-nos com o fito de nos esclarecermos, e não de nos distrairmos. Não buscando uma diversão, não queremos divertir aos outros, por isso não queremos senão ter ouvintes sérios, ao invés de curiosos, que julgassem aqui encontrar um espetáculo.

O Espiritismo é uma Ciência e, como qualquer outra Ciência, não se aprende brincando. Além do mais, tomar as almas que se foram como assunto para distração seria faltar ao respeito a que fazem jus; especular sobre sua presença e sua intervenção seria impiedade e profanação.

Estas reflexões respondem à censura que algumas pessoas nos dirigiram, por voltarmos a fatos conhecidos e não procurarmos constantemente novidades. No ponto em que estamos, é difícil que, à medida que avançamos, os fatos que se produzem não girem mais ou menos no mesmo círculo; mas esquecem que fatos tão importantes quanto os que tocam o futuro do homem não podem chegar ao estado de verdade absoluta senão após grande número de observações. Seria leviandade formular uma lei baseada em alguns exemplos. O homem sério e prudente é mais circunspecto; não somente quer ver tudo, mas ver muito e muitas vezes. Eis por que não recuamos ante a monotonia das repetições, pois delas resultam confirmações e, por vezes, nuances instrutivas, e porque se nelas descobrimos fatos contraditórios, rebuscamos as suas causas. Não temos pressa de nos pronunciarmos sobre os primeiros dados, necessariamente incompletos. Antes de colher, esperamos a maturação. Se temos avançado menos do que alguns desejariam na sua impaciência, marchamos com mais segurança, sem nos perdermos no labirinto dos sistemas. Talvez saibamos menos coisas, mas sabemos melhor, o que é preferível, e podemos afirmar o que sabemos sobre o testemunho da experiência.

Aliás, senhores, não penseis que a opinião dos que criticam a organização da Sociedade seja a dos verdadeiros amigos do Espiritismo; não, é a dos seus inimigos, que estão magoados por ver a Sociedade seguir seu caminho com calma e dignidade, através das ciladas que lhe prepararam e ainda preparam. Eles lamentam que ingressar nela seja difícil, porque ficariam encantados de aqui virem semear a perturbação. É por isso também que a censuram de limitar o círculo de seus trabalhos, e pretendem que só se ocupa de coisas insignificantes e sem alcance, porque ela se abstém de tratar de questões políticas e religiosas. Eles queriam vê-la entrar na controvérsia dogmática. Ora, é isso precisamente o que os denuncia. Prudentemente a Sociedade fechou-se num círculo inatacável pela malevolência. Ferindo o seu amor-próprio, queriam arrastá-la por um caminho perigoso, mas ela não se deixará levar. Ocupando-se exclusivamente das questões de interesse científico, e que não podem prejudicar ninguém, ela se pôs ao abrigo dos ataques, e assim deve ficar. Por sua prudência, moderação e sabedoria, conciliou a estima dos verdadeiros espíritas, e sua influência se estende até países distantes, de onde aspiram a honra de fazer parte dela. Ora, essa homenagem que lhe é prestada por pessoas que só a conhecem pelo nome, por seus trabalhos e pela consideração que ela conquistou, lhe é cem vezes mais preciosa que o sufrágio dos imprudentes muito apressados, ou dos malévolos que queriam arrastá-la à sua perda e ficariam encantados por vê-la comprometida. Enquanto eu tiver a honra de dirigi-la, todos os meus esforços tenderão a mantê-la nesta via. Se devesse extraviar-se, eu a deixaria na mesma hora, porque a preço algum desejaria assumir essa responsabilidade.

Aliás, senhores, sabeis das vicissitudes que a Sociedade atravessou. Tudo quanto aconteceu antes e depois foi anunciado, e tudo se realizou como fora previsto. Seus inimigos queriam a sua ruína; os Espíritos, que a sabiam útil, queriam a sua conservação, e ela se manteve e manter-se-á enquanto for necessária aos seus objetivos. Se tivésseis

observado, como pude fazê-lo, as coisas nos seus detalhes íntimos, não desconheceríeis a intervenção de um poder superior, que para mim é manifesto, e compreenderíeis que tudo foi para o melhor e no interesse de sua própria conservação. Tempo virá em que, tal qual o é atualmente, ela não será mais indispensável. Então veremos o que se há de fazer, porque a marcha está traçada em vista de todas as eventualidades.

Os mais perigosos inimigos da Sociedade não são os de fora, pois podemos fechar-lhes as portas e os ouvidos. Os mais temíveis são os inimigos invisíveis, que aqui poderiam introduzir-se malgrado nosso. Cabe-nos provar-lhes, como já o temos feito, que perderiam seu tempo se tentassem impor-se a nós. Sabemos que a sua tática é procurar semear a desunião, lançar o facho da discórdia, inspirar a inveja, a desconfiança e as suscetibilidades pueris que geram a desafeição. Oponhamo-lhes a barreira da caridade, da mútua benevolência, e seremos invulneráveis, tanto contra sua maligna influência oculta quanto contra as diatribes dos nossos adversários encarnados, que mais se ocupam de nós do que nós deles, pois sem jactância podemos atribuir a nós próprios o mérito de jamais termos aqui pronunciado o seu nome, já por uma questão de decoro, já porque temos de nos ocupar de coisas mais úteis. Não obrigamos ninguém a vir a nós. Acolhemos com prazer e dedicação as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e estas são suficientes para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam as costas por motivos fúteis, de amor-próprio ou de inveja. Estes não podem ser considerados como verdadeiros espíritas, malgrado as aparências; são talvez espíritas crentes nos fatos, mas, sem a menor dúvida, não são espíritas crentes nas conseqüências morais dos fatos, pois, do contrário, mostrariam mais abnegação, indulgência, moderação e menos presunção de infalibilidade. Procurá-los seria mesmo prestar-lhes um desserviço, porque seria induzi-los a acreditarem na sua importância e que deles não poderíamos prescindir. Com os que nos denigrem, também não nos devemos preocupar. Homens que valem cem vezes mais do que nós foram denegridos e ridicularizados. Neste particular não poderíamos ser privilegiados; cabe-nos provar por nossos atos que as suas diatribes caem no vazio e as armas de que se servem voltar-se-ão contra eles.

Depois de ter, no começo, agradecido aos Espíritos que nos assistem, não devemos esquecer os seus intérpretes, alguns dos quais nos dão o seu concurso com um zelo e uma complacência jamais desmentidos. Em troca, não lhes podemos oferecer mais que um estéril testemunho de nossa satisfação. Mas o mundo dos Espíritos os espera e lá todos os devotamentos são compensados na medida do desinteresse, da humildade e da abnegação.

Em resumo, senhores, durante o ano que passou nossos trabalhos marcharam com perfeita regularidade e nada os interrompeu. Uma porção de fatos do mais alto interesse foram relatados, explicados e comentados; questões muito importantes foram resolvidas; todos os exemplos que passaram sob nossos olhos pelas evocações, todas as investigações a que nos dedicamos vieram confirmar os princípios da Ciência e fortalecer as nossas crenças; numerosas comunicações de incontestável superioridade foram obtidas por diversos médiuns; a província e o estrangeiro nos remeteram algumas excessivamente admiráveis, e que provam não só quanto o Espiritismo se espalha, mas, também, sob que ponto de vista grave e sério é agora encarado por toda parte. Sem dúvida este é um resultado pelo qual nos devemos sentir felizes, mas há outro não menos satisfatório e que é, aliás, uma conseqüência do que, desde a origem, havia sido predito: é a unidade que se estabelece na teoria da doutrina, à medida que a estudamos e melhor a compreendemos. Em todas as comunicações que nos chegam de fora encontramos a confirmação dos princípios que nos são ensinados pelos Espíritos, e como as pessoas que as recebem nos são, na maioria, desconhecidas, não se pode dizer que sofrem a nossa influência.

O próprio princípio da reencarnação que de início tinha encontrado muitos contraditores, porque não era compreendido, é hoje aceito pela força da evidência e porque todo homem que pensa reconhece nele a única solução possível do maior número de problemas da filosofia moral e religiosa. Sem a reencarnação, somos detidos a cada passo. Tudo é caos e confusão. Com a reencarnação tudo se esclarece, tudo se explica da mais racional maneira. Se ela ainda encontra alguns adversários mais sistemáticos que lógicos, seu número é muito restrito. Ora, quem a inventou? Sem a menor dúvida não fostes vós, nem eu. Ela nos foi ensinada, e nós a aceitamos. Eis tudo o que fizemos. De todos os sistemas que surgiram no princípio, poucos hoje sobrevivem, e pode-se dizer que os seus raros partidários estão, sobretudo, entre pessoas que julgam ao primeiro impulso e muitas vezes conforme ideias preconcebidas e prevenções. Mas agora é evidente que quem quer que se dê ao trabalho de aprofundar todas as questões e julgue friamente, sem prevenção e sobretudo sem hostilidade sistemática, é invencivelmente arrastado, tanto pelo raciocínio quanto pelos fatos, à teoria fundamental que hoje prevalece, pode-se dizer, em todos os países do mundo.

Certamente, senhores, a Sociedade não fez tudo para a obtenção deste resultado. Mas, sem vaidade, creio que ela pode reivindicar uma pequena parte. Sua influência moral é maior do que se pensa, e isto precisamente porque jamais ela se desviou da linha de moderação que se traçou. Sabe-se que ela se ocupa exclusivamente de seus estudos, sem se deixar desviar pelas paixões mesquinhas que se agitam ao seu redor; que o faz seriamente, como deve fazer toda assembleia científica; que ela persegue o seu objetivo sem se misturar com nenhuma intriga, sem atirar pedras em ninguém, sem mesmo recolher as que lhe atiram. Sem a menor sombra de dúvida, esta é a principal causa do crédito e da consideração que desfruta e dos quais pode sentir-se orgulhosa, e que dá certo peso à sua opinião. Por nossos esforços, senhores, por nossa prudência e pelo exemplo da união que deve existir entre os verdadeiros espíritas, continuemos a mostrar que os princípios que professamos não são para nós letra morta e que tanto pregamos pelo exemplo quanto pela teoria. Se nossas doutrinas encontram tanto eco, é que aparentemente julgam-nas mais racionais que as outras. Duvido que acontecesse o mesmo se tivéssemos professado a doutrina da intervenção exclusiva do diabo e dos demônios nas manifestações espíritas, doutrina hoje completamente ridícula, que excita mais curiosidade do que pavor, a não ser sobre algumas pessoas timoratas que, em breve, elas mesmas reconhecerão a sua futilidade.

Tal qual é hoje professada, a Doutrina Espírita tem uma amplitude que lhe permite abarcar todas as questões de ordem moral. Ela satisfaz a todas as aspirações, e, pode-se dizer, ao mais exigente raciocínio, para quem quer que se dê ao trabalho de estudá-la e não esteja dominado pelos preconceitos. Ela não tem as mesquinhas restrições de certas filosofias; alarga ao infinito o círculo das ideias e ninguém é capaz de elevar mais alto o pensamento e tirar o homem da estreita esfera do egoísmo, na qual tentaram confiná-lo. Enfim, ela se apoia nos imutáveis princípios fundamentais da religião, dos quais é a demonstração patente. Eis, sem dúvida nenhuma, o que lhe conquista tão numerosos partidários entre as pessoas esclarecidas de todos os países, e o que a fará prevalecer, em tempo mais ou menos próximo, e isto malgrado os seus adversários, motivados, em sua maioria, mais pelo interesse do que pela convicção. Sua marcha progressiva tão rápida, desde que entrou na via filosófica séria, é-nos garantia segura do futuro que lhe é reservado e que, como sabeis, está anunciado em todo o mundo. Deixemos, pois, falarem e agirem os seus inimigos. Eles nada podem contra a vontade de Deus, porque nada acontece sem sua permissão e, como dizia há pouco um eclesiástico esclarecido: “Se

essas coisas acontecem, é que Deus o permite, para avivar a fé que se extingue nas trevas do materialismo.”

Revista Espírita de outubro de 1861

BANQUETE

OFERECIDO AO SR. ALLAN KARDEC PELOS VÁRIOS GRUPOS DE ESPÍRITAS
LIONESES, A 19 DE SETEMBRO DE 1861

Mais um banquete reuniu este ano certo número de espíritas em Lyon, com a diferença de que no ano passado havia uns trinta convivas, ao passo que agora contavam-se cento e sessenta, representando os diversos grupos que se consideram como membros de uma mesma família, e entre os quais não há sombra de ciúme e de rivalidade, fato este que notamos com prazer. A maioria dos presentes eram operários, e todos notaram a perfeita ordem que não deixou de reinar um só instante. É que os verdadeiros espíritas têm satisfação nas alegrias do coração e não nos prazeres barulhentos. Foram pronunciados vários discursos. Vamos transcrevê-los aqui, pois eles resumem a situação e caracterizam uma das fases da marcha do Espiritismo. Além disso, dão a conhecer o verdadeiro espírito dessa população, outrora olhada com certo receio, porque mal julgada, e também, talvez, mal dirigida moralmente. Um dos principais discursos infelizmente não será publicado, o que lamentamos sinceramente. É o do Sr. Renaud, notável por suas apreciações, e no qual nada encontramos em demasia, a não ser os elogios a nós dirigidos. Sua cópia, um tanto longa, não nos foi entregue antes de nossa partida, o que nos priva de sua publicação. Nem por isto somos menos reconhecido ao autor, pelos testemunhos de simpatia que nos deu.

Notou-se que, por uma coincidência não premeditada, porquanto subordinado à nossa chegada, o banquete deste ano foi na mesma data daquele do ano passado, 19 de setembro.

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC

Senhoras e senhores, todos vós, meus caros e bons irmãos no Espiritismo,

Se há circunstâncias em que se possa lamentar a insuficiência de nossa pobre linguagem humana, é quando se trata de exprimir certos sentimentos, e esta é, no momento, a minha posição. O que experimento é ao mesmo tempo uma surpresa muito agradável, quando vejo o terreno imenso que a Doutrina Espírita ganhou entre vós desde há um ano, e eu admiro a Providência; é uma alegria indizível à vista do bem que ela aqui produz e das consolações que espalha sobre tantas dores ostensivas ou ocultas, do que deduzo o futuro que a aguarda; é uma felicidade inexprimível encontrar-me em meio a esta família, que em pouco tempo se tornou tão numerosa e que cresce diariamente; é, enfim e acima de tudo, uma profunda e sincera gratidão pelos tocantes testemunhos de simpatia que de vós recebo.

Esta reunião tem um caráter particular. Graças a Deus, aqui somos todos espíritas suficientemente bons, penso eu, para não vermos senão o prazer de nos acharmos juntos, e não o de nos acharmos à mesa. E, diga-se de passagem, creio mesmo que um festim de espíritas seria uma contradição. Presumo, também, que me convidando tão graciosamente e com tanta instância para vir ao vosso meio, não pensastes que um banquete fosse para mim motivo de atração. Foi o que me apressei a escrever aos meus bons amigos Rey e Dijoud, quando se desculpavam pela simplicidade da recepção. Porque, ficai bem certos, o que mais me honra nesta circunstância, aquilo de que posso, com razão, estar orgulhoso, é a cordialidade e a sinceridade do acolhimento, o que se

encontra muito raramente nas recepções aparatosas, pois aqui não há máscaras nos rostos.

Se uma coisa pudesse diminuir a felicidade que tenho de me achar entre vós, seria o fato de poder ficar aqui tão pouco tempo. Ter-me-ia sido muito agradável prolongar minha demora num dos centros mais numerosos e mais zelosos do Espiritismo, mas, desde que desejastes receber de mim algumas instruções, certamente não levareis a mal que eu utilize todos os instantes, saia um pouco das banalidades muito comuns em semelhantes circunstâncias, e que minha alocução assuma certa gravidade, pela gravidade do motivo que nos reúne. Certamente se estivéssemos num jantar de bodas ou de batizado, seria inoportuno falar de almas, da morte, da vida futura. Mas, repito, aqui estamos para nos instruímos, mais do que para comer e, em todo o caso, não é para nos divertirmos.

Não julgueis, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunirdes aqui seja um fato puramente pessoal. Esta reunião, não duvideis, tem um caráter especial e providencial. Uma vontade superior a provocou. Mãos invisíveis vos impeliram para cá, malgrado vosso, e talvez um dia ela seja inserida nos fastos do Espiritismo. Possam os nossos irmãos futuros lembrar este dia memorável, em que os espíritas lioneses, dando exemplo de união e concórdia, plantaram, nestes novos ágapes, a primeira baliza da aliança que deve existir entre os espíritas de todos os países do mundo, porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito seu verdadeiro papel na Criação, e constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, suprime naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens em consequência das vantagens corporais e mundanas sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. Alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, o Espiritismo estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional que aquela que tem por base apenas os frágeis laços da matéria, pois esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos. Uma vez bem compreendidos, tais laços influirão, pela força das coisas, nas relações sociais, e mais tarde na legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade. Ver-se-á então desaparecerem essas anomalias que chocam os homens de bom-senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje. Mas isto é a obra do tempo. Deixemos a Deus o cuidado de fazer que cada coisa venha a seu tempo. Esperemos tudo de sua sabedoria, e rendamos-lhe graças por nos ter permitido assistir à aurora que surge para a Humanidade e por nos haver escolhido como os pioneiros da grande obra que se prepara. Que ele se digne espalhar sua bênção sobre esta assembleia, a primeira em que os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, com um sentimento de verdadeira confraternidade.

Digo de verdadeira confraternidade porque tenho a convicção íntima de que todos aqui presentes não trazem outra. Mas não tenhais dúvidas que entre nós estejam numerosas coortes de Espíritos que no momento nos ouvem; que veem todas as nossas ações; que sondam o pensamento de cada um, e que escrutam sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são muito diversos. Se uns estão felizes nesta união, outros, acreditai, estão horripelantemente invejosos. Saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião. Cabe-vos a todos vós, bons e sinceros espíritas, provar-lhes que perdem seu tempo e que se equivocam julgando encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor, a assistência dos vossos anjos da guarda, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seja para o bem. Ora, como o mal não pode ter sua fonte no bem, o simples bom-senso diz que todo pensamento mau não pode vir de um bom Espírito; e um pensamento é necessariamente mau quando contrário à lei do amor e da caridade; quando tem por móvel a inveja ou o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril susceptibilidade do amor-próprio ferido, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém. *Amor e caridade*

para com todos, diz o Espiritismo; *Armazá a teu próximo como a ti mesmo*, diz o Cristo. Não são sinônimos?

Meus amigos, eu vos felicitei pelos progressos que o Espiritismo fez entre vós, e ao constatá-lo, não poderia me sentir mais feliz do que me sinto. Felicitai-vos, por vosso lado, porque esse mesmo progresso verifica-se em toda parte. Sim, este último ano viu o Espiritismo crescer em todos os países, numa proporção que ultrapassou todas as esperanças. Ele está no ar, nas aspirações de todos, e por toda parte encontra ecos, bocas que repetem: Eis o que eu esperava; eis o que uma voz secreta me fazia pressentir. Mas o progresso se manifesta agora em nova fase: é a fase da coragem, que há pouco ainda não existia. Só se falava dele em segredo e às ocultas. Hoje a gente se confessa espírita tão abertamente quanto se confessa católico, judeu ou protestante. Enfrenta-se a zombaria, e essa coragem se impõe aos trocistas, que são como os cachorrinhos que perseguem os que fogem e fogem se perseguidos. Esta zombaria dá coragem aos tímidos e em muitas localidades revela muitos espíritas que se desconheciam mutuamente. Tal movimento pode estacionar? Poderão detê-lo? Digo alto e bom som: Não! Para isto puseram tudo em ação: sarcasmos, troça, ciência, anátemas. Ele ultrapassou tudo, sem diminuir a sua marcha um segundo. Cego, pois, é quem nisto não vê o dedo de Deus. Poderão entravá-lo, represá-lo nunca, porque se não correr pela direita, correrá pela esquerda.

Vendo os benefícios morais que ele proporciona, as consolações que dá, os próprios crimes que já impediu, a gente se pergunta: quem tem interesse em combatê-lo? Para começar, tem contra si os incrédulos, que o ridicularizam. Estes não são para temer, pois viram suas setas afiadas quebrar-se contra a própria couraça. Os ignorantes, que o combatem sem conhecê-lo, são os mais numerosos, mas a sua verdade combatida pela ignorância jamais teve algo a temer, pois os ignorantes se refutam por si mesmos, sem o querer, segundo o testemunho do Sr. Louis Figuier, na sua *Histoire du Merveilleux*. A terceira categoria de adversários é mais perigosa, por ser tenaz e pérfida. Ela compõe-se de todos aqueles cujos interesses materiais podem ser feridos. Eles combatem na sombra, e as flechas envenenadas da calúnia não lhes faltam. Eis os verdadeiros inimigos do Espiritismo, como em todos os tempos o têm sido de todas as ideias de progresso, e que são encontrados em todas as fileiras, em todas as classes da Sociedade. Vencerão? Não, porque ao homem não é dado opor-se à marcha da Natureza, e o Espiritismo está na ordem das coisas naturais. Mais cedo ou mais tarde terão que tomar o seu partido e aceitar o que for aceito por todos. Não, eles não o vencerão. Eles é que serão vencidos.

Um novo elemento vem juntar-se à legião dos espíritas: o das classes laboriosas. Notai nisto a sabedoria da Providência. O Espiritismo propagou-se primeiro nas camadas esclarecidas, nas mais altas esferas sociais. A princípio isto era necessário para lhe dar mais crédito, e depois para que fosse elaborado e expurgado das ideias supersticiosas que a falta de instrução nele poderiam introduzir, e com as quais teria sido confundido. Apenas constituído, se assim se pode falar de uma Ciência tão nova, tocou as classes laboriosas e entre elas se propaga com rapidez. Ah! É que nele há tantas consolações a dar, tanta coragem moral a recompor, tantas lágrimas a enxugar, tanta resignação a inspirar, que nesses meios foi acolhido como uma âncora de salvação, como uma égide contra as tentações da necessidade. Por toda parte onde o vi penetrar na morada do trabalho, o vi produzir seus efeitos moralizadores. Alegrai-vos, pois, operários lioneses que me ouvís, por terdes noutras cidades, como Sens, Lille, Bordeaux, irmãos espíritas que como vós abjuraram as culposas esperanças na desordem e os criminosos desejos de vingança. Continuai a provar pelo exemplo os benéficos resultados desta doutrina. Aos que perguntarem para que pode ela servir, respondei:

Em meu desespero eu queria me matar, mas o Espiritismo tolheu-me, porque sei o que custa abreviar voluntariamente as provas que a Deus aprovou mandar aos homens.

Para me atordoar, embriagava-me, mas compreendi o quanto era desprezível por tirar-me voluntariamente a razão, privando-me assim de ganhar o meu pão e o dos filhos.

Eu me havia divorciado de todos os sentimentos religiosos. Hoje rogo a Deus e deponho a minha esperança na sua misericórdia.

Eu só acreditava no nada como supremo remédio para as minhas misérias. Meu pai comunicou-se comigo e me disse: Meu filho, coragem! Deus te vê. Um esforço a mais e estarás salvo! E eu me prostrei de joelhos diante de Deus e lhe pedi perdão.

Vendo ricos e pobres, gente que tem tudo e gente que nada tem, eu acusava a Providência. Hoje sei que Deus tudo pesa na balança de sua justiça e espero o seu julgamento. Se estiver em seus desígnios que eu deva sucumbir ao sofrimento, então sucumbirei, mas com a consciência pura e sem levar o remorso de haver roubado um óbolo de quem me podia salvar a vida.

Dizei-lhes: Eis para que serve o Espiritismo, esta loucura, esta quimera, como o chamais. Sim, meus amigos, continuai a pregar pelo exemplo. Fazei compreender o Espiritismo com suas consequências salutares, e quando ele for compreendido, não mais se amedrontarão. Bem ao contrário, será acolhido como uma garantia da ordem social, e os próprios incrédulos serão forçados a falar dele com respeito.

Mencionei os progressos do Espiritismo. É que, com efeito, não há exemplo de uma doutrina, seja qual for, que tenha marchado com tanta rapidez, sem excetuar o próprio Cristianismo. Quererá isto dizer que lhe seja superior? Que deva suplantá-lo? Não. Mas é aqui o lugar de estabelecer o seu verdadeiro caráter, a fim de destruir uma prevenção muito generalizada entre os que não o conhecem.

Em seu nascimento, teve o Cristianismo que lutar contra uma potência terrível: o Paganismo, então universalmente espalhado. Não havia entre eles qualquer aliança possível, como não há entre a luz e as trevas. Numa palavra, ele não poderia propagar-se senão destruindo o que havia. Assim, a luta foi longa e terrível, do que as perseguições são a prova. O Espiritismo, ao contrário, nada tem a destruir, porque assenta suas bases no próprio Cristianismo; sobre o Evangelho, do qual é simples aplicação. Concebi a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, como pretendem alguns, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas. É uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um a inteira liberdade de suas crenças, desde que nenhuma impõe. A prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm alma como nós, resulta que elas podem comunicar-se tanto com eles quanto conosco, e que, conseqüentemente, eles podem ser espíritas como nós.

Não é uma seita política, como não o é religiosa. É a constatação de um fato que não pertence mais a um partido do que a eletricidade e as estradas de ferro. É, repito, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões e em todos os partidos.

A moral que ele ensina é boa ou má? É subversiva? Eis toda a questão. Estudem-no e saberão de que se trata. Ora, desde que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.

Tem feito bem ou mal? Estudai-o ainda, e vereis. Que tem feito? Impediu inúmeros suicídios; devolveu a paz e a concórdia a grande número de famílias; tornou mansos e

pacientes homens violentos e coléricos; deu resignação aos que não a tinham, e consolações aos aflitos; reconduziu a Deus os que o desconheciam, destruindo-lhes as ideias materialistas, verdadeira chaga social que aniquila a responsabilidade moral do homem. Eis o que tem feito e faz todos os dias, e o que fará cada vez mais, à medida que se espalhar. Será este o resultado de uma doutrina má? Não sei de ninguém que tenha atacado a moral do Espiritismo. Apenas dizem que a religião pode produzir tudo isto. Concordo perfeitamente. Mas, então, porque não produz sempre? É porque não são todos que a entendem. Ora, o Espiritismo, tornando claro e inteligível para todos aquilo que não o é e tornando evidente aquilo que é duvidoso, conduz à aplicação, ao passo que jamais se sente necessidade daquilo que se não compreende. Portanto, longe de ser antagonista da Religião, o Espiritismo é seu auxiliar. A prova disto é que ele conduz às ideias religiosas os que as haviam repellido. Em resumo, o Espiritismo jamais aconselhou quem quer que fosse a mudar de religião ou a sacrificar suas crenças. Ele não pertence realmente a nenhuma religião ou, melhor dizendo, ele está em todas elas.

Senhores, ainda algumas palavras, por favor, sobre uma questão absolutamente prática. O crescente número dos espíritas em Lyon mostra a utilidade do conselho que vos dei no ano passado, relativamente à formação de grupos. Reunir todos os adeptos numa sociedade única seria, hoje, uma coisa materialmente impossível, e será mais ainda dentro de algum tempo. Além do número, somam-se a essa impossibilidade as distâncias a percorrer, em vista da extensão da cidade, bem como as diferenças de hábitos, conforme as posições sociais. Por esses motivos e por muitos outros, que seria longo aqui desenvolver, uma sociedade única é uma quimera impraticável. Multiplicai os grupos o mais possível. Que haja dez. Que haja cem, se necessário, e ficai certos de que chegareis mais rapidamente, mais seguramente.

Haveria aqui coisas importantes a dizer sobre a unidade de princípios; sobre a divergência que poderia existir entre eles, relativamente a alguns pontos, mas eu me detenho, para não abusar de vossa paciência em me escutar, paciência que já pus a uma prova muito longa. Se desejardes, farei disto objeto de uma instrução especial, que enviarei dentro em breve.

Termino esta alocução, senhores, a que me deixei arrastar pela raridade mesma das ocasiões que tenho a felicidade de estar em vosso meio. Levarei da vossa acolhida benevolente uma lembrança que jamais se apagará, tende certeza.

Ainda uma vez, meus amigos, obrigado do fundo do coração, pelos sinais de simpatia que me testemunhais; obrigado pelas bondosas palavras que me dirigistes por vossos intérpretes, e das quais só aceito o dever que elas me impõem quanto ao que me resta fazer, e não os elogios. Possa esta solenidade ser o penhor da união que deve existir entre todos os verdadeiros espíritas!

Levanto um brinde aos espíritas lioneses e a todos os que dentre eles se distinguem por seu zelo, seu devotamento, sua abnegação, e que vós mesmos indicais, sem que eu precise fazê-lo.

Aos espíritas lioneses, sem distinção de opinião, estejam ou não presentes!

Senhores, os Espíritos também querem participar desta festa de família, e deixar aqui sua palavra. Erasto, que conheceis pelas notáveis dissertações publicadas na Revista, ditou espontaneamente, antes da minha partida, e em vossa intenção, a epístola seguinte, que me encarregou de ler em seu nome. É com prazer que desempenho esta missão. Assim tereis a prova de que os Espíritos com os quais vos comunicais não são os únicos a se ocuparem convosco e com os problemas que vos dizem respeito. Esta certeza não pode senão reforçar a vossa fé e a vossa confiança, vendo que o olhar vigilante dos

Espíritos superiores estende-se sobre todos, e que, sem a menor dúvida, também vós sois objeto de sua solicitude.

Revista Espírita de novembro de 1861

Reunião geral dos Espíritas bordeleses - Reunião geral dos Espíritas bordeleses

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC

Senhoras e senhores,

Foi com felicidade que atendi ao vosso apelo, e o acolhimento simpático com que me recebeis é uma dessas satisfações morais que deixam no coração uma impressão profunda e inapagável. Se me sinto feliz com este acolhimento cordial, é que nele vejo uma homenagem à doutrina que professamos e aos bons Espíritos que no-la ensinam, muito mais que a mim pessoalmente, que não passo de um instrumento nas mãos da Providência. Convencido da verdade desta doutrina, e do bem que ela está convocada a produzir, tratei de lhe coordenar os elementos e esforcei-me por torná-la clara e para todos inteligível. É tudo quanto me cabe e, assim, jamais me considereei seu criador. A honra cabe inteiramente aos Espíritos. É, pois, a eles só que se devem dirigir os testemunhos de gratidão. Eu não aceito os elogios que me dirigis de boa vontade senão como um encorajamento para continuar minha tarefa com perseverança.

Nos trabalhos feitos para atingir o objetivo que me propunha, sem dúvida fui ajudado pelos Espíritos, como eles próprios mo disseram várias vezes, mas sem qualquer sinal exterior de mediunidade. Assim, não sou médium, no sentido vulgar da palavra, e hoje compreendo que para mim é uma felicidade que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, eu só teria escrito sob uma mesma influência; teria sido levado a não aceitar como verdade senão o que me tivesse sido dado, e talvez erradamente, ao passo que, na minha posição, convinha que tivesse uma liberdade absoluta de apreender o que é bom onde quer que se encontre e de onde quer que venha. Assim, pude fazer uma seleção dos diversos ensinamentos, sem prevenção e com inteira imparcialidade. Vi muito, estudei muito, observei muito, mas sempre com o olhar impassível e nada mais ambicioso do que ver a experiência que adquiri posta em proveito de outros, aos quais tenho a felicidade de evitar os escolhos inseparáveis de todo noviciado.

Se trabalhei muito e se trabalho diariamente, sou largamente recompensado pela marcha tão rápida da doutrina, cujos progressos ultrapassam tudo o que era de se esperar, pelos resultados morais que ela produz, e sinto-me feliz por ver que a cidade de Bordeaux não somente não fica na retaguarda deste movimento, mas se dispõe a marchar na vanguarda, pelo número e pela qualidade dos adeptos. Se considerarmos que o Espiritismo deve a sua propagação às suas próprias forças, sem o apoio de nenhum dos meios que de ordinário ensejam bons resultados, e apesar dos esforços de uma oposição sistemática, ou antes, devido mesmo a tais esforços, não se pode impedir que nisto se veja o dedo de Deus. Se seus inimigos são poderosos, mas não lhe puderam paralisar o avanço, deve-se convir que o Espiritismo é mais poderoso que aqueles, e tal como a serpente da fábula, em vão empregam os dentes contra uma lima de aço.

Se dissermos que o segredo de seu poder está na vontade de Deus, os que não creem em Deus zombarão. Há também muitas pessoas que não negam Deus, mas se julgam mais fortes do que ele. Esses não riem, mas opõem barreiras que julgam intransponíveis, no entanto, o Espiritismo as vence diariamente e sob suas vistas. É que realmente ele tira da sua natureza, de sua essência mesma, uma força irresistível. Qual, então, o segredo dessa força? Teremos que ocultá-lo, com receio de que, uma vez conhecido, seus inimigos possam vencê-lo, como aconteceu a Sansão? Absolutamente. No Espiritismo não há mistérios. Tudo se faz à luz do dia, e podemos sem receio revelá-lo

abertamente. Embora eu já o tenha dito, talvez não seja fora de propósito repeti-lo aqui, a fim de que se saiba que se revelamos aos adversários o segredo de nossas forças é porque conhecemos também o seu lado fraco.

A força do Espiritismo tem duas causas preponderantes: a primeira é a que torna felizes os que o conhecem, o compreendem e o praticam; ora, como há muita gente infeliz, ele recruta um exército inumerável entre os que sofrem. Querem tirar-lhe esse elemento de propagação? Que tornem os homens de tal modo felizes, moral e materialmente, que estes nada mais tenham a desejar, nem neste, nem no outro mundo. Não pedimos mais, pois o objetivo terá sido atingido. A segunda é que ele não repousa na cabeça de nenhum homem que possa ser derrubado; que ele não tem um foco único que possa ser extinto; que seu foco está em toda parte, porque em toda parte há médiuns que podem comunicar-se com os Espíritos; que não há família que não possa tê-los em seu seio, e se cumpram estas palavras do Cristo: *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão e terão visões*; porque, enfim, o Espiritismo é uma idéia, e não há barreiras impenetráveis à idéia, nem bastante altas para que estas não possam transpô-las. Mataram o Cristo; mataram seus apóstolos e discípulos, mas o Cristo tinha lançado no mundo a idéia cristã, e essa idéia triunfou da perseguição dos Césares onipotentes. Por que, então, o Espiritismo, que não é senão o desenvolvimento e a aplicação da idéia cristã, não triunfará de alguns trocistas ou de antagonistas que, até o presente e malgrado os seus esforços, não lhe puderam opor senão uma negação estéril? Há nisto uma pretensão quimérica? Um sonho de reformador? Aí estão os fatos para responder: a despeito de tudo e contra tudo, o Espiritismo penetra em toda parte. Como o pólen fecundante das flores, é levado pelos ventos e assenta raízes nos quatro cantos do mundo, porque em toda parte encontra uma terra fecunda em sofrimentos, sobre a qual derrama o bálsamo consolador. Suponde, então, o mais absoluto estado que a imaginação possa sonhar, recrutando todos os seus esbirros para deter a idéia ao passar. Poderão eles impedir que os Espíritos entrem nela e se manifestem espontaneamente? Impedirão que os médiuns se reúnam na intimidade das famílias? Suponhamo-los bastante fortes para impedir de escrever, para proibir a leitura dos livros. Poderão impedi-los de ouvir, desde que há médiuns auditivos? Impedirão o pai de receber as consolações do filho que perdeu? Vedes, pois, que é impossível, e que eu tinha razão em dizer que o Espiritismo pode, sem medo, entregar aos inimigos o segredo de suas forças.

Seja, dirão. Quando uma coisa é inevitável, há que aceitá-la. Mas se for uma idéia falsa e má não há razão para entravá-la? Para começar, seria preciso provar que é falsa. Ora, até o presente o que opõem os seus adversários? Troças e negações que, em boa lógica, jamais passaram por argumentos. Mas uma refutação séria, sólida; uma demonstração categórica, evidente, onde a encontrareis? Em parte alguma. Nem nas críticas da Ciência, nem alhures. Por outro lado, quando uma idéia se propaga com a rapidez do relâmpago; quando encontra inumeráveis ecos nas classes mais esclarecidas da Sociedade; quando tem suas raízes em todos os povos, desde que há homens na Terra; quando os maiores filósofos sagrados e profanos a proclamaram, é ilógico supor que não repouse senão na mentira e na ilusão. Todo homem sensato ou não enceguecido pela paixão ou pelo interesse pessoal, dirá que deve haver algo de verdadeiro, e pelo menos o homem prudente, antes de negar, suspenderá o seu julgamento.

A idéia é má? Se é verdadeira, se não passa de uma aplicação das leis da Natureza, parece difícil que seja má, a menos que se admita que Deus fez mal aquilo que fez. Como seria má uma doutrina que torna melhores os que a professam; quando consola os aflitos, dá resignação na infelicidade, leva a paz às famílias, acalma a efervescência das paixões, impede o suicídio? Alguns dizem que ela é contrária à religião. Eis a grande palavra com que tentam amedrontar os tímidos e os que não a conhecem. Como uma doutrina que torna melhor; que ensina a moral evangélica; que só prega a caridade, o esquecimento

das ofensas, a submissão à vontade de Deus, seria contrária à religião? Seria um contrassenso. Afirmar semelhante coisa seria condenar a própria religião. Eis por que digo que os que falam assim, não a conhecem. Se tal fosse o resultado, por que conduziria ela às ideias religiosas aqueles que em nada creem? Por que faria orar aqueles que desde a infância haviam esquecido de fazê-lo?

Aliás, há outra resposta peremptória: o Espiritismo é contrário a toda questão dogmática. Aos materialistas prova a existência da alma; aos que não creem senão no nada, prova a vida eterna; aos que pensam que Deus não se ocupa das ações do homem, prova as penas e recompensas futuras. Destruindo o materialismo, destrói a maior chaga social. Eis o seu objetivo. Quanto às crenças especiais, delas não se ocupa, e deixa a cada um inteira liberdade. O materialista é o maior inimigo da religião. Trazendo-o ao Espiritualismo, o Espiritismo lhe faz percorrer três quartas partes do caminho para voltar ao seio da Igreja. Cabe à Igreja fazer o resto. Mas se a comunhão para a qual ele tenderia a se ligar o repele, seria de estranhar que não se voltasse para uma outra.

Dizendo isto, senhores, falo a conversos, vós o sabeis tão bem quanto eu. Mas há outro ponto, sobre o qual é útil dizer algumas palavras.

Se os inimigos externos nada podem contra o Espiritismo, o mesmo não se dá com os de dentro. Refiro-me aos que são mais espíritas de nome que de fato, sem falar dos que do Espiritismo apenas têm a máscara. O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral. É por suas consequências morais que triunfará, pois aí está a sua força, por aí é invulnerável. Inscreve em sua bandeira: *Amor e Caridade* e, ante esse paládio mais poderoso que o de Minerva, porque vem do Cristo, a própria incredulidade se inclina. Que se pode opor a uma doutrina que leva os homens a se amarem como irmãos? Se não se admitir a causa, ao menos respeitar-se-á o efeito. Ora, o melhor meio de provar a realidade do efeito é fazer sua aplicação a si mesmo; é mostrar aos inimigos da doutrina, pelo próprio exemplo, que ela realmente torna melhor. Mas como convencer que um instrumento pode produzir harmonia, se ele emite sons dissonantes? Assim, como persuadir que o Espiritismo deve conduzir à concórdia, se os que o professam, ou são supostos professores, o que para os adversários dá na mesma, se atiram pedras? Se uma simples susceptibilidade do amor-próprio, de hierarquia basta para dividi-los? Não é o meio de destruir seu próprio argumento? Os mais perigosos inimigos do Espiritismo são, pois, os que o fazem mentir a si mesmo, não praticando a lei que eles proclamam. Seria puerilidade criar dissidência pelas nuances de opinião. Haveria evidente malevolência, esquecimento do primeiro dever do verdadeiro espírita, de separar-se por uma questão pessoal, pois o sentimento de personalidade é fruto do orgulho e do egoísmo.

Não devemos esquecer-nos, senhores, que os inimigos do Espiritismo são de duas ordens. De um lado tendes os trocistas e os incrédulos. Estes recebem diariamente o desmentido pelos fatos. Não os temeis, e com razão. Sem querer, servem à nossa causa, e devemos agradecer-lhes por isso. Do outro lado estão os interessados em combater a Doutrina. Não espereis trazê-los pela persuasão, pois não buscam a luz. Em vão desdobrais aos seus olhos a evidência do sol. São cegos porque não querem ver. Não vos atacam porque estejais no erro, mas porque estais com a verdade e porque, com razão ou sem razão, creem que o Espiritismo é prejudicial aos seus interesses materiais. Se estivessem persuadidos de que é uma quimera, deixá-lo-iam perfeitamente tranquilo. Assim, seu encarniçamento cresce na razão do progresso da Doutrina, de tal maneira que se pode medir sua importância pela violência dos ataques. Enquanto não viram no Espiritismo mais que um brinquedo de mesas girantes, nada disseram, e contaram com o capricho da moda. Hoje, porém, que a despeito de sua má vontade, veem a insuficiência da troça, empregam outros meios. Esses meios, sejam quais forem, têm demonstrado a sua impotência. Contudo, se não podem abafar essa voz que se eleva de todas as partes

do mundo, e se não podem deter essa torrente que as invade por todos os lados, tudo farão para criar entraves, e se puderem fazer recuar o progresso por um dia, dirão ainda que é uma partida ganha.

Esperai, portanto, que o terreno seja disputado palmo a palmo, pois o interesse material é, de todos, o mais tenaz. Para ele, os mais sagrados direitos da Humanidade nada são. Tendes a prova na luta americana. Pereça a união que constituía a nossa glória, antes que os nossos interesses! dizem os escravagistas. Assim falam os adversários do Espiritismo, pois a questão humanitária é a menor de suas preocupações. Que lhes opor? Uma bandeira que os faça empalidecer, pois sabem que esta traz palavras saídas da boca do Cristo: *Amor e Caridade*, e que estas palavras são a sua sentença. Em torno desta bandeira, que todos os verdadeiros espíritas se reúnam, e serão fortes, porque a união faz a força. Reconhecei, pois, os verdadeiros defensores de vossa causa, não pelas palavras vãs, que nada custam, mas pela prática da lei do amor e da caridade; pela abnegação da personalidade. O melhor soldado não é o que ergue o sabre mais alto, mas o que corajosamente sacrifica a própria vida. Olhai, pois, como fazendo causa comum com os vossos inimigos, todos os que tendem a lançar entre vós o fermento da discórdia porque, voluntária ou involuntariamente, fornecem armas contra vós. Em todo caso, não conteis mais com eles do que com esses maus soldados que desertam ao primeiro tiro.

Entretanto, direis, se as opiniões estão divididas sobre alguns pontos da doutrina, como saber de que lado está a verdade? É a coisa mais fácil. Para começar, tendes por peso o vosso julgamento e por medida a lógica sã e inflexível. Depois, tereis o assentimento da maioria. Tende certeza de que o número crescente ou decrescente dos partidários de uma ideia dá a medida de seu valor. Se ela fosse falsa, não conquistaria mais adeptos do que a verdade, pois Deus não o permitiria. Ele pode deixar que o erro surja aqui e ali, para nos fazer ver suas atitudes e nos ensinar a reconhecê-lo. Sem isto, onde estaria o nosso mérito, se não tivéssemos escolha a fazer? Quereis outro critério da verdade? Eis um, infalível. Desde que a divisa do Espiritismo é *Amor e Caridade*, reconhecei a verdade pela prática dessa máxima, e tende como certo que aquele que atira pedras em outro, não pode estar com a verdade absoluta. Quanto a mim, senhores, ouvistes a minha profissão de fé. Se — o que Deus não permita — surgissem dissidências entre vós, digo-o com pesar, eu me separaria abertamente dos que desertassem da bandeira da fraternidade, porque, aos meus olhos, não poderiam ser olhados como verdadeiros espíritas.

Em todo caso, não vos inquieteis absolutamente com algumas dissidências passageiras. Em breve tereis a prova de que elas não têm consequências graves. São provas para a vossa fé e para o vosso julgamento; muitas vezes são meios permitidos por Deus e pelos bons Espíritos para dar a medida da sinceridade e dar a conhecer aqueles com os quais realmente se pode contar, caso necessário, e que assim evitamos colocar na vanguarda. São pequenas pedras semeadas em vosso caminho, a fim de vos habituar a ver em que vos apoiáis.

Resta-me, senhores, falar da organização da Sociedade. Desde que quereis pedir-me conselho, dir-vos-ei o que disse no ano passado em Lyon. Os mesmos motivos levam-me a dissuadir-vos, com todas as minhas forças, do projeto de formar uma sociedade única, abrangendo todos os espíritas da cidade, o que seria impraticável, dado o número crescente dos adeptos. Não tardaríeis a vos verdes tolhidos pelos obstáculos materiais e pelas dificuldades morais, ainda maiores, que vos mostrariam a sua impossibilidade. Melhor será, pois, não empreender uma coisa a que seríeis obrigados a renunciar. Todas as considerações em apoio a esta opinião estão completamente desenvolvidas na nova

edição do *Livro dos Médiuns*, à qual convido a vos reportardes. A isto apenas acrescentarei poucas palavras.

O que é difícil obter numa reunião numerosa o é muito menos nos grupos particulares. Estes se formam por afinidade de gostos, de sentimentos e de hábitos. Dois grupos separados podem ter uma diferente maneira de ver sobre alguns detalhes e nem por isso deixam de marchar de acordo, ao passo que se estivessem reunidos, a divergência de opiniões traria inevitáveis perturbações.

O sistema da multiplicação dos grupos ainda tem como resultado pôr termo às disputas por supremacia e presidência. Cada grupo é, naturalmente, presidido pelo dono da casa ou pelo que for designado, e tudo se passa em família. Se a alta direção do Espiritismo, numa cidade, cabe a alguém, este será chamado pela força das coisas, e um assentimento tácito o designará muito naturalmente, em razão de seu mérito pessoal; de suas qualidades conciliadoras; do zelo e do devotamento de que tiver dado provas; dos reais serviços que houver prestado à causa. Assim, e sem a buscar, ele terá adquirido uma força moral que ninguém contestará, porque todos a reconhecerão, ao passo que aquele que, por sua autoridade privada, procurasse impor-se, ou que fosse arrastado por uma camarilha, encontraria oposição da parte de todos quantos não lhe reconhecessem as qualidades morais necessárias. Daí uma causa inevitável de divisões.

Coisa séria é confiar a alguém a suprema direção da doutrina. Antes de fazê-lo é preciso estar bem seguro desse alguém sob todos os pontos de vista porque, com ideias errôneas, poderia arrastar a Sociedade por uma rampa perigosa, e talvez à sua ruína. Nos grupos particulares, cada um pode dar prova de habilidade e ser designado, mais tarde, aos sufrágios dos colegas, se for o caso. Mas ninguém pode ser general antes de ser soldado. Assim como o bom general é reconhecido por sua coragem e por seus talentos, o verdadeiro espírita é reconhecido por suas qualidades. Ora, a primeira de que deve dar provas é a abnegação da personalidade. É, pois, por seus atos que o reconhecemos, mais que pelas palavras. O que é necessário para uma tal direção é um verdadeiro espírita, e o verdadeiro espírita não é movido pela ambição, nem pelo amor-próprio. A tal respeito, senhores, chamo a vossa atenção para as diversas categoriais de Espíritos, cujos caracteres distintivos estão claramente definidos no *Livro dos Médiuns* (nº. 28).

Aliás, seja qual for a natureza da reunião, numerosa ou não, as condições que deve preencher para atingir o seu objetivo são as mesmas. É a isto que devemos dedicar todos os nossos cuidados, e aqueles que os preencherem serão fortes porque terão, necessariamente, o apoio dos bons Espíritos. Tais condições se acham no *Livro dos Médiuns* (nº. 341).

Um equívoco muito frequente entre novos adeptos é o de se julgarem mestres após alguns meses de estudo. O Espiritismo é uma Ciência imensa, como bem sabeis, e experiência em sua prática não se adquire senão com o tempo, aliás como em todas as coisas. Essa pretensão de não mais necessitar de conselhos, e de se julgar acima de todos, é uma prova de insuficiência, pois foge a um dos primeiros preceitos da doutrina: a modéstia e a humildade. Quando os Espíritos malévolos encontram semelhantes disposições num indivíduo, não deixam de incentivá-las e superexcitá-las, persuadindo-o de que só ele possui a verdade. É um dos escolhos que podem ser encontrados, e contra o qual julguei conveniente premunir-vos, acrescentando que não basta dizer-se espírita, como não basta dizer-se cristão. É preciso prová-lo pela prática.

Se, pela formação de grupos, é evitada a rivalidade dos indivíduos, tal rivalidade não poderia existir entre os próprios grupos que, marchando por vias um pouco divergentes, pudessem produzir cismas, ao passo que numa sociedade única seria mantida a unidade

de princípios? A isto respondo que o inconveniente assinalado não seria evitado, pois aqueles que não adotassem os princípios da sociedade dela se separariam e nada os impediria de formarem um grupo à parte. Os grupos são outras tantas pequenas sociedades, que necessariamente marcharão na mesma via, se todas adotarem a mesma bandeira e as bases da Ciência, consagradas pela experiência. A respeito também chamo a vossa atenção para o n.º 348 do *Livro dos Médiuns*. Aliás, nada impede que um grupo central seja formado de delegados dos diversos grupos particulares que, assim, teriam um ponto de ligação, e um correspondente direto com a Sociedade de Paris. Depois, anualmente, uma assembleia geral poderia reunir todos os adeptos e tornar-se, assim, uma verdadeira festa do Espiritismo. Aliás, sob esses diversos pontos eu prepararei uma instrução minuciosa, que terei a honra de vos remeter posteriormente, tanto sobre a organização quanto sobre a ordem dos trabalhos. Os que a seguirem manter-se-ão naturalmente na unidade de princípios.

Senhores, tais são os conselhos que vos devo dar, desde que tivestes a bondade de solicitá-los. Sinto-me feliz por acrescentar que em Bordeaux encontrei elementos excelentes e um progresso muito maior do que esperava. Aqui encontrei um grande número de verdadeiros e sinceros espíritas e levo de minha visita a esperança fundada de que nossa doutrina se desenvolverá sobre as mais amplas bases e em excelentes condições. Crede que meu concurso jamais faltará em tudo quanto estiver ao meu alcance para secundar os esforços dos que são sincera e conscienciosamente devotados de coração a esta nobre causa, que é da Humanidade.

O Espírito de Erasto, que já conheceis, senhores, por suas notáveis dissertações que já lestes, também quer trazer-vos o tributo de seus conselhos. Antes de minha partida de Paris, ele ditou, por intermédio de seu médium habitual, a comunicação seguinte, que vou ter a honra de vos ler.

Revista Espírita de novembro de 1861

Banquete oferecido a Allan Kardec

Discurso e brinde do Sr. Allan Kardec

Meus caros irmãos no Espiritismo,

Faltam-me expressões para dar a impressão que sinto pela vossa acolhida tão simpática e benevolente. Permitti-me, pois, dizer em poucas palavras e não em longas frases que não diriam mais, que situarei minha primeira visita a Bordeaux entre os mais felizes momentos de minha vida e da qual guardarei eterna lembrança. Mas também não esquecerei, senhores, que esta acolhida me impõe uma grande tarefa, qual a de justificá-la, o que espero fazer com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos. Ela me impõe, além disso, grandes obrigações, não só para convosco, mas ainda para com os espíritas de todas as regiões, dos quais sois representantes, como membros da grande família, bem como para com o Espiritismo em geral, que acabais de aclamar nestas duas reuniões solenes e que, não tenhais dúvida, colherá no arrojo de vossa importante cidade uma força nova para lutar contra os obstáculos que quererão lançar em vosso caminho.

Em minha alocução de ontem, falei de sua força irresistível. Não sois a prova evidente? Não é um fato característico a inauguração de uma sociedade espírita que, como a vossa, se inicia pela reunião espontânea de cerca de 300 pessoas, atraídas, não por vã curiosidade, mas pela convicção e pelo único desejo de se agrupar num feixe único? Sim, senhores, o fato não só é característico, mas providencial. Eis, acerca deste assunto, o que ainda ontem, antes da sessão, dizia meu guia espiritual, o Espírito de Verdade:

“Deus marcou com o cunho de sua vontade imutável a hora da regeneração dos filhos desta grande cidade. À obra, pois, com confiança e coragem. Esta noite os destinos de seus habitantes vão começar a sair da rotina das paixões que sua riqueza e seu luxo faziam germinar como joio junto ao bom grão, para atingir, pelo progresso moral que lhe vai imprimir o Espiritismo, a altura dos destinos eternos. Tu vêes que Bordeaux é uma cidade amada pelos Espíritos, pois vê multiplicar-se em seus muros os mais sublimes devotamentos da caridade, sob todas as formas. Assim, eles estavam aflitos por vê-la na retaguarda do movimento progressivo que o Espiritismo acaba de impor à Humanidade. Mas os progressos vão ser tão rápidos, que os Espíritos bendirão o Senhor por ter-te inspirado o desejo de vir ajudá-los a entrar nesta via sagrada”.

Vedes, pois, senhores, que o impulso que vos anima vem do Alto, e seria muita temeridade de quem quisesse detê-lo, pois seria derrubado como os anjos rebeldes que quiseram lutar contra o poder de Deus. Não temais, pois, a oposição de alguns adversários interesseiros ou que se pavoneiam na sua incredulidade materialista. O materialismo chega à sua última hora e é o Espiritismo que vem fazê-la soar, pois ele é a aurora que dissipa as trevas da noite. E, coisa providencial! é o próprio materialismo que sem o querer, serve de auxiliar à propagação do Espiritismo. Por seus ataques, ele chama a atenção dos indiferentes. As pessoas querem saber de que se trata, e como o acham interessante, adotam-no. Tendes a prova disto sob vossos olhos, pois sem os artigos de um dos jornais de vossa cidade, os espíritas bordeleses talvez constituíssem a metade do que são. Tal artigo naturalmente despertou a curiosidade, porque geralmente se diz: Atacam, logo existe algo. Mediram a importância da coisa pela extensão do artigo. Perguntaram: É bom? É mau? É verdadeiro? É falso? Vejamos, de qualquer modo. Viram, e sabeis o resultado. Longe, pois, de malquerer ao autor do artigo, é preciso ser-lhe grato pela propaganda gratuita. E se houver aqui algum de seus amigos, pedimos-lhe que o incentive a recomeçar, a fim de que, se hoje somos 300, sejamos 600 no próximo ano.

Sobre isto eu vos poderia citar casos curiosos de propaganda semelhante, feita em certas cidades, por sermões furibundos contra o Espiritismo.

Como Lyon, Bordeaux acaba de plantar, altiva, a bandeira do Espiritismo, e o que vejo me garante que não será arrancada. Bordeaux e Lyon! Duas das maiores cidades da França! Focos de luz! E dizem que todos os espíritas são loucos! Honra aos loucos dessa espécie! Não esqueçamos de Metz, que acaba de fundar sua sociedade, onde figuram, em grande número, oficiais de todas as patentes, e que reclama sua admissão na grande família. Espero que em breve Toulouse, Marselha e outras cidades, onde já fermenta a nova semente, juntar-se-ão às suas irmãs mais velhas e darão o sinal da regeneração em suas respectivas regiões.

Senhores, em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, levanto um brinde aos espíritas de Bordeaux; à sua união fraterna para resistir ao inimigo que queria dividi-la, a fim de ter razão mais facilmente.

A este brinde associo, do mais fundo de meu coração, e com a mais viva simpatia, o Grupo Espírita dos Operários de Bordeaux que, como os de Lyon, dão admirável exemplo de zelo, devotamento, abnegação e reforma moral. Asseguro-vos que estou feliz, muito feliz de ver seus delegados reunidos fraternalmente nesta mesa, com o escol da Sociedade, que prova, por esta associação, a influência do Espiritismo sobre os preconceitos sociais. Não poderia ser de outro modo, quando ele nos ensina que o mais bem colocado no mundo talvez tenha sido humilde proletário, e que apertando a mão do último trabalhador, talvez aperte a de um irmão, de um pai, ou de um amigo.

Em nome dos espíritas de Metz e de Lyon, dos quais me faço intérprete, eu vos agradeço por tê-los incluído na expressão dos vossos sentimentos fraternos.

Aos espíritas bordeleses!

Senhores, os espíritas não devem ser ingratos. Creio ser dever de reconhecimento não esquecer os que servem a nossa causa, mesmo sem o querer. Assim, proponho um brinde ao autor do artigo do *Courrier de la Gironde*, pelo serviço que nos prestou, fazendo votos para que ele renove, de vez em quando, seus espirituosos artigos. E se Deus quiser, em breve ele será o único homem sensato de Bordeaux.

Revista Espírita de maio de 1862

Exéquias do Sr. Sanson

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC NO ENTERRO DO SR. SANSON

Senhores e caros colegas da Sociedade Espírita de Paris.

É a primeira vez que trazemos um colega à sua última morada. Este a quem vimos dizer adeus vós conhecestes e soubestes apreciar as suas eminentes qualidades. Lembrando-as aqui, eu apenas diria o que todos sabeis: coração eminentemente reto, de uma lealdade a toda a prova, sua via foi a de um homem de bem em toda a extensão do vocábulo. Penso que ninguém o contestará. Essas qualidades ainda eram postas em destaque por uma grande bondade e uma extrema benevolência. Com isto, haveria necessidade de ter praticado ações brilhantes e de deixar um nome à posteridade? Isso não lhe daria um lugar melhor no mundo onde se acha agora. Se, pois, sobre o seu túmulo não vamos lançar coroas de louro, todos quantos o conheceram aqui depositam, na sinceridade de seus espíritos, coroas mais preciosas: as da estima e da afeição.

Sabeis, senhores, que o Sr. Sanson era dotado de uma inteligência pouco comum e de uma grande justeza de apreciação, ainda mais desenvolvida por uma instrução variada e profunda. De uma simplicidade patriarcal nos seus modos de vida, encontrava em seu próprio íntimo os elementos de uma atividade intelectual que aplicava em pesquisas, em invenções, certamente muito engenhosas, mas que, infelizmente, não lhe trouxeram resultados.

Era um desses homens que jamais se aborrecem, porque sempre estão pensando em algo de sério. Conquanto sua posição o tivesse privado daquilo que faz a doçura da vida, seu bom humor jamais se alterava. Creio não exagerar dizendo que era o tipo do verdadeiro filósofo: não do filósofo cínico, mas daquele que está sempre contente com o que tem, sem se atormentar nunca pelo que não tem.

Esses sentimentos sem dúvida constituíam o fundo do seu caráter, mas, nos últimos anos, foram singularmente fortalecidos por suas crenças espíritas. Estas o ajudaram a suportar longos e cruéis padecimentos com uma paciência e uma resignação muito cristã. Não há um só dentre nós que o tendo visto em seu leito de dor, não se tenha edificado com a sua calma e a sua inalterável serenidade. Desde muito tempo ele previa o seu fim, mas, longe de se apavorar, o esperava como a hora da libertação. Ah! É que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força da qual só se dá conta quem a possui. E o Sr. Sanson a possuía em grau supremo.

Que é, então, a fé espírita? talvez perguntem alguns dos que me escutam.

— A fé espírita consiste na convicção íntima de que temos uma alma; que essa alma, ou Espírito, o que é a mesma coisa, sobrevive ao corpo; que ela é feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal que fez em vida.

Dirão que isso é sabido por todos. Sim, exceto pelos que creem que tudo se acaba quando morremos, e estes são mais numerosos do que se pensa, neste século. Assim, na opinião destes últimos, os despojos mortais que temos sob os nossos olhos, e que em alguns dias estarão reduzidos a pó, serão tudo quanto resta daquele de quem nos despedimos. Assim, o que é que homenageamos? A um cadáver, porque de sua inteligência, de seu pensamento, das qualidades que o tornavam amado, nada restará. Tudo será aniquilado. O mesmo se dará conosco, quando morrermos.

Essa ideia do nada que nos esperaria não tem algo de pungente e glacial?

Quem, em presença deste túmulo aberto, não sente um calafrio percorrer as veias, ao pensar que amanhã, talvez, o mesmo lhe acontecerá e que, depois de umas ps de terra lançadas sobre o seu corpo, tudo estará terminado para sempre; que não mais pensar, não sentir, não amar?

Mas, ao lado dos que negam, há o número ainda maior dos que duvidam, por não terem uma certeza positiva, e para os quais a dúvida é uma tortura.

Vs todos que acreditais firmemente que o Sr. Sanson tinha uma alma, o que pensais em que ela se tornou? Onde está? O que faz? Ah! exclamareis. Se nós pudéssemos saber, jamais a dúvida teria entrado em nosso coração! Sondai bem o fundo dos vossos pensamentos e convencei-vos de que a mais de um entre vs já aconteceu dizer, no foro íntimo, falando da vida futura: "E se assim não fosse?" E dizeis isso porque não a compreendeis, porque dela fazeis uma ideia que não podia aliar-se  razão.

Ora! O Espiritismo vem explicá-la e, por assim dizer, torná-la tangível, tão palpável e tão evidente que não será mais possível neg-la, tanto quanto não  possível negar a luz.

Então, em que se tornou a alma do nosso amigo? Ela está aqui, ao nosso lado, escutando-nos, penetrando o nosso pensamento e julgando o sentimento que anima cada um nesta triste cerimnia. Essa alma não é o que vulgarmente pensam: uma chama, uma centelha, algo vago e indefinido. Não a vereis, de acordo com ideias supersticiosas, correr  noite pela Terra como um fogo-ftuo. Não. Ela tem uma forma, um corpo como em vida, mas um corpo fluídico, vaporoso, invisível aos nossos sentidos grosseiros e que, entretanto, em certos casos, torna-se visível. Durante a vida tinha um segundo envoltório, pesado, material, destrutível. Quando esse envoltório se gasta e não mais pode funcionar, cai, como a casca de um fruto maduro, e a alma o deixa como se deixasse velha roupa de trabalho.  esse envoltório da alma do Sr. Sanson, essa velha roupa que o fazia sofrer, que se acha no fundo da cova. É tudo o que resta dele. Mas ele conservou o envoltório etéreo, indestrutível, radioso, que não está sujeito às doenças nem às enfermidades. É assim que ele está entre nós.

Mas não penseis que esteja s. Aqui há milhares no mesmo caso, assistindo  nossa despedida e felicitando o recém-chegado por se ter libertado das misérias da Terra, de sorte que, se neste momento o véu que no-los encobre pudesse ser levantado, veríamos uma multidão em redor de nós, acotovelando-se conosco, e entre eles veríamos o Sr. Sanson, não mais impotente e deitado no leito de sofrimento, mas alerta, lpido, locomovendo-se sem esforço, com a rapidez do pensamento, sem esbarrar em qualquer obstáculo.

Essas almas ou Espíritos constituem o mundo invisível, em cujo meio vivemos sem nos darmos conta. É assim que os parentes e os amigos que perdemos estão mais perto de nós depois da morte do que se em vida tivessem ido para um país distante.

É a existência desse mundo invisível que o Espiritismo põe em evidência, pelas relações que com ele é possível estabelecer e porque aí encontramos os nossos conhecidos. Então já não é uma vaga esperança: É uma prova patente. Ora, a prova do mundo invisível é a prova da vida futura. Adquirida essa certeza, as ideias mudam completamente, porque a importância da vida terrena diminui à medida que cresce a da vida porvindoura.

Essa a f no mundo invisível que possuía o Sr. Sanson. Ele o via e o compreendia tão bem que a morte lhe era apenas um pórtico a transpor, a fim de passar de uma vida dolorosa e de misérias para uma vida bem-aventurada.

A serenidade de seus últimos instantes era, pois, ao mesmo tempo, o resultado de sua confiança absoluta na vida futura, que já entrevia, e uma consciência irreprochável, que lhe dizia nada dever.

Essa fé, ele tinha adquirido no Espiritismo, pois, é necessário dizer, antes da época em que conheceu essa ciência consoladora, ele não era materialista, mas era cético. Suas dúvidas, porém, cessaram ante a evidência dos fatos que testemunhou, e desde então tudo mudou para ele. Colocando-se em pensamento fora da vida material, não mais a via senão como um dia infeliz entre um número infinito de dias felizes. Longe de se lamentar da amargura da vida, abençoava os sofrimentos como provas que deveriam acelerar o seu progresso.

Caro senhor Sanson! Sois testemunha da sinceridade da tristeza de todos nós que vos conhecemos e cuja afeição sobrevive. Em nome de todos os meus colegas presentes e ausentes; em nome de todos os vossos parentes e amigos, eu vos digo adeus, mas não um eterno adeus, pois isso seria uma blasfêmia contra a Providência e uma negação da vida futura. Nós, espíritas, menos que quaisquer outros, não devemos pronunciar essa palavra.

Até à vista, pois, caro senhor Sanson. Que possais gozar no mundo onde vos encontrais agora a felicidade que mereceis e vir estender-nos a mão quando nos chegar a vez de nele entrar.

Permiti-me, senhores, pronunciar uma curta prece junto a esta cova antes que ela se feche.

“Deus Todo-Poderoso, que vossa misericórdia se estenda sobre a alma do Sr. Sanson, que acabais de chamar. Possam ser-lhe contadas as provas que sofreu na Terra, e as nossas preces abrandarem e encurtarem as penas que ela ainda poderá sofrer como Espírito.

“Bons Espíritos que viestes recebê-la, e sobretudo vós, seu anjo da guarda, assisti-a, para ajudá-la a despojar-se da matéria. Dai-lhe a luz e a consciência de si própria, a fim de tirá-la da perturbação que acompanha a passagem da vida corpórea à espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas cometidas, e que lhe seja permitido o desejo de repará-las, a fim de apressar o seu progresso para a vida eterna bem-aventurada.

“Alma do Sr. Sanson, que acabais de entrar no mundo dos Espíritos, aqui estais entre nós. Vós nos vedes e nos escutais, pois entre nós e vós acha-se apenas o corpo perecível, que acabais de deixar e que em breve será pó.

“Esse corpo, instrumento de tantas dores, ainda aí está, ao vosso lado. Vós o vedes como o prisioneiro vê as cadeias de que acaba de se libertar. Deixastes o grosseiro envoltório sujeito às vicissitudes e à morte e apenas guardastes o envoltório etéreo, imperecível e inatingível pelos sofrimentos. Se já não viveis pelo corpo, viveis a vida do Espírito, que é isenta das misérias que afligem a Humanidade.

“Não mais tendes o véu que encobre aos nossos olhos os esplendores da vida futura. De agora em diante podeis contemplar novas maravilhas, enquanto nós ainda estamos mergulhados nas trevas.

“Ides percorrer o espaço e visitar os mundos livremente, enquanto nos arrastamos na Terra, retidos pelo corpo material, semelhante, para nós, a um pesado fardo.

“O horizonte do infinito irá desdobrar-se à vossa frente e, em presença de tanta grandeza, compreenderéis a vaidade de nossos desejos terrenos, de nossas ambições mundanas e de nossas alegrias fúteis, que os homens transformam em delícias.

“Entre os homens a morte não passa de curta separação material. Do lugar de exílio onde ainda nos retém a vontade de Deus, bem como os deveres que ainda temos a cumprir, nós vos seguimos em pensamento, até o momento em que nos for permitido nos reunirmos a vós, assim como vos reunistes aos que vos precederam.

“Se não podemos ir até vós, podeis vir até nós. Vinde, pois, entre aqueles que vos amam e que amastes. Sustentai-os nas provas da vida. Velai pelos que vos são caros. Protegei-os, conforme o vosso poder, e abrandai os seus pesares pelo pensamento de que agora estais mais feliz, e pela consoladora certeza de que estaremos um dia reunidos em um mundo melhor.

“Que vos seja possível, para vossa a felicidade futura, ficardes doravante inacessível aos ressentimentos terrenos!

“Perdoai, portanto, aos que cometeram faltas para convosco, como eles vos perdoam as que houverdes cometido para com eles.” Amém.²

² Esta prece foi inserida em O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XXVIII, item 60.

Revista Espírita de junho de 1862
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC
NA ABERTURA DO ANO SOCIAL, A 1º DE ABRIL DE 1862

Senhores e caros colegas,

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas começou seu quinto ano a 1º de abril de 1862 e, temos que convir, jamais o fez sob melhores auspícios. O fato não tem importância apenas do nosso ponto de vista pessoal, mas é característico, sobretudo do ponto de vista da doutrina em geral, porque prova, de modo evidente, a intervenção dos nossos guias espirituais.

Seria supérfluo lembrar a origem modesta da Sociedade, bem como as circunstâncias, de certa forma providenciais, de sua constituição, circunstâncias para as quais um Espírito eminente, então no poder, e que depois voltou ao mundo dos Espíritos, nos disse ter ele próprio contribuído poderosamente.

Vós vos lembrais, senhores, que a Sociedade teve as suas vicissitudes. Havia em seu seio elementos de dissolução, vindos da época em que se recrutava gente muito facilmente, e sua existência chegou, em certo momento, a estar comprometida. Naquele momento eu duvidei de sua utilidade real, não como simples reunião, mas como Sociedade constituída. Fatigado por essas perplexidades, eu estava resolvido a retirar-me. Esperava que, uma vez livre dos entraves semeados em meu caminho, trabalharia melhor na grande obra empreendida. Fui dissuadido de fazê-lo por numerosas comunicações espontâneas que me foram dadas de vários pontos. Entre outras há uma, cuja substância me parece útil vos dar a conhecer, porque os acontecimentos justificaram as previsões. Ela está assim concebida:

“A Sociedade, formada por nós com o teu concurso, é necessária. Queremos que subsista e subsistirá, malgrado a má vontade de alguns, como tu o reconhecerás mais tarde. Quando existe um mal, não se cura sem crise. Assim é do pequeno ao grande; no indivíduo, como nas sociedades; nas sociedades como nos povos; nos povos como o será na Humanidade.

Nossa Sociedade, dizemos, é necessária. Quando deixar de ser, sob a forma atual, transformar-se-á como todas as coisas. Quanto a ti, não podes, não deves retirar-te. Contudo, não pretendemos acorrentar o teu livre-arbítrio. Apenas dizemos que a tua retirada seria um erro que lamentarias um dia, porque entravaria os nossos desígnios.”

Desde então, dois anos se passaram e, como vedes, a Sociedade felizmente saiu daquela crise passageira, cujas peripécias todas me foram assinaladas, e das quais um dos resultados foi dar-nos uma lição de experiência que aproveitamos e que provocou medidas pelas quais nos felicitamos.

Desembaraçada das preocupações inerentes ao seu estado anterior, a Sociedade pôde prosseguir os seus estudos sem entraves. Também os seus progressos foram rápidos e ela cresceu a olhos vistos, não direi numericamente, posto seja mais numerosa do que nunca, mas em importância. Oitenta e sete membros participando das cotizações anuais figuraram na lista do ano findo, sem contar os sócios honorários e correspondentes. Ter-lhe-ia sido fácil dobrar, e mesmo triplicar esse número, se ela visasse receita. Bastava cercar as admissões de menos dificuldades. Ora, longe de diminuir tais dificuldades, ela as aumentou, porque, sendo uma sociedade de estudos,

não quis afastar-se dos princípios de sua instituição e porque jamais fez questão de interesses materiais. Não procurando entesourar, era-lhe indiferente ser um pouco mais ou um pouco menos numerosa. Sua preponderância nada tem a ver com o número de sócios. Ela está nas ideias que estuda, elabora e divulga. Ela não faz propaganda ativa; não tem agentes nem emissários; não pede a ninguém que venha a ela e, o que pode parecer extraordinário, é a essa reserva que deve a sua influência.

Vejam, a respeito disto, qual é o seu raciocínio: Se as ideias espíritas fossem falsas, nada lhes permitiria lançar raízes, porque toda ideia falsa só tem existência passageira. Se são verdadeiras, firmar-se-ão a despeito de tudo, pela convicção, e o pior meio de propagá-las seria o de impô-las, porque toda ideia imposta é suspeita e trai a sua fraqueza. As ideias verdadeiras devem ser aceitas pela razão e pelo bom senso. Onde elas não germinam, é porque não chegou o seu tempo. É preciso esperar e limitar-se a lançar a semente ao vento, porque, mais cedo ou mais tarde, algumas cairão em terreno menos árido.

O número de membros da Sociedade é, assim, uma questão muito secundária, porque hoje, menos que nunca, ela não poderia pretender absorver todos os adeptos.

Seu objetivo, por estudos conscienciosos, feitos sem preconceitos e sem partido, é o de elucidar as várias partes da Ciência Espírita; buscar as causas dos fenômenos e recolher todas as observações de natureza a esclarecer o problema tão importante e tão palpitante de interesse do estado do mundo invisível, de sua ação sobre o mundo visível e das inumeráveis consequências daí decorrentes para a Humanidade.

Por sua posição e pela multiplicidade de suas relações, ela se acha nas mais favoráveis condições para observar bem e bastante. Seu fim é, pois, essencialmente moral e filosófico, mas o que, acima de tudo, deu crédito aos seus trabalhos é a calma e a gravidade que a eles se aplica. É que aí tudo é discutido friamente, sem paixão, como devem fazê-lo as pessoas que de boa-fé procuram esclarecer-se. É porque sabem que ela só se ocupa de coisas sérias; é, enfim, a impressão que os numerosos estrangeiros, por vezes vindos de terras distantes para assisti-los, levaram da ordem e da dignidade de suas sessões.

Assim, a linha que ela seguiu dá os seus frutos. Os princípios que ela professa, baseados em observações conscienciosas, hoje servem de regra à imensa maioria dos espíritas. Vistes caírem, seguidamente, diante da experiência, a maioria dos sistemas nascidos no começo, e são pouquíssimos os que conservam raros partidários. Isto é incontestável. Quais as ideias que crescem e quais as que declinam? É uma questão de fato.

A doutrina da reencarnação foi o mais controvertido dos princípios, e seus adversários nada pouparam para derrubá-la, nem mesmo as injúrias e grosserias, esse argumento supremo daqueles a quem faltam boas razões. Nem por isso ela deixou de fazer o seu caminho, porque se apoia numa lógica inflexível; porque sem essa alavanca chocamo-nos com dificuldades intransponíveis e porque, enfim, nada se achou de mais racional para substituí-la.

Há, entretanto, um sistema que, mais do que nunca, se espalha agora: o sistema diabólico. Na impossibilidade de negar as manifestações, pretende um partido provar que elas são obra exclusiva do diabo. O encarniçamento com que ataca, prova que ele não está muito convencido de suas razões. Os espíritas, de sua parte, não se comovem absolutamente com essa manifestação de forças, que eles deixam que se gastem. Neste momento ele abre fogo em toda a linha: discursos, pequenas brochuras, grossos volumes, artigos de jornais. É um ataque geral para demonstrar o quê? Que os fatos que em nossa opinião testemunham o poder e a bondade de Deus, ao contrário testemunham

o poder do diabo, donde resulta que podendo apenas o diabo manifestar-se, ele é mais poderoso do que Deus. Atribuir ao diabo tudo quanto é bom nas comunicações é retirar de Deus o bem para homenagear o diabo. Nós nos julgamos mais respeitosos para com a Divindade. Aliás, como eu já disse, os espíritas pouco se inquietam com esse brado de armas, que terá o efeito de destruir um pouco mais cedo o prestígio de Satã.

Sem o emprego de meios materiais, e embora restrita numericamente, por sua própria vontade, a Sociedade de Paris não deixou de fazer uma propaganda considerável, pela força do exemplo. Prova disto é o número incalculável de grupos espíritas que se formam pelos mesmos processos, isto é, de acordo com os princípios que ela professa; é o número de Sociedades regulares que se organizam e querem colocar-se sob o seu patrocínio. Há grupos em várias cidades da França e do estrangeiro, na Argélia, na Itália, na Áustria, no México, etc. O que fizemos para isso? Fomos à sua procura? Solicitamos? Mandamos emissários ou agentes? Absolutamente. Nossos agentes são as obras.

As ideias espíritas espalham-se numa localidade. A princípio aí encontram um pequeno eco, depois, aos poucos, ganham terreno. Os adeptos sentem necessidade de se reunirem, menos para fazer experiências do que para conversar sobre um assunto que lhes interessa. Daí os milhares de grupos particulares, que podem ser chamados familiares. Destes alguns adquirem maior importância numérica; pedem-nos conselhos e assim insensivelmente se forma essa rede, que possui balizas em todos os pontos do globo.

Cabe aqui, senhores, uma observação importante sobre a natureza das relações entre a Sociedade de Paris e as reuniões ou sociedades fundadas sob os seus auspícios, e que seria erro considerar como sucursais. A Sociedade de Paris não tem sobre elas outra autoridade senão a da experiência, mas, como eu disse em outra ocasião, não se imiscui em seus negócios. Seu papel limita-se a conselhos oficiais, quando solicitados. O laço que as une é, pois, puramente moral, baseado na simpatia e na similitude das ideias. Não há *qualquer afiliação, qualquer solidariedade material*. A única palavra de ordem é a que deve ligar todos os homens: *caridade e amor ao próximo*, palavra de ordem pacífica e que não levanta suspeitas.

A maior parte dos membros da Sociedade reside em Paris. Entretanto, alguns moram no interior ou no estrangeiro e, posto só compareçam excepcionalmente, alguns jamais vieram a Paris desde a sua fundação, mas têm a honra de ser sócios.

Além dos membros propriamente ditos, ela tem correspondentes, mas seus relatórios, puramente científicos, apenas objetivam mantê-la ao corrente do Movimento Espírita nas diversas localidades e me fornecem documentos para a história do estabelecimento do Espiritismo, material que venho recolhendo.

Entre os adeptos, há os que se distinguem pelo seu zelo, sua abnegação, seu devotamento à causa do Espiritismo; que pagam pessoalmente, não em palavras, mas em atos. A Sociedade sente-se feliz por lhes dar um testemunho de especial simpatia, conferindo-lhe o título de membros honorários.

De dois anos para cá, portanto, a Sociedade cresceu em crédito e importância. Mas, por outro lado, os seus progressos são assinalados pela natureza das comunicações que recebe dos Espíritos. Com efeito, desde algum tempo essas comunicações adquiriram proporções e desenvolvimento que superam sobremaneira nossa expectativa. Já não são, como outrora, pequenos fragmentos de moral banal, mas dissertações, nas quais as mais altas questões de filosofia são tratadas com uma amplitude e uma profundidade que as convertem em verdadeiros discursos. Foi o que observaram, em sua maioria, os leitores da *Revista*.

Sinto-me feliz em assinalar um outro progresso, no que concerne aos médiuns. Jamais, em nenhuma outra época, vimos tantos participando dos nossos trabalhos, pois chegamos a ter quatorze comunicações na mesma sessão. Contudo, mais precioso do que a quantidade é a qualidade, a julgar pela importância das instruções que nos são dadas.

Nem todos apreciam a mediunidade do mesmo ponto de vista. Uns a avaliam pelo efeito. Para estes, os médiuns velozes são os mais notáveis e os melhores. Nós, que antes de tudo buscamos a instrução, damos mais valor àquilo que satisfaz ao pensamento do que ao que apenas regala os olhos. Assim, preferimos um médium útil, com o qual aprendemos alguma coisa, a um outro admirável, com quem nada aprendemos. Sob esse ponto de vista não temos que nos lastimar e devemos agradecer aos Espíritos por terem cumprido a promessa que fizeram, de não nos deixarem desprovidos. Querendo ampliar o seu círculo de ensino, deviam também multiplicar os instrumentos.

Há, porém, um ponto ainda mais importante, sem o qual tal ensino não teria produzido frutos, ou pouco teria produzido. Sabemos que os Espíritos estão longe de possuir a soberana ciência e que podem enganar-se; que frequentemente emitem suas próprias ideias, justas ou falsas; que os Espíritos superiores querem que o nosso julgamento se exercite em discernir o verdadeiro do falso, aquilo que é racional daquilo que é ilógico. É por isso que nada aceitamos de olhos fechados.

Assim, não haveria ensino proveitoso sem discussão. Mas, como discutir comunicações com médiuns que não suportam a menor controvérsia; que se melindram com uma observação crítica, com uma simples observação, e acham mau que não se aplaudam as coisas que recebem, mesmo aquelas inçadas de grosseiras heresias científicas? Essa pretensão estaria deslocada se o que escrevem fosse produto de sua inteligência; é ridícula desde que eles não são mais que instrumentos passivos, pois se assemelham a um ator que ficaria ofuscado se nós achássemos maus os versos que ele deve declamar. Não podendo seu próprio espírito sentir-se ofendido por uma crítica que não o atinge, então é o Espírito comunicante que se magoa e transmite ao médium a sua impressão. Por esse simples fato, o Espírito trai a sua influência, porque quer impor as suas ideias pela fé cega e não pelo raciocínio ou, o que dá no mesmo, porque só ele quer raciocinar. Disso resulta que o médium que se acha em tais disposições está sob o império de um Espírito que merece pouca confiança, pois mostra mais orgulho do que sabedoria. Assim, sabemos que os Espíritos dessa categoria geralmente afastam seus médiuns dos centros onde não são aceitos sem reservas.

Esse capricho, em médiuns assim atingidos, é um grande obstáculo ao estudo. Se só buscássemos o efeito, isso seria sem importância, mas como buscamos a instrução, não podemos deixar de discutir, mesmo com o risco de desagradar os médiuns. Assim, outrora alguns se retiraram, como sabeis, por esse motivo, embora não confessado, e porque não tinham podido impor-se perante a Sociedade como médiuns exclusivos e intérpretes infalíveis das potências celestes. Aos seus olhos, os obsedados são aqueles que não se inclinam diante de suas comunicações. Alguns levam a sua susceptibilidade ao ponto de ofender-se com a prioridade dada à leitura das comunicações recebidas por outros médiuns. Por que uma comunicação é preferida à sua? Compreende-se o mal-estar imposto por tal situação. Felizmente, no interesse da Ciência Espírita, nem todos são assim, e apresso-me em aproveitar a ocasião para, em nome da Sociedade, dirigir agradecimentos àqueles que hoje nos prestam seu concurso com tanto zelo quanto devotamento, sem calcular esforço nem tempo e que, não tomando partido por suas comunicações, são os primeiros a participar da controvérsia que podem suscitar.

Em resumo, senhores, só nos podemos felicitar pelo estado da Sociedade, do ponto de vista moral. Não há quem não tenha observado uma notável diferença no espírito dominante, em relação ao que era no princípio, cuja impressão cada um sente instintivamente, em muitos casos traduzida em fatos positivos. É incontestável que aí reina menos mal-estar e constrangimento, enquanto se faz sentir um sentimento de mútua benevolência. Parece que os Espíritos perturbadores, vendo a sua impotência para semear a desconfiança, tomaram a sábia decisão de afastar-se.

Também só podemos aplaudir a feliz ideia de vários membros de organizar reuniões particulares em seus lares. Elas têm a vantagem de estabelecer relações mais íntimas. Além disso, são locais de encontro para uma porção de pessoas que não podem vir à Sociedade, onde podem ter uma primeira iniciação; onde podem fazer bom número de observações que depois convergem para o centro comum. Enfim, são canteiros para a formação de médiuns.

Agradeço muito sinceramente às pessoas que me honraram, oferecendo a sua direção, o que me era materialmente impossível. Lamento mesmo muito não poder aí estar tanto quanto era meu desejo.

Conheceis minha opinião em relação aos grupos particulares. Assim, faço votos por sua multiplicação na Sociedade ou fora dela, em Paris ou alhures, porque são os agentes mais ativos de propaganda.

Do ponto de vista material, o nosso tesoureiro vos deu conta da situação da Sociedade. Nosso orçamento, bem o sabeis, senhores, é muito simples. O essencial é que haja equilíbrio entre o ativo e o passivo, de vez que não procuramos capitalizar.

Peçamos, pois, aos bons Espíritos que nos assistem e, em particular, ao nosso presidente espiritual, São Luís, que continuem oferecendo-nos sua benevolente proteção, concedida tão visivelmente até hoje, e da qual mais e mais nos esforçaremos para nos tornarmos dignos.

Resta-me, senhores, dar-vos a conhecer uma coisa importante. Quero falar do emprego dos dez mil francos que me foram enviados há cerca de dois anos, por um assinante da *Revista Espírita*, e que quis manter-se incógnito. Era um donativo a ser empregado no interesse do Espiritismo. Certamente vos lembrais que me foram entregues pessoalmente, sem formalidades e sem documentos, e sem que eu devesse prestar quaisquer contas.

Ao comunicar à Sociedade essa feliz circunstância, declarei, na sessão de 17 de fevereiro de 1860, que não pretendia prevalecer-me da prova de confiança e que, para minha satisfação pessoal, desejava que aquele fundo fosse empregado sob controle, e acrescentei: “Essa soma formará o primeiro fundo de uma *caixa especial*, sob o nome de *Caixa do Espiritismo* e que nada em comum terá com os meus negócios pessoais. Será posteriormente aumentada com as somas que lhe vierem de outras fontes e exclusivamente destinada às necessidades da doutrina e ao desenvolvimento das ideias espíritas. Um de meus primeiros cuidados será suprir a falta de material da Sociedade, para a regularidade de seus trabalhos, e a criação de uma *biblioteca especial*. Pedi a vários colegas que aceitassem o controle dessa caixa e que, em datas que posteriormente serão determinadas, verificassem o útil emprego do fundo”.

Essa comissão, hoje parcialmente dispersa pelas circunstâncias, será completada quando for necessário, e todos os documentos lhe serão entregues. Enquanto se espera e, em vista da absoluta liberdade que me foi concedida, julguei conveniente aplicar essa soma no desenvolvimento da Sociedade, e a vós senhores, julgo dever prestar contas da situação, tanto para desobrigar-me pessoalmente, quanto para vosso esclarecimento. Insisto para que bem se compreenda a impossibilidade material de usar esse fundo em

despesas cuja urgência dia a dia mais se acentuam, em vista da extensão dos trabalhos que reclama o Espiritismo.

Como sabeis, senhores, a Sociedade sentia vivamente os inconvenientes de não ter um local adequado para as sessões e onde seus arquivos pudessem estar à mão. Para trabalhos como o nosso, é preciso, de certo modo, um local para isso consagrado, onde nada possa perturbar o recolhimento. Todos deploravam a necessidade em que nos encontrávamos de nos reunirmos num estabelecimento público pouco harmonizado com a seriedade de nossos estudos. Assim, julguei que fazia coisa útil lhe dando os meios de ter um lugar mais conveniente, com o auxílio dos fundos que eu tinha recebido.

Por outro lado, considerando-se que o progresso do Espiritismo traz à minha casa um número crescente de visitantes franceses e estrangeiros, que pode ser calculado em mil e duzentos a mil e quinhentos por ano, era preferível recebê-los na sede da Sociedade, a fim de concentrar aí todos os negócios e todos os documentos concernentes ao Espiritismo.

Quanto ao que me concerne, acrescentarei que entregando-me inteiramente à doutrina, de certo modo, e para evitar perda de tempo, tornava-se necessário que tivesse meu domicílio aí, ou ao menos na vizinhança. Para mim, pessoalmente, isto não seria necessário, pois tenho em casa uma peça que nada me custa, mais agradável, sob todos os pontos de vista, e onde permaneço tanto quanto me permitem as minhas obrigações. Um segundo apartamento teria sido uma despesa inútil e onerosa.

Assim, sem o Espiritismo, eu estaria tranquilamente em casa, na avenida Ségur, e não aqui, obrigado a trabalhar da manhã à noite e muitas vezes da noite à manhã, sem mesmo repousar um pouco, o que às vezes me é muito necessário, pois sabeis que sou sozinho para uma tarefa cuja extensão dificilmente imaginam, e que necessariamente aumenta com o desenvolvimento da doutrina.

Este apartamento reúne as vantagens desejáveis por suas disposições internas e sua situação central. Nada tendo de suntuoso, é muito adequado. Entretanto, sendo os recursos da Sociedade insuficientes para o aluguel, tive que completá-lo com os fundos da doação. Sem isto a Sociedade teria que continuar na situação precária, mesquinha e incômoda em que se achava. Graças a esse suplemento, foi possível dar aos seus trabalhos desenvolvimentos que todos sabem vantajosos e proveitosos para a doutrina. É, pois, o emprego passado e a destinação futura dos fundos da doação que julgo dever comunicar-vos.

O aluguel do apartamento custa 2.500 francos anuais e, com os acessórios, 2.530 francos. As contribuições são de 198 francos, totalizando 2.728. A Sociedade paga, de sua parte, 1.200 francos. Resta uma diferença de 1.528. O contrato foi feito por três, seis ou nove anos, e começou a 1º de abril de 1860. Calculando para seis anos a 1.528 francos, temos 9.168 francos, ao que temos que adicionar a compra de móveis e as despesas de instalação, de 900 francos; para gorjetas e despesas diversas, 80 francos, totalizando 10.148 francos, sem os imprevistos, a pagar com o capital de 10.000 francos.

No fim do contrato, isto é, daqui a quatro anos, haverá um excedente nas despesas. Vedes, senhores, que não há possibilidade de desviar a menor soma, se quisermos chegar ao fim. Que fazer, então? Aquilo que Deus quiser, que quiserem os bons Espíritos, os quais me disseram que não me inquietasse.

Observe-se que se a soma dos gastos com material e instalação é de apenas 900 francos, é que aí foi empregada uma parcela rigorosamente necessária do capital. Se tivéssemos que adquirir todo o mobiliário que aqui se acha, considerando-se apenas as peças de recepção, haveria necessidade de três ou quatro vezes mais, e então a Sociedade, em vez de seis anos de aluguel, teria apenas três. É, pois, o meu mobiliário

pessoal que constitui a maior parte e que, devido ao uso, terá recebido um grande desgaste.

Em resumo, a soma de 10.000 francos, que alguns julgavam inesgotável, se acha quase inteiramente absorvida pelo aluguel, que era importante, antes de tudo, garantir por algum tempo, sem que tivesse sido possível direcionar qualquer parcela para outros fins, principalmente para a compra de obras antigas e modernas, francesas e estrangeiras, necessárias à formação de uma grande biblioteca espírita, como era projeto meu. Só isso não teria custado menos de 3.000 a 4.000 francos.

Disso resulta que todas as despesas além do aluguel, como viagens e uma porção de gastos necessários para o Espiritismo, e que não ficam por menos de 2.000 francos anuais, estão pessoalmente a meu cargo, e essa soma não deixa de pesar num orçamento restrito, que se mantém à custa de ordem, economia e até de privações.

Não creiais, senhores, que eu queira conquistar méritos. Assim fazendo, sei que sirvo a uma causa junto à qual a vida material nada é, e pela qual estou pronto a sacrificar a minha. Talvez um dia eu tenha imitadores. Aliás, estou bem recompensado pelos resultados que obtive. Se uma coisa lamento, é a exiguidade dos meus recursos, que não me permitem fazer mais, pois com suficientes meios de execução bem empregados, com ordem e em coisas realmente úteis, avançaríamos meio século no estabelecimento definitivo da doutrina.

Revista Espírita de dezembro de 1862

Espiritismo em Rochefort

EPISÓDIO DA VIAGEM DO SR. ALLAN KARDEC

Rochefort não é ainda um foco de Espiritismo, posto tenha alguns adeptos fervorosos e numerosos simpatizantes das novas ideias. Mas lá, menos que alhures, há coragem de opinião e muitos crentes se mantêm à margem. No dia em que ousarem mostrar-se, ficaremos muito surpreendidos ao vê-los tão numerosos. Como apenas íamos ver algumas pessoas isoladas, esperávamos demorar apenas algumas horas. Mas, um passageiro que se achava no mesmo carro nos reconheceu por um retrato que vira em Marennes, e preveniu os amigos da nossa chegada. Então recebemos um convite insistente e dos mais delicados, da parte de vários espíritas que nos desejavam conhecer e receber instruções. Nossa partida foi adiada para o dia seguinte e tivemos a satisfação de passar a noite numa reunião de espíritas sinceros e dedicados.

Durante a reunião recebemos outro convite, em termos não menos impositivos, da parte de um alto funcionário e de várias notabilidades da cidade, exprimindo o desejo de uma reunião na noite seguinte, o que determinou novo adiamento de nossa partida. Não teríamos mencionado tais detalhes se não fossem necessários à explicação que nos julgamos obrigados a dar a seguir, em relação a um jornal da localidade.

Nessa última reunião fizemos, ao início da sessão, a seguinte alocução:

“Senhores,

“Posto não tivesse a intenção de passar senão algumas horas em Rochefort, o desejo por vós manifestado para esta reunião me era muito lisonjeiro, sobretudo pela maneira que o convite foi feito, para que dele declinasse.

“Ignoro se todas as pessoas que me honram com sua presença nesta reunião são iniciadas na ciência espírita. Suponho que muitos são ainda noviços na matéria, e poderia, até, encontrar alguns que lhe são hostis.

“Ora, por força da falsa ideia que fazem do Espiritismo aqueles que o desconhecem, ou só o conhecem imperfeitamente, o resultado desta reunião poderia causar algumas decepções àqueles que não encontrassem aquilo que esperavam. Então, devo explicar claramente o meu objetivo, para que não haja mal-entendidos.

“Antes de tudo, devo informar quanto ao objetivo que me proponho em minhas excursões. Vou unicamente visitar centros espíritas e lhes dar as instruções de que possam necessitar. Entretanto, seria erro pensar que vou pregar a doutrina aos incrédulos.

“O Espiritismo é toda uma ciência que exige estudos sérios, como as outras ciências, e, ainda, numerosas observações. Para desenvolvê-la seria necessário um curso em regra, e um curso de Espiritismo não poderia ser feito em uma ou duas aulas, como não o poderia um curso de Física ou de Astronomia. Para os que ignoram as primeiras noções, sou obrigado a enviá-los à fonte, isto é, ao estudo das obras onde se acham todos os ensinamentos necessários e a resposta à maioria das perguntas que poderiam fazer e que, no mais das vezes, se referem aos princípios mais elementares. É por isso que, em minhas visitas, só me dirijo aos que já sabem, que não necessitam do ABC, mas de ensino complementar.

“Jamais vou fazer o que se chama *sessões*, nem convocar o público para assistir experiências ou demonstrações e, menos ainda, fazer exibição de Espíritos. Os que esperassem aqui ver coisa semelhante estariam redondamente enganados e devo apressar-me em lhes tirar a ilusão.

“A reunião desta noite é, pois, excepcional e fora de meus hábitos. Pelos motivos acima expostos, não posso ter a pretensão de convencer àqueles que impugnassem as bases dos meus princípios. Só uma coisa desejo: é que, em falta de convicção, compreendam que o Espiritismo é uma coisa séria e digna de atenção, pois atrai a atenção dos homens mais esclarecidos de todos os países.

“Que não o aceitem cegamente e sem exame, é compreensível. Mas seria presunção tomar posição falsa contra uma opinião que conta com seus mais numerosos partidários na elite da Sociedade.

“As pessoas sensatas dizem: Há tantas coisas novas que nos vêm surpreender e que há um século pareceriam absurdas; diariamente assistimos à descoberta de leis novas e à revelação de novas forças da Natureza, que seria ilógico admitir que a Natureza houvesse dito a última palavra. Antes de negar é, então, prudente estudar e observar.

“Para julgar uma coisa é preciso conhecê-la. A crítica só é permissível ao que fala do que sabe. Que seria dito de um homem que, ignorando música, criticasse uma ópera; que ignorando as primeiras noções de literatura, criticasse uma obra literária? Ora! O mesmo se dá com a maioria dos detratores do Espiritismo. Eles julgam com dados incompletos, por vezes até por ouvir dizer. Assim, todas as suas objeções denotam ignorância absoluta da coisa. Só se lhes pode responder: Estudai antes de julgar.

“Como tive a honra de vos dizer, senhores, seria materialmente impossível vos desenvolver todos os princípios da ciência. Quanto a satisfazer à curiosidade de quem quer que seja, há entre vós quem me conheça bastante para saber que jamais representei tal papel. Mas, na impossibilidade de vos expor as coisas em detalhes, talvez seja útil dar-vos a conhecer o fim e as tendências. É o que me proponho fazer. Depois julgareis se o objetivo é sério, e se é permitido censurar.

“Então, peço licença para ler algumas passagens do discurso que pronunciei nas grandes reuniões de Lyon e Bordeaux. Para as pessoas que apenas têm do Espiritismo uma ideia incompleta, sem dúvida a ideia principal fica no estado de hipótese, pois me dirijo a adeptos já instruídos. Esperando, porém, que para vós, as circunstâncias tenham transformado tais hipóteses em verdade, podereis ver as suas consequências, bem como a natureza das instruções que dou, e por aí avaliar o caráter das reuniões a que vou assistir.

“Posso, contudo, dizer do Espiritismo, que nele nada é hipotético. De todos os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, nenhum é produto de um sistema ou de opinião pessoal. Todos, sem exceção, são fruto da experiência e da observação. Eu não poderia reivindicar um só como produto de minha iniciativa. Aquelas obras contêm o que aprendi e não o que criei. Ora, aquilo que aprendi, outros podem aprender, como eu. Mas como eu, devem trabalhar. Eu apenas lhes poupei o esforço dos primeiros trabalhos e das primeiras pesquisas.”

Viagem Espírita em 1862

Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux

Discurso I

Senhores e prezados irmãos espíritas,

Não sois escolares em Espiritismo. Hoje colocarei, pois, de lado, questões práticas sobre as quais, devo reconhecer, estais suficientemente esclarecidos, para enfocar o problema sob uma perspectiva mais larga e, acima de tudo, em suas consequências. Este lado do assunto é grave, o mais grave incontestavelmente pois que revela o objetivo para o qual tende a doutrina espírita e os meios para atingi-lo. Serei um pouco longo, talvez, pois o assunto é vasto, e, todavia, restaria ainda muito a dizer para completá-lo. Assim, solicitarei vossa indulgência considerando que, podendo permanecer um tempo muito restrito entre vós, sou forçado a dizer, de uma só vez, o que em outras circunstâncias poderia ser dividido em muitas partes.

Antes de abordar o ângulo principal do assunto, creio dever examiná-lo de um ponto de vista que me é, de certa forma, pessoal. Se se tratasse tão somente de uma questão individual, seguramente outra seria a minha atitude. Entretanto ela se prende a vários assuntos de caráter geral e disso pode resultar um esclarecimento de utilidade para toda gente. Esse foi o motivo que me levou a optar por tal iniciativa, aproveitando, assim, a ocasião para explicar a causa de certos antagonismos com que deparamos, não sem algum espanto, em nosso caminho.

No estado atual das coisas aqui na Terra, qual é o homem que não tem inimigos? Para não tê-los fora preciso não habitar aqui, pois esta é uma consequência da inferioridade relativa de nosso globo e de sua destinação como mundo de expiação. Bastaria, para não nos enquadrarmos na situação, praticar o bem? Oh, Não! O Cristo aí está para prová-lo. Se, pois, o Cristo, a bondade por excelência, serviu de alvo a tudo quanto a maldade pôde imaginar, como nos espantarmos com o fato de o mesmo suceder àqueles que valem cem vezes menos?

O homem que pratica o bem - isto dito em tese geral - deve, pois, preparar-se para se ferir na ingratidão, para ter contra ele aqueles que, não o praticando, são ciumentos da estima concedida aos que o praticam. Os primeiros, não se sentindo dotados de força para se elevarem, procuram rebaixar os outros ao seu nível, obstinam-se em anular, pela maledicência ou a calúnia, aqueles que os ofuscam. Ouve-se constantemente dizer que a ingratidão com que somos pagos, endurece o nosso coração e nos torna egoístas. Falar assim é provar que se tem o coração fácil de ser endurecido, uma vez que esse temor não poderia deter o homem verdadeiramente bom. O reconhecimento já é uma remuneração pelo bem que se faz; praticá-lo tendo em vista esta remuneração, é fazê-lo por interesse. Por outro lado, quem sabe se aquele que beneficiamos, e do qual nada esperamos, não será estimulado a mais elevados sentimentos por um reto proceder? Este pode ser, talvez, um meio de levá-lo a refletir, de suavizar sua alma, de salvá-lo! Esta esperança constitui uma nobre ambição. Se nos inferiorizarmos, não realizaremos o que nos compete realizar.

Não podemos, entretanto, supor que um benefício, aparentemente estéril na Terra, seja para sempre improdutivo. É, muitas vezes, um grão semeado e que não germina senão na vida futura daquele que o recebeu. Muitas vezes temos observado certos

Espíritos, ingratos como homens, tomados de emoção na espiritualidade, pelo bem que lhes foi feito. E essa lembrança, neles despertando pensamentos benéficos, facilita-lhes enveredarem para o caminho do bem e do arrependimento, contribuindo para abreviar seus sofrimentos. Só o Espiritismo poderia revelar este resultado da benevolência, só a ele está dado, pelas comunicações recebidas do além-túmulo, revelar o lado caridoso desta máxima: Um benefício nunca está perdido, substituindo o sentido egoísta que se lhe atribui. Mas, retornemos ao que nos concerne.

Pondo qualquer questão pessoal de lado, tenho adversários naturais nos inimigos do Espiritismo. Não creiais que me lamente! Longe disto! Quanto maior é a animosidade deles, melhor comprova a importância que a doutrina espírita assume aos seus olhos. Se se tratasse de algo sem consequências, uma dessas utopias que já nascem inviáveis, não lhe prestariam atenção. Não tendes visto escritos vasados em um tom de hostilidade que não se encontra nos meus, - quanto à ideologia, - e nos quais as expressões não são mais parcimoniosas do que o atrevimento dos pensamentos? Contra eles, todavia, não dizem uma única palavra! O mesmo se daria se as doutrinas que luto por difundir permanecessem circunscritas às páginas de um livro. Entretanto, - o que pode parecer mais espantoso, - é que tenho adversários mesmo entre os adeptos do Espiritismo: Ora, nesta área é que uma explicação se torna necessária.

Entre os que adotam as ideias espíritas há, como bem sabeis, três categorias bem distintas:

1. Os que creem pura e simplesmente nos fenômenos das manifestações, mas que deles não deduzem qualquer consequência moral;
2. Os que percebem o alcance moral, mas o aplicam aos outros e não a si mesmos;
3. Os que aceitam pessoalmente todas as consequências da doutrina e que praticam ou se esforçam por praticar sua moral.

Estes, vós bem o sabeis; são os VERDADEIROS ESPÍRITAS, os ESPÍRITAS CRISTÃOS. Esta distinção é importante, pois bem explica as anomalias aparentes. Sem isso seria difícil compreendermos as atitudes de determinadas pessoas. Ora, o que preceitua essa moral? Amai-vos uns aos outros; perdoai os vossos inimigos; retribuí o mal com o bem; não tenhais ira, nem rancor, nem animosidade, nem inveja, nem ciúme; sede severos para convosco mesmos e indulgentes para com os outros. Tais devem ser os sentimentos do verdadeiro espírita, daquele que se atém ao fundo e não à forma, do que coloca o espírito acima da matéria. Este pode ter inimigos, mas não é inimigo de ninguém, pois não deseja o mal a quem quer que seja e, com maiores razões, não procura fazer o mal a ninguém.

Este, como vedes, senhores, é um princípio geral do qual toda a gente pode tirar um benefício. Se, pois, tenho inimigos, eles não podem ser contados entre os Espíritas desta categoria pois, admitindo que tivessem motivos legítimos de queixa contra mim, o que me esforço por evitar, esse não seria um motivo para me odiarem e, com melhores razões se nunca lhes fiz qualquer mal. O Espiritismo tem por divisa: *Fora da caridade não há salvação*, o que equivale dizer: *Fora da caridade não pode existir verdadeiros espíritas*. Solicito-vos inscrever, daqui para a frente, esta divisa em vossas bandeiras, *pois ela resume ao mesmo tempo o objetivo do Espiritismo e o dever que ele impõe*.

Estando, pois, admitido que não se pode ser um bom espírita com sentimentos de ódio no coração, eu me alegro de não ter amigos senão entre estes últimos, pois se eu

cometer faltas eles saberão desculpá-las. Veremos, em seguida, a que imensas e férteis consequências conduz este princípio.

Vejamos então as causas que excitaram certas animosidades.

Desde que surgiram as primeiras manifestações dos Espíritos, muitas pessoas viram nisso um meio de especulação, uma nova mina a ser explorada. Se essa ideia seguisse o seu curso teríeis visto pulular por toda a parte médiuns e pseudo-médiuns, oferecendo consultas a um dado preço por sessão. Os jornais estariam cobertos por seus anúncios e reclames. Os médiuns teriam se transformado em ledores da sorte e o Espiritismo se enquadraria na mesma linha da adivinhação, da cartomancia, da necromancia, etc... Nesse conflito, como poderia o público discernir a verdade da mentira? Pôr o Espiritismo a salvo, em meio a tal confusão não seria coisa fácil. Tornou-se imperioso impedir que fosse levado por essa via funesta. Era preciso cortar pela raiz um mal que o teria atrasado por mais de um século. Foi o que me esforcei por fazer, demonstrando desde o princípio a face grave e sublime dessa nova ciência, fazendo-a sair do caminho puramente experimental para fazê-la penetrar no da filosofia e da moral, mostrando, enfim, que haveria profanação em explorar a alma dos mortos, enquanto cercamos seus despojos de respeito. Desse modo, assinalando os inevitáveis abusos que resultariam de semelhante estado de coisas, eu contribuí, e disso me glorifico, para descreditar a exploração do Espiritismo e, por isso mesmo, levar o público a considerá-lo como uma coisa séria e santa.

Creio ter prestado algum serviço à causa; mas se tivesse feito apenas isso já me felicitaria. Graças a Deus meus esforços foram coroados de êxito, não apenas na França, mas também no estrangeiro, e posso dizer que os médiuns profissionais são hoje raras exceções na Europa. Onde quer que minhas obras penetraram e servem de guia, o Espiritismo é visto sob seu verdadeiro ponto de vista, isto é, sob o ponto de vista exclusivamente moral. Por toda a parte os médiuns, devotados e desinteressados, compreendendo a santidade de sua missão, veem-se cercados da consideração que lhes é devida, qualquer que seja sua posição social. E essa consideração cresce na razão mesma da inferioridade da posição realçada pelo desinteresse.

Não pretendo absolutamente dizer que entre os médiuns profissionais não existem muitos que sejam honestos e dignos de consideração. Mas a experiência provou, a mim e a muitos outros, que o interesse é um poderoso estimulante à fraude, pois tem em mira o lucro; e se os Espíritos não colaboram, o que frequentemente ocorre, pois não estão por conta de nossos caprichos, a astúcia, fecunda em expedientes, encontra facilmente meio de supri-los. Para um que agisse lealmente haveria cem que abusariam e que prejudicariam a consideração do Espiritismo. Por outro lado os nossos adversários não descuidaram de explorar, em proveito de suas críticas, as fraudes que puderam testemunhar, disso concluindo que tudo no Espiritismo é falsidade e que urge, portanto, oporem-se a esse charlatanismo de um novo gênero. Em vão objeta-se que a doutrina não é responsável por tais abusos. Conheceis o provérbio: "Quando se deseja matar seu cão, diz-se que ele está raivoso".

Que resposta mais peremptória se poderia dar à acusação de charlatanismo do que poder dizer: *Quem vos convidou a vir? Quanto pagastes para entrar?* Aquele que paga quer ser servido; exige uma compensação pelo seu dinheiro; se não lhe é dado o que espera, tem o direito de reclamar. Ora, para evitar essa reclamação, cuida-se de servi-lo a qualquer preço. Eis o abuso, mas esse abuso que ameaça se tornar uma regra, ao invés de uma exceção, é preciso deter. Agora que uma opinião se formou a este

respeito, o perigo não é de se temer senão para as pessoas inexperientes. Aqueles, pois, que se queixarem de ter sido enganados, ou de não haver obtido as respostas que desejariam, podemos dizer: "Se tivésseis estudado o Espiritismo saberíeis em que condições ele pode ser experimentado com frutos; saberíeis quais são os legítimos motivos de confiança e de desconfiança, o que, em suma, se pode dele esperar; e não teríeis pedido o que ele não pode dar; não teríeis ido consultar um médium como a um cartomante, para solicitar aos Espíritos revelações, conselhos sobre heranças, descobertas de tesouros e com outras coisas semelhantes que não são da alçada do Espiritismo. Se fostes induzido em erro, deveis apenas culpar-vos a vós mesmos".

É evidente que não se pode considerar uma exploração a cotização que se paga a uma sociedade para que enfrente as despesas da reunião. A mais vulgar equidade diz que não se pode impor esse gasto àquele que é convidado, se ele não é bastante rico, nem bastante livre com relação ao seu tempo para fazê-lo. A especulação consiste em se fazer uma indústria da coisa, a convocar o primeiro que chega, curioso ou indiferente, para ter seu dinheiro. Uma sociedade que assim agisse seria tão repreensível, mais repreensível ainda do que o indivíduo, e não mereceria nenhuma confiança. Que uma sociedade arque com todas as suas necessidades; que ela proveja a todas as suas despesas e não as deixe ao encargo de um só, isto é muito justo, e não há aí nem exploração, nem especulação. Todavia, já não seria o mesmo se o primeiro que se chegasse pudesse adquirir o direito de entrada, pagando-o, pois isto seria desnaturar o objetivo essencialmente moral e instrutivo das reuniões deste gênero, para delas fazer uma espécie de espetáculo de curiosidades. Quanto aos médiuns, eles se multiplicam de tal forma, que os médiuns de profissão seriam hoje completamente supérfluos.

Tais são, Senhores, as ideias que me esforcei por fazer prevalecer e confesso-me feliz por ter obtido êxito muito mais facilmente do que esperava. Mas, compreendi, aqueles que frustrei em suas esperanças não são meus amigos. Eis-nos, pois, em presença de um grupo que não me pode ver com bons olhos, o que, convenhamos, pouco me inquieta. Se nunca a exploração do Espiritismo tentou se introduzir em vossa cidade, eu vos convido a renegar essa nova indústria, a fim de não comprometerdes a vós mesmos com essa solidariedade e para que as censuras que se levantarem não venham a cair sobre a doutrina pura.

Ao lado da especulação material, há uma à qual poderíamos chamar *especulação moral*, isto é, a satisfação do orgulho, do amor próprio; aqueles que, sem interesse pecuniário, acreditaram ser possível fazer do Espiritismo um pedestal honorífico para se colocarem em evidência. Também não os favoreci, e meus escritos, assim como meus conselhos, contrapuseram-se a mais de uma premeditação, mostrando que as qualidades do verdadeiro espírita são a abnegação e a humildade, conforme a máxima do Cristo: "Aquele que se eleva será abaixado". É a segunda categoria que não me quer mais bem, e a que se poderia chamar a das ambições frustradas e dos amores-próprios feridos.

Em seguida vêm as pessoas que não me perdoam por ter sido bem sucedido; para as quais o sucesso de minhas obras é uma causa de desgosto, que perdem o sono quando assistem aos testemunhos de simpatia que, espontaneamente, são-me dispensados. É o clã dos ciumentos, que não é mais benevolente, e que é reforçada pelas pessoas que, por temperamento, não podem ver um homem erguer um pouco a cabeça sem tentar um movimento para fazê-lo submergir.

Uma camarilha das mais irascíveis, acreditai, se encontra entre os médiuns, não pelos médiuns interesseiros, mas pelos que são muito desinteressados, materialmente

falando; refiro-me aos médiuns obsedados, ou melhor, fascinados. Algumas observações a este respeito não serão sem utilidade.

Por orgulho, estão de tal forma persuadidos de que tudo o que recebem é sublime e só pode vir de Espíritos Superiores, que se irritam com a menor observação crítica, a ponto de se alterar com seus amigos quando estes têm a inabilidade de não admirar o que é absurdo. Nisto reside a prova da má influência que os domina, pois, supondo-se que, por falta de capacidade de julgamento ou de conhecimento não fossem capazes de enxergar claro, este não constituiria um motivo para se porem de prevenção contra os que não concordam com sua opinião; mais isso não agradaria os Espíritos obsessores que, para melhor manter o médium sob sua dependência, lhe inspiram o afastamento, a aversão mesma por quem quer que possa lhes abrir os olhos.

Há, em seguida, aqueles cuja susceptibilidade é levada ao excesso; que se melindram com a mínima coisa, com o lugar que lhes é dado numa reunião e não os coloca em bastante evidência, com a ordem estabelecida para a leitura de suas comunicações, ou com a recusa da leitura daquelas cujo tema não parece oportuno para uma assembleia; pelo fato de não serem solicitados, com bastante insistência, a dar o seu concurso; outros acham ruim porque a ordem dos trabalhos não é invertida para favorecer suas conveniências; outros gostariam de se colocar como médiuns titulares de um grupo ou de uma sociedade, serem ali os mandachuva, e que *seus Espíritos diretores* fossem tomados por árbitros absolutos de todas as questões, etc... etc... Esses motivos são tão pueris e tão mesquinhos, que não se ousa confessá-los. Mas nem por isso deixam de constituir uma fonte de surda animosidade que, cedo ou tarde, se trai, ou pelas malquerenças, ou pelo afastamento. Sem ter razões ponderáveis a oferecer, muitos põem de lado os escrúpulos e apresentam pretextos ou alegações imaginárias. O fato de, absolutamente, não me conformar a essas pretensões surge como um erro, ou melhor ainda, um crime aos olhos de algumas pessoas que, naturalmente, me deram as costas, gesto esse ao qual, mais uma vez reagi, a seu ver, erroneamente, não lhes dando maior importância. Imperdoável! Concebei esta palavra nos lábios de pessoas que se dizem espíritas? Essa palavra deveria ser riscada do vocabulário do Espiritismo.

Esse desagrado, a maior parte dos diretores dos grupos ou das sociedades, como eu, tem experimentado, e eu os convido a fazer como eu, isto é, a não dar importância a médiuns que antes constituem um entrave que um recurso; em sua presença está-se sempre pouco à vontade, com temor de os ferir com ações por vezes as mais insignificantes.

Este inconveniente foi, dantes, mais relevante do que agora. Quando os médiuns eram mais raros do que hoje, tinha-se de se contentar com aqueles de que se dispunha. Hoje, entretanto, que eles se multiplicam diante de nossos olhos, o inconveniente diminui em razão mesmo da escolha e à medida que se compenetra melhor dos verdadeiros princípios da doutrina.

Pondo-se de lado o grau da faculdade, as qualidades de um bom médium são a modéstia, a simplicidade e o devotamento; ele deve oferecer seu concurso tendo em vista ser útil e não para satisfazer a sua vaidade; não deve jamais ater-se às comunicações que recebe pois, de outra forma, poderia fazer crer que nelas põe algo de seu, algo que tem interesse em defender; deve aceitar a crítica, mesmo solicitá-la, e se submeter às advertências da maioria sem pensamento oculto; se o que ele escreve é falso, mau, detestável, é preciso que se lhe diga sem receio de feri-lo, e mesmo na certeza de que tal não ocorrerá. Eis os médiuns verdadeiramente úteis numa reunião e com os quais nunca

teremos motivos de descontentamentos, pois bem compreendem a doutrina. São esses também que recebem as melhores comunicações, uma vez que não se deixam dominar por Espíritos orgulhosos. Os Espíritos mentirosos os receiam, pois se reconhecem impotentes para deles abusar.

Em seguida vem a categoria das pessoas que jamais estão contentes; umas acham que vou muito rápido, outras com muita lentidão; é verdadeiramente a fábula do *Moleiro, seu filho* e o *asno*. Os primeiros reprovam-me por haver formulado princípios prematuros, de me colocar como chefe de uma escola filosófica. Mas acontece que, pondo-se a ideia espírita à parte, não poderia eu acaso arrogar-me, como tantos outros, a autoria de um sistema filosófico, fosse este o mais absurdo? Se os meus princípios são falsos, por que não apresentam outros que os substituam, fazendo-os prevalecer? Ao que parece, entretanto, de modo geral eles não são julgados irracionais, já que encontram aderentes em tão grande número. Mas, não será exatamente isso que excita o mau humor de certas pessoas? Se esses princípios não encontrassem partidários, se fossem ridículos a partir do primeiro enunciado, seguramente deles não se falaria.

Os segundos, que pretendem que não vou bastante rapidamente, desejariam me empurrar, com boa intenção, quero crer, pois é sempre melhor pressupor o melhor que o pior, num caminho em que não quero me arriscar. Sem, pois, me deixar influenciar seja pelas ideias de uns, seja pelas de outros, sigo a rota que eu mesmo tracei: tenho um objetivo, vejo-o, sei como e quando o atingirei e não me inquietam os clamores dos que passam por mim.

Crede, Senhores, as pedras não faltam em meu caminho. Passo por cima delas, mesmo das mais altas e pesadas. Se se conhecesse a verdadeira causa de certas antipatias e de certos afastamentos, muitas surpresas nos aguardariam. É preciso acrescentar as pessoas que são postas, relativamente a mim, em posições falsas, ridículas e comprometedoras e que procuram se justificar, em última instância, recorrendo a pequenas calúnias; os que esperavam atrair-me a eles pela adulação, crendo poder levar-me a servir aos seus desígnios e que reconheceram a inutilidade de suas manobras para atrair minha atenção; aqueles que não elogiei nem incensei e que isso esperavam de mim; aqueles, enfim, que não me perdoam por ter *adivinhado* suas intenções e que são como a serpente sobre a qual se pisa. Se todas essas pessoas decidissem se colocar, por um instante sequer, em uma posição extraterrena e ver as coisas um pouco mais do alto, compreenderiam bem a puerilidade de quanto as preocupa e não se espantariam com a pouca importância que a tudo isso dão os verdadeiros espíritas. É que o Espiritismo abre horizontes tão vastos, que a vida corporal, curta e efêmera, se apaga com todas as suas vaidades e suas pequenas intrigas, ante o infinito da vida espiritual.

Não devo, entretanto, omitir uma censura que me foi endereçada: a de nada fazer para trazer de novo a mim as pessoas que se afastam. Isso é verdadeiro e a reprovação fundamentada; eu a mereço, pois jamais dei um único passo nesse sentido e aqui estão os motivos de minha indiferença.

Aqueles que vêm a mim, fazem-no porque isto lhes convém; é menos por minha pessoa do que pela simpatia que lhes desperta os princípios que professo. Os que se afastam fazem-no porque não lhes convenho ou porque nossa maneira de ver as coisas reciprocamente não concorda. Por que, então, iria eu contrariá-los, impondo-me a eles? Parece-me mais conveniente deixá-los em paz. Ademais, honestamente, falta-me tempo para isso. Sabe-se que minhas ocupações não me deixam um instante para o repouso, e para um que parte, há mil que chegam. Julgo um dever dedicar-me, acima de tudo, a

estes e é isso que faço. É orgulho? Desprezo por outrem? Oh, seguramente, não! Eu não desprezo ninguém; lamento os que agem mal, rogo a Deus e aos Bons Espíritos que façam nascer neles melhores sentimentos, eis tudo. Se eles retornam, são sempre bem-vindos, mas correr atrás deles, jamais o faço, em razão do tempo que de mim reclamam as pessoas de boa vontade; em segundo lugar, porque não ligo a certas pessoas a importância que elas dão a si mesmas. Para mim, um homem é um homem, isto apenas! Meço seu valor por seus atos, por seus sentimentos, nunca por sua posição social. Pertença ele às mais altas camadas da sociedade, se age mal, se é egoísta e negligente de sua dignidade é, a meus olhos, inferior ao trabalhador que procede corretamente, e eu aperto mais cordialmente a mão de um homem humilde, cujo coração estou a ouvir, do que a de um potentado cujo peito emudeceu. A primeira me aquece, a segunda me enregela.

Personagens da mais alta posição honram-me com sua visita, porém nunca, por causa deles, um proletário ficou na antecâmara. Muitas vezes, em meu salão, o príncipe se assenta ao lado do operário. Se se sentir humilhado, eu direi que ele não é digno de ser espírita. Mas, sinto-me feliz em dizer, eu os vi, muitas vezes, apertarem-se as mãos, fraternalmente, e, então, um pensamento me ocorria: "Espiritismo, eis um dos teus milagres; este é o prenúncio de muitos outros prodígios!"

Dependeria de mim abrir as portas do grande mundo; jamais fui nelas bater; isso me tomaria um tempo que creio poder empregar mais utilmente. Eu coloco em primeira instância as consolações que é preciso dar aos que sofrem; levantar a coragem dos abatidos, arrancar um homem de suas paixões, do desespero, do suicídio, detê-lo talvez no limiar do crime; não vale mais isto do que os lambris dourados? Tenho milhares de cartas que para mim mais valem do que todas as honrarias da Terra e que vejo como meus verdadeiros títulos de nobreza. Não vos espanteis se deixo ir aqueles que me dão as costas.

Tenho adversários, eu o sei; mas o número deles não é tão grande quanto se poderia crer segundo a enumeração que fiz; eles se encontram nas categorias que citei, mas são apenas individualidades, e o número é pouca coisa comparado aos que desejam testemunhar-me simpatia. Aliás, eles jamais conseguiram perturbar minha tranquilidade; jamais suas maquinações nem suas diatribes me emocionaram; e devo acrescentar que essa profunda indiferença de minha parte, o silêncio que oponho aos seus ataques, não é o que os exaspera menos. Por mais que façam, jamais conseguirão fazer-me sair da moderação e da regra que tenho por conduta. Nunca se poderá dizer que respondi à injúria com injúria. As pessoas que me conhecem na intimidade sabem que jamais me ocupo com eles; que na Sociedade jamais foi dita uma única palavra, foi feita uma única alusão relativamente a qualquer um deles. Mesmo pela *Revista* jamais respondi às suas agressões, quando dirigidas à minha pessoa, e Deus sabe que elas não têm faltado!

Ademais, de que adianta seu malquerer? De nada! Nem contra a doutrina nem contra mim. A doutrina espírita prova, por sua marcha progressiva, que nada tem a temer. Quanto a mim, não ocupo nenhuma posição, por isso nada existe que me pode ser tirado; não peço nada, nada solicito e, assim, nada me pode ser recusado. Não devo nada a ninguém, desse modo nada há que me possa ser cobrado; não falo mal de ninguém, nem mesmo daqueles que o dizem de mim. Em que poderiam, então, prejudicar-me? É certo que se pode atribuir a mim o que eu não disse e isso já se fez mais de uma vez. Mas, aqueles que me conhecem são capazes de distinguir o que digo daquilo que não sou capaz de dizer e eu agradeço a quantos, em semelhantes circunstâncias, souberam responder por mim. O que afirmo, estou sempre pronto a repetir, na presença de quem

quer que seja, e quando afirmo não ter dito ou feito uma coisa, julgo-me no direito de ser acreditado.

Aliás, o que são todas essas coisas em face do objetivo que nós, Espíritas sinceros e devotados, perseguimos juntos? Desse imenso futuro que se desenrola diante dos nossos olhos? Acreditai-me, Senhores, fora preciso ver como um roubo feito à grande obra, os instantes que perdêssemos preocupados com essas mesquinhas. De minha parte agradeço a Deus por me haver, já aqui na Terra, concedido tantas compensações morais ao preço de tribulações tão passageiras, bem como pela alegria de assistir ao triunfo da doutrina espírita.

Peço-vos perdão, Senhores, por vos haver, por tão longo tempo, entretido com assuntos relativos a mim, mas acredito útil estabelecer nitidamente a posição, a fim de que vos seja possível saber em quem vos ater conforme as circunstâncias, e para que estais bem convencidos de que minha linha de conduta está traçada e que dela nada me fará desviar. De resto, creio que destas observações mesmas, fazendo abstração da pessoa, poderão resultar alguns ensinamentos úteis.

Passemos agora a um outro ponto e vejamos a posição em que se encontra o Espiritismo.

Viagem Espírita em 1862

Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux

Discurso II

O Espiritismo apresenta um fenômeno desconhecido na história da filosofia: a rapidez de sua propagação. Nenhuma outra doutrina oferece exemplo semelhante. Quando se afere o progresso que vem sendo feito, ano após ano, pode-se, sem nenhuma presunção, prever a época em que ele será a crença universal.

A maioria dos países estrangeiros participam do movimento: a Áustria, a Polônia, a Rússia, a Itália, a Espanha, Constantinopla, etc... contam numerosos adeptos e várias sociedades perfeitamente organizadas. Possuo uma relação onde estão arroladas mais de cem cidades, com grupos em funcionamento. Entre elas, Lyon e Bordeaux ocupam o primeiro lugar. Honremos, pois, estas duas cidades, que se impõem por sua população e sua cultura e onde tão alto e tão firmemente foi hasteada a bandeira do Espiritismo. Muitas outras ambicionam caminhar em suas pegadas.

A esse mesmo respeito palestrei com vários viajantes. Todos estão de acordo em dizer que, a cada ano, registram-se progressos na opinião pública. Os galhofeiros diminuem à vista d'olhos. Mas ao escárneo sucede a cólera. Ontem riam-se, hoje zangam-se. De acordo com um velho provérbio, isso é de bom augúrio e leva os incrédulos a concluir que à questão deve estar implícito um motivo sério qualquer.

Um fato não menos característico é que tudo quanto os adversários do Espiritismo fizeram para entravar sua marcha, longe de detê-lo, ativou o seu progresso. E pode-se afirmar que, por toda a parte, esse progresso está em relação aos ataques sofridos. A imprensa o enalteceu? Todos sabemos que, longe de estender-lhe as mãos, ela lhe tem deitado os pés tanto quando pode, e com isso não conseguiu senão fazê-lo avançar. O mesmo ocorre relativamente aos ataques que, em geral, lhe têm sido endereçados.

Há, pois, com referência ao Espiritismo, um fenômeno que se constitui em uma constante: é que, sem o recurso de qualquer um dos meios habitualmente empregados para alcançar o que se denomina um sucesso, e apesar dos entraves que lhe têm sido impostos, ele não cessa de ganhar terreno, todos os dias, como para dar um desmentido àqueles que predizem seu fim próximo. Será isto uma presunção, uma fanfarrice de nossa parte? Não, trata-se de um fato impossível de ser negado. Ele hauriu sua força em si mesmo, o que prova o poder incoercível dessa idéia. Aqueles, pois, a quem isso contraria, farão melhor mudando de partido ou se resignando a deixar passagem franca ao que não podem deter. O caso é que o Espiritismo é uma idéia e quando uma idéia caminha, ela derruba todas as barreiras; não se pode detê-la nas fronteiras, como um pacote de mercadoria. Queimam-se livros, mas não se queimam idéias, e suas próprias cinzas, levadas pelo vento, fazem fecundar a terra onde ela deve frutificar.

Todavia, não basta lançar uma idéia ao mundo para que ela crie raízes. Não, certamente! Não se cria à vontade opiniões nem hábitos; o mesmo ocorre relativamente às invenções e descobertas; mesmo a mais útil se perde se não chega a seu tempo, se a necessidade que está destinada a satisfazer não existe ainda. O mesmo ocorre quanto às doutrinas filosóficas, políticas, religiosas e sociais: é preciso que os espíritos estejam maduros para aceitá-las. Se chegam muito cedo, permanecem em estado latente, e, como os frutos plantados fora da estação, não vingam.

Se, pois, o Espiritismo encontra tão numerosas simpatias, é que o seu tempo está chegado, é que os espíritos estão maduros para recebê-lo; é que ele responde a uma necessidade, a uma aspiração. Tendes disso a prova pelo número, hoje incontável, de

peças que o acolhem sem estranheza, como algo de muito natural, a partir do momento que se lhes fala a respeito pela primeira vez. E confessam que tudo sempre lhes pareceu ser assim, mas que não eram capazes de definir suas idéias. Sente-se o vazio moral que a incredulidade e o materialismo criam em torno do homem; compreende-se que essas doutrinas cavam um abismo para a sociedade; que destroem os laços mais sólidos: os da fraternidade. E, depois, instintivamente, o homem tem horror ao nada, como a natureza tem horror ao vazio. Eis porque ele acolhe com alegria a prova de que o nada não existe.

Mas, dir-se-á, não se lhe ensinou, todos os dias, que o nada não existe? Sem dúvida, isso lhe foi ensinado! Mas, então, como entender que a incredulidade e a indiferença tenham incessantemente crescido neste último século? É que as provas que lhe são oferecidas não o satisfazem mais, hoje em dia, pois não respondem às necessidades de sua inteligência. O progresso científico e industrial tornou o homem positivo. Quer se dar conta de tudo. Quer saber o porquê e o como de cada coisa. Compreender para crer se tornou uma necessidade imperiosa. Eis o motivo pelo qual a fé cega já não possui domínio sobre ele. E isso, para uns, é um mal, para outros, um bem. Sem desejar discutir a questão, diremos apenas que assim é a lei da natureza. A humanidade coletivamente, como os indivíduos, tem sua infância e sua idade madura. Quando se encontra na maturidade, atira à distância seu cueiro e quer fazer uso de suas próprias forças, isto é, de sua inteligência. Fazê-la retroceder é tão impossível quanto obrigar um rio a retomar às suas fontes.

Atacar o mérito da fé cega, dir-se-á, é uma impiedade, pois que Deus quer que se aceite sua palavra sem exame. A fé cega teve sua razão de ser, direi mesmo, a sua necessidade, mas em um certo período da história da humanidade. Se hoje ela não basta mais para fortalecer a crença, é porque está na natureza da humanidade que assim deve ser. Ora, quem fez as leis da natureza? Deus ou Satã? Se foi Deus, não haverá impiedade em seguir-se suas leis. Se, na atualidade, compreender para crer se tornou uma necessidade para a inteligência, como beber e comer é uma necessidade para o estômago, é que Deus quer que o homem faça uso de sua inteligência: de outro modo não tê-la-ia dado. Há pessoas que não experimentam essa necessidade, que se contentam em crer sem exame. Não as recriminamos, e longe está de nós o pensamento de perturbá-las em sua tranquilidade. O Espiritismo evidentemente, não se destina a elas: se têm tudo o de que necessitam, nada há a oferecer-lhes. Não se obriga a comer à força àqueles que declaram não ter fome. O Espiritismo está destinado àqueles para os quais o alimento intelectual que lhes é dado não basta, e o número destas pessoas é tão grande que o tempo não sobra para nos ocuparmos com as outras. Por que, então, se queixam quando não lhes corremos ao encalço? O Espiritismo não procura ninguém, não se impõe a ninguém, limita-se a dizer: Aqui me tendes, eis o que sou, eis o que trago. Os que julgam ter necessidade de mim, se aproximem; os demais permaneçam onde se encontram. Não é meu propósito perturbar-lhes a consciência nem injuriá-los. A única coisa que peço é a reciprocidade.

Por que, então, o materialismo tende a suplantar a fé? Acaso por que, até o presente, a fé não raciocina? Por que ela diz: Crede! enquanto o materialismo raciocina? Estes são sofismas, convenho, porém, boas ou más são razões que, ao ver de muitos, levam vantagem sobre aqueles que nada oferecem. Acrescentai a isto que o materialismo satisfaz àqueles que se comprazem na vida material, que querem se distrair das conseqüências do futuro, que esperam, assim, escapar à responsabilidade de seus atos, tendo-se em vista que, em suma, ele é eminentemente favorável à satisfação de todos os apetites brutais. Na incerteza do futuro, o homem se diz: Aproveitemos o presente. Que benefício me trazem os meus semelhantes? Por que me sacrificar por eles? São meus irmãos, diz-se. Mas, de que me servem irmãos que eu perderei para sempre, que amanhã

estarão mortos como eu próprio? Que somos, afinal, uns para com os outros? Muito pouco se, uma vez mortos, nada resta de nós. De que servirá impor-me privações? Que compensação dela me poderá advir se tudo terminará comigo?

Julgais possível fundar uma sociedade sobre as bases da fraternidade com semelhantes idéias? O egoísmo é a conseqüência natural de uma posição como essa. De acordo com o egoísmo, cada um tira o melhor para si, mas essa parte melhor é sempre o mais forte que a leva. O fraco, por sua vez, raciocinará: Sejamos egoístas, uma vez que os outros também o são. Pensemos apenas em nós, pois os outros só pensam em si mesmos.

Tal é, convenhamos, o mal que tende a invadir a sociedade moderna, e esse mal, como um verme roedor, pode arruiná-la em seus fundamentos. Oh! Quanto são culpados os que a levam por esse triste caminho; que se esforçam por matar a crença; que preconizam o presente com prejuízo do futuro! Eles terão terrível conta a prestar, pelo uso que fizeram de sua inteligência!

E enquanto isso a incredulidade deixa em seu rastro um mar de inquietude. Se é cômodo ao homem entregar-se às ilusões, não pode furtar-se de pensar, vez por outra, no que lhe sucederá depois. A contragosto a idéia do nada o enregela. Queria ter uma certeza e não a encontra. Então flutua, hesita, duvida, e a incerteza o mortifica. Sente-se desgraçado em meio aos prazeres materiais que não podem preencher o abismo do nada que se abre a seus pés e onde, supõe, vai ser precipitado.

É nesse momento que chega o Espiritismo, como uma âncora salvadora, como um archote aceso nas trevas de sua alma. Vem tirá-lo da dúvida, vem preencher o horror do vazio, não com uma esperança vaga, porém com provas irrecusáveis, resultantes da observação dos fatos. Vem reanimar sua fé, não apenas dizendo: Crede, pois isso vos ordeno! mas: Vede, tocai, compreendei e crede! Ele não poderia, pois, chegar em momento mais oportuno, seja para deter o mal, antes que se torne incurável, seja para satisfazer às necessidades do homem, que já não crê sob palavra, que aspira racionalizar aquilo em que crê. O materialismo o seduzira por seus falsos raciocínios; aos seus sofismas era preciso opor raciocínios sólidos, apoiados em provas materiais. Para essa luta, a fé cega já se mostrava impotente. Eis porque digo que o Espiritismo veio a seu tempo.

O que falta ao homem é, pois, a fé no futuro! E a idéia que se lhe dá não satisfaz ao seu apetite pelo positivo. É por demais vaga, por demais abstrata. Os laços que o prendem ao presente não são bastante definidos. O Espiritismo, pelo contrário, nos apresenta a alma como um ser circunscrito, semelhante a nós, exceção feita do envoltório material de que se desprende, mas revestida de um outro envoltório, fluídico, o que é mais compreensível e leva a conceber melhor a individualidade. Mais do que isto, ele prova, pela experiência, as relações incessantes do mundo visível com o mundo invisível, que se tornam, assim, reciprocamente solidários. As relações da alma com o ambiente terreno não cessam com a vida, a alma em estado de Espírito, constitui uma das engrenagens, uma das forças vivas da natureza, já não é um ser inútil, que não pensa e não tem senão uma íntima ação durante a eternidade. É sempre, e por toda a parte, um agente ativo da vontade de Deus para a execução de suas obras. Assim, conforme a doutrina Espírita tudo se concatena, tudo se encadeia no Universo, e nesse grande movimento, admiravelmente harmonioso, as afeições sobrevivem. Longe de se extinguirem, elas se fortificam e se depuram.

Ainda que não houvesse aqui senão um sistema, ele teria, sobre os outros, a vantagem de ser mais sedutor, embora sem oferecer certeza. Todavia, é o próprio mundo invisível que se vem revelar a nós, provar que está, não em regiões do espaço

inacessíveis mesmo ao pensamento, mas aqui, ao nosso lado, em torno de nós, e que vivemos em meio dele, como um povo de cegos em meio a um outro, capaz de ver. Isso pode perturbar certas idéias, eu convenho. Mas, diante de um fato, queiramos ou não, temos de nos inclinar. Poder-se-á negar tudo isso, poder-se-á querer provar que não pode ser assim. A provas palpáveis, seria o caso de opor provas mais palpáveis ainda. Todavia, o que se oferece? Apenas a negação!

O Espiritismo apóia-se sobre fatos. Os fatos, de acordo com o raciocínio e uma lógica rigorosos, dão ao Espiritismo o caráter de positivismo que convém à nossa época. O materialismo veio destruir toda a crença, toda a base, toda razão de ser da moral, e minar os fundamentos mesmos da sociedade, proclamando o reino do egoísmo. Então os homens sérios se perguntaram para onde um tal estado de coisas nos conduziria; eles viram um abismo, e eis que o Espiritismo veio preenchê-lo, dizendo ao materialismo: Não irás muito longe pois aqui estão os fatos que provam a falsidade de teus raciocínios. O materialismo ameaçava fazer a sociedade mergulhar em trevas, afirmando aos homens: O presente é tudo, o futuro não existe. O Espiritismo corrige a distorção afirmando: O presente é pouca coisa, o futuro é tudo; e ele o prova.

Um adversário escreveu, certa feita, em um jornal, que o Espiritismo é cheio de seduções. Ele não podia, involuntariamente, dirigir-lhe um elogio maior, ao mesmo tempo condenando-se de maneira mais peremptória. Dizer que uma coisa é sedutora, é dizer que ela satisfaz. Ora eis aqui o grande segredo da propagação do Espiritismo. Por que não lhe opõem algo de mais sedutor, para suplantá-lo? Se tal não se faz é porque não se tem nada de melhor a oferecer. Por que ele agrada? É muito fácil explicar.

Ele agrada:

- 1) porque satisfaz à aspiração instintiva do homem em relação ao futuro;
- 2) porque apresenta o futuro sob um aspecto que a razão pode admitir;
- 3) porque a certeza da vida futura faz com que o homem enfrente com paciência as misérias da vida presente;
- 4) porque, com a doutrina da pluralidade das existências, essas misérias revelam uma razão de ser, tornam-se explicáveis e, ao invés de ser atribuídas à Providência, em forma de acusação, passam a ser justificáveis, compreensíveis e aceitas sem revolta;
- 5) porque é um motivo de felicidade saber que os seres que amamos não estão perdidos para sempre, que os encontraremos e que estão constantemente junto de nós;
- 6) porque as orientações dadas pelos Espíritos são de molde a tornar os homens melhores em suas relações recíprocas; estes e, além destes, outros motivos que só os espíritas podem compreender.

Em contrapartida, que sedução oferece o materialismo? O nada! Nele todo o consolo que apresenta para as misérias da vida.

Com tais elementos, o futuro do Espiritismo não pode ser duvidoso e, todavia, se devemos nos surpreender com alguma coisa, será com o fato de que tenha franqueado um caminho tão rápido através dos preconceitos. Como e por que meios alcançará a transformação da humanidade, é o que nos resta examinar.

Viagem Espírita em 1862

Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux

Discurso III

Quando se considera o estado atual da sociedade, é-se tentado a olhar sua transformação como um milagre. Pois bem! Este é o milagre que o Espiritismo pode e deve realizar, porque ele está nos desígnios de Deus, e com o auxílio de sua palavra de ordem: *Fora da caridade não há salvação*. Que a sociedade tome esta máxima por divisa e a ela conforme a sua conduta, em vez desta que está na ordem do dia: *A caridade bem ordenada começa por ele*, e tudo muda. Tudo está em fazer essa máxima aceita.

A palavra *caridade*, vós o sabeis, Senhores, tem uma acepção muito extensa. Há caridade em pensamentos, em palavras, em ações; ela não é tão somente a esmola. O homem é caridoso em pensamentos sendo indulgente para com as faltas do próximo. A caridade em forma de palavra nada diz que possa prejudicar seu próximo. A caridade em ações assiste seu próximo na medida de suas forças. O pobre que partilha seu pedaço de pão com um mais pobre do que ele, é mais caridoso e tem mais mérito aos olhos de Deus do que aquele que dá do seu supérfluo sem de nada se privar. Àquele que alimenta contra seu próximo sentimentos de ódio, de animosidade, de ciúme, de rancor, falta caridade. A caridade é a contrapartida do egoísmo; ela é a abnegação da personalidade, o egoísmo é a exaltação da personalidade. A caridade diz: Para vós, primeiro, para mim, depois; o egoísmo diz: Para mim primeiro, para vós, se sobrar. A primeira está toda inteira nesta frase de Cristo: "Fazei pelos outros o que quiserdes que vos façam". Em uma palavra, ela se aplica, sem exceção, a todas as relações pessoais. Concebei que, se todos os membros de uma sociedade agissem segundo este princípio, haveria menos decepções na vida. Desde que dois indivíduos estejam juntos, contratam, por isso mesmo, deveres recíprocos; se querem viver em paz, são obrigados a se fazerem mútuas concessões. Esses deveres aumentam com o número dos indivíduos; as aglomerações constituem-se em todos-coletivos que têm também suas obrigações respectivas. Tendes, além disso, as relações de indivíduo a indivíduo, de cidade a cidade, de Estado a Estado, de país a país. Essas relações podem ter dois móveis que são a negação um do outro: o egoísmo e a caridade, pois há também o egoísmo nacional. Com o egoísmo, o interesse pessoal prevalece acima de tudo. Cada um tira para si, cada um vê no seu semelhante apenas um antagonista, um rival que pode pisar em seu jardim, que pode nos explorar ou que podemos explorar; a vitória é do mais sagaz, daquele que colocar sob os pés o jardim de seu vizinho, e a sociedade, coisa triste de dizer, muitas vezes consagra essa vitória, o que faz que ela se divida em duas classes principais: os exploradores e os explorados. Disso resulta um antagonismo perpétuo, que faz da vida um tormento, um verdadeiro inferno. Substitua-se o egoísmo pela caridade e tudo será diferente. Ninguém procurará fazer mal ao seu vizinho, os ódios e os ciúmes se extinguirão por falta de alimento, e os homens viverão em paz ajudando-se mutuamente ao invés de se estraçalharem. A caridade substituindo o egoísmo, todas as instituições sociais serão fundadas sobre o princípio da solidariedade e da reciprocidade; o forte protegerá o fraco em vez de explorá-lo.

É um belo sonho, dirão alguns; infelizmente é apenas um sonho; o homem é egoísta por natureza, por necessidade, e o será sempre. Se assim fosse, seria muito triste, e então precisaríamos perguntar com que finalidade o Cristo veio pregar a caridade aos homens; tanto teria valido pregar aos animais. Todavia, examinemos a questão.

Há progresso do selvagem ao homem civilizado? Não se procura, diariamente, em colônias, pelo devotamento de missionários, abrandar os costumes dos selvagens? Com que objetivo, se o homem é incorrigível? Estranho capricho! Esperais corrigir os selvagens e pensais que o homem civilizado não pode melhorar-se. Se o homem civilizado tivesse a pretensão de ter atingido o último limite do progresso acessível à espécie humana, bastaria comparar os costumes, o caráter, a legislação, as instituições sociais de hoje com as de outrora. E, entretanto, os homens de outrora, também eles supunham ter alcançado o último degrau. O que teria respondido um grã senhor ao tempo de Luís XIV se lhe tivessem dito que poderia haver uma ordem de coisas melhor, mais equitativa, mais humana do que a vigente então? Que esse regime mais equitativo seria a abolição dos privilégios de castas, e a igualdade do grande e do pequeno diante da Lei? O audacioso que houvesse dito isso talvez pagasse caro sua temeridade.

Disso concluímos que o homem é eminentemente perfectível e que os mais avançados de hoje poderão parecer tão atrasados, dentro de alguns séculos, quanto os da Idade Média o são com relação a nós. Negar o fato seria negar o progresso que é uma lei da natureza.

Embora o homem tenha progredido do ponto de vista moral, é preciso, entretanto, convir que esse progresso se realizou, mais acentuadamente, no sentido intelectual. Por que isso? Eis aqui um outro problema que foi dado ao Espiritismo explicar, mostrando que o moral e a inteligência são duas vias que raramente seguem juntas; enquanto o homem dá alguns passos em um, se retarda no outro. Todavia, mais tarde, torna a ganhar o terreno que havia perdido, e as duas forças acabam por se equilibrar nas encarnações sucessivas. O homem chegou a um período em que as ciências, as artes e a indústria atingiram um limite até hoje desconhecido; se os gozos que delas tira satisfazem a vida material, deixam um vazio na alma; o homem aspira qualquer coisa de melhor; sonha com melhores instituições, quer a vida, a felicidade, a igualdade, a justiça para todos; porém, como aí chegar com os vícios da sociedade e, sobretudo, com o egoísmo? O homem sente, pois, a necessidade do bem para ser feliz; compreende que só o reino do bem pode lhe dar a felicidade pela qual aspira; esse reino, ele o pressente, porque instintivamente tem fé na justiça de Deus, e uma voz secreta lhe diz que uma nova era vai se abrir.

Como ocorrerá isso? Uma vez que o reino do bem é incompatível com o egoísmo, é preciso a destruição do egoísmo; ora, o que pode destruí-lo? A predominância do sentimento do amor, que leva os homens a se tratarem como irmãos e não como inimigos. A caridade é a base, a pedra angular de todo edifício social; sem ela o homem construirá sobre a areia. Que os esforços e, sobretudo os exemplos de todos os homens de bem, tendam então a propagá-la; que não se desencorajem se virem uma recrudescência nas más paixões; elas são os inimigos do bem e, vendo-o ganhar terreno,

lançam-se contra ele; mas Deus permitiu que, por seus próprios excessos mesmos, elas se destruam. O paroxismo de um mal é sempre o sinal de que chega ao seu fim.

Acabo de dizer que sem a caridade o homem constrói sobre a areia; um exemplo fará compreender melhor.

Alguns homens bem intencionados, tocados pelos sofrimentos de uma parte de seus semelhantes, supuseram encontrar o remédio para o mal em certos sistemas de reforma social. Com pequenas diferenças, o princípio é quase o mesmo em todos, qualquer que seja o nome que se lhes dê. Vida comunitária, por ser a menos onerosa; comunidade de bens para que cada um tenha alguma coisa; participação de todos na obra comum; nada de grandes riquezas, mas também nada de miséria. Tudo isso é muito sedutor para aquele que, não tendo nada, desde logo veria a bolsa do rico entrar no fundo comum, sem calcular que a totalidade das riquezas postas em comum criaria uma miséria geral ao invés de uma miséria parcial; que a igualdade estabelecida hoje, seria rompida amanhã pela mobilidade da população e a diferença das aptidões; que a igualdade permanente dos bens supõe a igualdade das capacidades e do trabalho. Mas esta não é a questão; não está em minhas intenções examinar o lado forte e o fraco desses sistemas; faço abstração das impossibilidades que acabo de citar e proponho olhá-los de um outro ponto de vista que, parece-me, ainda não preocupou a ninguém, e que se liga ao nosso assunto.

Os autores, fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não se propuseram senão à organização da vida material de uma maneira proveitosa para todos. O objetivo é louvável, indiscutivelmente. Resta saber se, nesse edifício, não falta a base, única que poderia consolidá-lo, admitindo-se que fosse praticável.

A comunidade é a abnegação mais completa da personalidade; ela requer o devotamento mais absoluto, pois cada pessoa deve pagar de sua pessoa. Ora, o móvel da abnegação e do devotamento é a *caridade*, isto é, o amor ao próximo. Entretanto, nós reconhecemos que a base da caridade é a crença; que a falta de crença conduz ao materialismo, e o materialismo ao egoísmo. Num sistema que, por sua natureza, requer para sua estabilidade as virtudes morais em supremo grau, precisaria tomar seu ponto de partida no elemento espiritual. Pois bem, não somente este não é levado em conta, já que o lado material é seu objetivo único, e muitos são fundados em uma doutrina materialista nitidamente confessada, ou sobre um panteísmo, espécie de materialismo disfarçado; em outras palavras, portam em si o elemento destruidor por excelência. Decoram-nos com o belo nome da *fraternidade*; mas a fraternidade, assim como a caridade, não se impõe nem se decreta; é preciso que esteja no coração; e não será um sistema que a fará nascer se ela aí já não estiver, enquanto o defeito que lhe é contrário arruinará o sistema e o fará cair na anarquia, porque cada um quererá tirar para si. A experiência aí está para provar que ele não abafa nem as ambições nem a cupidez. Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa, como se formam obreiros antes de lhes confiar um trabalho; antes de construir, é preciso assegurar-se da solidez dos materiais. Para tanto, os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e abnegação. Com o egoísmo, o amor e a fraternidade são, como já dissemos, palavras vazias; como então, sob o império do egoísmo, fundar um sistema que requer a

abnegação num grau tão grande, que tenha por princípio essencial a solidariedade de todos para cada um e de cada um por todos? Alguns homens deixaram o solo natal para ir fundar, ao longe, colônias sob o regime da fraternidade; quiseram fugir ao egoísmo que os esmagava, mas o egoísmo os seguiu, e lá ainda se acham exploradores e explorados, porque falta a caridade. Acreditaram que bastasse levar o maior número de braços possível, sem imaginar que, ao mesmo tempo, levavam os vermes roedores de sua instituição, arruinada tão mais rapidamente quanto eles não tinham em si nem a força moral, nem a força material suficientes.

O que lhes faltava não eram braços numerosos mas sólidos corações; infelizmente muitos os seguiram apenas porque, não sabendo fazer nada alhures, acreditaram libertar-se de certas obrigações pessoais. Viram apenas um objetivo sedutor, sem perceber a rota espinhosa para atingi-lo. Decepcionados em suas esperanças, reconhecendo que antes de gozar era preciso muito trabalhar, muito sacrificar, muito sofrer, tiveram por perspectiva o desencorajamento e o desespero; sabeis o que aconteceu com a maioria. Seu erro foi terem querido construir um edifício começando pela cumeeira, antes de ter assentado sólidos fundamentos. Estudai a história e a causa da queda dos Estados mais florescentes, e por toda a parte encontrareis a mão do egoísmo, da cupidez, da ambição.

Sem a caridade, não há instituição humana estável. E não pode haver caridade nem fraternidade, na verdadeira acepção do termo, sem a crença. Aplicai-vos, pois, a desenvolver esses sentimentos que, engrandecendo-se, destruirão o egoísmo que vos destrói. Quando a caridade tiver penetrado as massas, quando se tiver transformado em fé, a religião da maioria, então vossas instituições se tornarão melhores pela força mesma das coisas. Os abusos, nascidos do sentimento da personalidade, desaparecerão. Ensinai, pois, a caridade, e, sobretudo pregai pelo exemplo: é a âncora da salvação da sociedade; somente ela pode realizar o reino do bem na Terra, que é o reino de Deus. Sem ela, por mais que façais, não criareis senão utopias das quais só vos restarão decepções. Se o Espiritismo é uma verdade, se ele deve regenerar o mundo, é porque tem por base a caridade. Ele não vem derrubar o culto nem estabelecer um novo; ele proclama e prova verdades comuns a todos os cultos, bases de todas as religiões, sem se preocupar com detalhes. Não vêm destruir senão uma coisa: o materialismo, que é a negação de toda religião; não vem derrubar senão um templo: o do egoísmo e do orgulho, e vem dar uma sanção prática a estas palavras de Cristo, que são toda a sua lei: Amai o vosso próximo como a vós mesmos. Não vos espanteis, pois, que ele tenha por adversários os adoradores do bezerro de ouro, cujos altares veio lançar por terra. Há, naturalmente, contra ele, aqueles que julgam sua moral incômoda, aqueles que teriam, de boa vontade, pactuado com os Espíritos e suas manifestações, se os Espíritos se contentassem em diverti-los; se não tivessem vindo para lhes rebaixar o orgulho, pregar-lhes a abnegação, o desinteresse e a humildade. Deixai-os dizer e fazer o que quiserem; as coisas não seguirão menos a marcha que está nos desígnios de Deus.

O Espiritismo, por sua poderosa revelação, vem, pois, acelerar a reforma social. Seus adversários, sem dúvida, rirão desta pretensão e, todavia, ela nada tem de presunçosa. Demonstramos que a incredulidade, a simples dúvida em relação ao futuro leva o homem a se concentrar sobre a vida presente, o que, muito naturalmente, desenvolve o sentimento de egoísmo. O único remédio para o mal é concentrar sua

atenção sobre um outro ponto e desenraizá-lo, por assim dizer, a fim de fazê-lo perder seus hábitos. O Espiritismo, provando de maneira patente a existência do mundo invisível, leva, forçosamente, a uma ordem de ideias bem diversa, pois dilata o horizonte moral limitado à Terra. A importância da vida corporal diminui à medida que cresce a da vida espiritual; muito naturalmente nos colocamos em um outro ponto de vista, e o que nos parecia uma montanha não nos parece mais que um grão de areia. As vaidades, as ambições aqui da Terra tornam-se puerilidades, brinquedos infantis em presença do futuro grandioso que nos espera. Atendo-nos menos às coisas terrestres, buscamos menos satisfazer-nos às expensas dos outros, daí uma diminuição no sentimento de egoísmo.

O Espiritismo não se limita a provar o mundo invisível. Pelos exemplos que desenrola aos nossos olhos, ele no-lo mostra em sua realidade, e não tal como a imaginação o havia feito conceber. Ele no-lo mostra povoado de seres felizes ou infelizes, mas prova que somente a caridade, a soberana lei do Cristo, pode aí assegurar a felicidade. Por outro lado assistimos a sociedade terrestre se entre-estralhar sob o império do egoísmo, enquanto viveria feliz e pacífica sob o da caridade. Com a caridade tudo é, pois, benefício para o homem: felicidade neste mundo e felicidade no outro. Não se trata mais, conforme a expressão de um materialista, do sacrifício de pessoas enganadas, mas segundo a expressão do Cristo, do investimento que será centuplicado. Com o Espiritismo o homem compreende que tem tudo a ganhar fazendo o bem e tudo a perder fazendo pelo mal. Ora, entre a certeza, não direi a sorte, mas a certeza de perder ou de ganhar, a escolha não poderia ser duvidosa. A propagação da ideia espírita tende, necessariamente, a tornar os homens melhores uns para os outros. O que ele faz hoje sobre os indivíduos, fará amanhã sobre as massas quando estiver difundido de maneira geral. Tratemos, pois, de torná-lo conhecido no interesse de todos.

Prevejo uma objeção que pode ser levantada, isto é, a de que, de acordo com estas ideias, a prática do bem seria um cálculo interessado. A isso respondo dizendo que a igreja, prometendo as alegrias do céu ou ameaçando com as chamas do inferno, conduz, ela própria, os homens pela esperança e o temor; que o próprio Cristo disse que o que se dá neste mundo renderá centuplicado. Sem dúvida há maior mérito em fazer-se o bem espontaneamente, sem pensar nas consequências, mas nem todos os homens chegaram a isso, e vale mais fazer o bem com esse estimulante do que não fazê-lo.

Ouve-se por vezes falar de pessoas que fazem o bem sem desígnio premeditado, e por assim dizer, sem duvidar, que elas não têm mérito porque para isso não fazem nenhum esforço; é um erro. O homem não chega a nada sem esforço; aquele que não precisou fazê-lo nesta existência, deve ter lutado em uma precedente, e o bem acabou por se identificar com ele, e é por isso que o bem lhe parece tão natural. O bem está nele como em outros indivíduos estão ideias inatas que, também elas, tiveram sua fonte em um trabalho anterior. Este é ainda um dos problemas que o Espiritismo vem resolver. Os homens de bem têm pois, também eles, o mérito da luta. Para eles a vitória já está alcançada. Os outros têm ainda que lutar para obtê-la. Eis porque, como as crianças, precisam de um estímulo, isto é, de um objetivo a ser atingido, ou, se o quiserdes, de um prêmio a ganhar.

Uma outra objeção mais séria é esta: Se o Espiritismo produz todos estes resultados, os espíritas devem ser os primeiros a deles se aproveitarem. A abnegação, o devotamento desinteressado, a indulgência para com o próximo, a abstenção absoluta de toda palavra ou de todo ato que possam ferir o próximo, em uma palavra, a caridade em sua mais pura acepção, devem ser a regra invariável de sua conduta; não devem conhecer nem o orgulho, nem o ciúme, nem a inveja, nem o rancor, nem as tolas vaidades, nem as pueris susceptibilidades do amor próprio. Devem fazer o bem pelo bem, com modéstia e sem ostentação, praticando esta máxima do Cristo: "Que vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita"; nenhum espírita merecerá que se lhe aplique estes versos de Racine:

Um benefício lançado em rosto vale sempre por uma ofensa.

Enfim, a mais perfeita harmonia deve reinar entre eles. Por que, então, citam-se exemplos que parecem contradizer a eficácia dessas belas máximas?

No início das manifestações espíritas, muitos as aceitaram sem prever suas consequências. A maioria viu nelas apenas efeitos mais ou menos curiosos; mas quando delas saiu uma moral severa, deveres rigorosos a cumprir, muitos não sentiram a força para praticá-las e a elas se conformar; não tiveram coragem, nem devotamento, nem abnegação, nem humildade. Nessas pessoas a natureza corporal prevaleceu sobre a natureza espiritual; puderam crer, mas recuaram ante a execução. Havia, pois, na origem, apenas espíritas, isto é, crentes; a filosofia e a moral abriram a essa ciência um horizonte novo e criou os *Espíritas praticantes*; uns ficaram na retaguarda, outros foram à frente. Quanto mais a moral se sublimou, mais fez ressaltar as imperfeições daqueles que não quiseram segui-la, assim como uma intensa luz faz ressaltar as sombras. Era como um espelho: alguns não quiseram nele se olhar, ou, crendo nele se reconhecerem, preferiram jogar pedras naqueles que lho mostravam. Tal é, ainda hoje, a causa de certas animosidades. Todavia posso, por felicidade, dizer: estas são exceções, algumas pequenas sombras sobre o vasto panorama, e que não lhe podem alterar a luminosidade. Neste grupo encontram-se, em grande parte, os que poderíamos chamar: *espíritas de primeira formação*. Quanto àqueles que se formaram depois e se formam a cada dia, em grande maioria aceitaram a doutrina precisamente por causa de sua moral e de sua filosofia. Eis porque esforçam-se em praticá-la. Pretender que deveriam todos se terem tornado perfeitos, é desconhecer a natureza da humanidade. Mas, terem-se despojado de resquícios do homem velho é sempre um progresso que, por força, se deve levar em conta. São indesculpáveis aos olhos de Deus apenas aqueles que, estando bem e devidamente esclarecidos, não tiraram desse esclarecimento o proveito que poderiam tirar. A estes, certamente, será pedida uma conta severa, da qual sofrerão, conforme temos visto em numerosos exemplos, as consequências aqui na Terra. Mas, ao lado destes, há também o grande número no qual operou-se uma verdadeira metamorfose. Encontraram na crença espírita a força para vencer pendores desde há muito tempo enraizados, de romper com velhas atitudes, de ignorar os ressentimentos e as inimizades, de tornar menores as distâncias sociais. Pede-se ao Espiritismo, milagres: eis os que ele produz.

Assim, pela força mesma das coisas, o Espiritismo levará, por inevitável consequência, à melhoria moral. Essa melhoria conduzirá à prática da caridade, e da caridade nascerá o sentimento da fraternidade. Quando os homens estiverem imbuídos dessas ideias, conformarão a elas suas instituições e será assim que realizarão, naturalmente e sem agitações, as reformas desejáveis; é a base sobre a qual assentarão o edifício social futuro.

Essa transformação é inevitável, pois é conforme à lei do progresso; todavia, se seguir apenas a marcha natural das coisas, sua realização poderá ser demorada. Se acreditarmos na revelação dos Espíritos, está nos desígnios de Deus ativá-la, e nós estamos nos tempos preditos para isso; a concordância das comunicações a este respeito é um fato digno de nota. Em toda parte diz-se que nós tocamos na era nova e que grandes coisas vão cumprir-se. Seria, entretanto, um erro supor que o mundo está ameaçado por um cataclismo material; examinando as palavras do Cristo, torna-se evidente que nesta, como em outras muitas circunstâncias, Ele falou de maneira alegórica. A renovação da humanidade, o reino do bem sucedendo ao reino do mal, são grandes coisas que podem se realizar sem que haja necessidade de um naufrágio universal, nem de fazer aparecer fenômenos extraordinários, ou derrogar as leis naturais. É sempre neste sentido que os Espíritos se têm exprimido.

Tendo a Terra alcançado o tempo marcado para se transformar em morada feliz, elevando-se assim na hierarquia dos mundos, basta a Deus não permitir aos Espíritos imperfeitos aqui se reencarnarem, dela afastando aqueles que, por orgulho, incredulidade, maus instintos, possam tornar-se obstáculo ao progresso, perturbando a boa harmonia, como, aliás, procedeis vós mesmos, em uma assembleia em que necessitais ter paz e tranquilidade e da qual afastais aqueles que a ela possam trazer a desordem, ou como se expulsam de um país os malfeitores, que são exilados em países longínquos. Isso porque nas raças, ou melhor - para nos servir das palavras do Cristo - nas gerações de Espíritos enviados em expiação à Terra, aqueles que se mantiverem incorrigíveis serão substituídos por uma geração de Espíritos mais adiantados e, para isso, bastará uma geração de homens e a vontade de Deus que pode, por acontecimentos inesperados, embora naturais, apressar-lhes a partida da Terra. Se, pois, a maior parte das crianças que hoje nascem pertencem à nova geração de Espíritos melhores, se os demais, que partem a cada dia, não mais regressarão, disso resultará uma renovação completa. E o que será feito dos Espíritos exilados? Serão encaminhados para mundos inferiores, expiar seu endurecimento por longos séculos de provas terríveis, pois também eles são anjos rebeldes, porque desprezaram o poder de Deus e se revoltaram contra a lei que Cristo veio lhes recordar.³

Como quer que seja, nada se faz bruscamente na natureza. A velha levedura deixará ainda, durante algum tempo, traços que só de pouco em pouco se apagarão. Quando os Espíritos nos dizem - e isso eles o fazem por toda a parte - que nos abeiramos desse momento, não creais que sejamos testemunhas de uma transformação exposta à vista. Querem significar que estamos no momento da transição, assistimos à partida dos velhos

³ Ver a Revista Espírita, Janeiro de 1862, Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos Anjos decaídos.

e à chegada dos novos, que virão fundar uma nova ordem de coisas, isto é, o reino da justiça e da caridade que é o verdadeiro reino de Deus, predito pelos profetas e do qual o Espiritismo vem preparar os caminhos.

Vede, senhores, *estamos já bem distantes das mesas girantes* e, entretanto, apenas alguns anos nos separam do berço do Espiritismo! Quem quer que tivesse sido bastante audacioso para predizer o que hoje se passa, seria levado à conta de insensato aos olhos dos seus próprios correligionários. Observando a pequenina semente, quem poderia compreender, se dantes não tivesse assistido ao fenômeno, que dali sairia a árvore poderosa? Vendo a criança nascida no estábulo de uma pobre aldeia na Judéia, quem poderia supor que, sem o fausto e o poder material, sua voz singela abalaria o mundo, reforçada apenas por alguns pescadores ignorantes e tão pobres quanto ela mesma? Outro tanto ocorre com o Espiritismo que, saindo de um humilde e vulgar fenômeno, já aprofundou suas raízes em todas as direções, e cuja ramalhada bem cedo, abrigará a Terra inteira. As coisas progridem celeremente quando Deus assim quer. E considerando que nada ocorre fora de Sua vontade, quem não veria aí o dedo de Deus?

Assistindo à marcha irresistível das coisas, poderíeis dizer como outrora os Cruzados marchando para a conquista da Terra Santa: *Deus o quer!* mas, com a diferença que eles marchavam levando nas mãos ferro e fogo enquanto que vós apenas tendes por arma a caridade que, ao invés de ocasionar ferimentos morais, derrama um bálsamo salutar sobre os corações doloridos. E, com esta arma pacífica, que cintila aos olhos como um raio divino e não como o metal assassino, que semeia a esperança e não o temor, tereis, dentro de alguns anos levado ao aprisco da fé mais ovelhas desgarradas do que o teriam podido fazer séculos de violência e de prepotência. É com a caridade por guia que o Espiritismo caminha para a conquista do mundo.

Será fantasioso e quimérico o quadro que esbocei diante de vós? Não! A razão, a lógica, a experiência, tudo diz que esta é uma realidade.

Espíritas, sois os pioneiros dessa grande obra. Tornai-vos dignos da gloriosa missão, cujos primeiros frutos já recolheis. Pregai por palavras, mas, sobretudo, pregai por exemplos. Comportai-vos de modo a que, em vos vendo, não possam dizer que as máximas que ensinai são palavras vãs em vossos lábios. A exemplo dos apóstolos, fazei milagres, pois, para isso, Deus concedeu-vos o dom! Não milagres que chocam os sentidos, porém milagres de caridade e de amor. Sede bons para com vossos irmãos, sede bons para com o mundo inteiro, sede bons para com vossos inimigos! A exemplo dos apóstolos, expulsai os demônios. Para isso tendes o poder, e eles pululam em torno de vós, os demônios do orgulho, da ambição, da inveja, do ciúme, da cupidez, da sensualidade, que alimentam todas as más paixões e semeiam por entre vós os pomas da discórdia. Expulsai-os de vossos corações, a fim de que tenhais a força necessária para expulsá-los dos corações alheios. Fazei esses milagres e Deus vos abençoará, as gerações futuras vos abençoarão como as de agora abençoam os primeiros cristãos, dentre os quais, muitos revivem entre vós para assistir e concorrer para o coroamento da obra do Cristo. Fazei esses milagres e vossos nomes serão inscritos gloriosamente nos anais do Espiritismo. Não empanai esse clarão por sentimentos e atos indignos do verdadeiro espírita, do espírita cristão. Libertai-vos, o quanto antes possível, de tudo

quanto possa ainda restar em vós do velho levedo. Cuidai que de um momento para o outro, amanhã talvez, o anjo da morte pode vir bater à vossa porta e dizer: Deus vos chama para prestardes conta do que fizestes de sua palavra, da palavra de Seu Filho, que Ele fez repetir pelos bons Espíritos. Estai, pois, sempre prontos a partir e não façais como o viajor imprudente que é surpreendido desprevenido. Fazei vossas provisões com antecipação, provisões de boas obras e de bons sentimentos, pois infeliz é aquele que o momento fatal surpreende com a ira, a inveja ou o ciúme no coração. Terão por escolta os maus Espíritos, jubilosos das desgraças que o esperam, uma vez que essas desgraças serão a sua obra. E vós sabeis, Espíritas, quais são essas desgraças: os que as sofrem chegam até nós, eles próprios, para descrever seus sofrimentos. Àqueles, pelo contrário, que se apresentarem puros, os bons Espíritos virão estender a mão, dizendo-lhes: Irmãos, sede bem-vindos às celestes moradas onde, vos esperam cantos de alegria!

Vossos adversários rirão de vossa crença nos Espíritos e em suas manifestações, mas não poderão rir das virtudes que resultam dessa crença. Não se rirão quando virem os inimigos perdoar-se ao invés de ferir-se, a paz renascer entre aqueles que se dividiram pela dissídia, o incrédulo de ontem concentrado hoje em prece fervorosa, o homem violento e colérico modificado em ser doce e pacífico, o debochado transfigurado no homem cumpridor de seus deveres e perfeito pai de família, o orgulhoso que se tornou humilde, o egoísta oferecendo provas do mais alto espírito de caridade. Não rirão quando constatarem que já não têm a temer a vingança de seus inimigos, transformados em espíritas. O rico não se rirá quando verificar que o pobre não inveja sua fortuna e o pobre, ao invés de alimentar sentimentos de ciúmes, abençoará o rico que se fez humano e generoso. Os chefes não rirão de seus subordinados e não os molestarão quando constatarem que se fizeram escrupulosos e conscienciosos na realização de seus deveres. Finalmente os patrões encorajarão seus servidores e subalternos quando os virem, sob o império da fé espírita, mais fiéis, mais devotados e mais sinceros. Eles verificarão que o Espiritismo é bom para tudo e para todos e não apenas para salvaguardar-lhes os interesses materiais. E tanto pior será para aqueles que não quiserem ver um pouco mais além. Sob o império dessa mesma fé, o militar será mais disciplinado, mais humano, mais fácil de ser conduzido. Terá sentimentos e obedecerá não pelo temor, mas pela razão. É o que constatam os dirigentes imbuídos desses princípios e eles são numerosos. E, por tal motivo, sinceramente desejam que nenhum entrave se oponha à propagação das ideias espíritas entre aqueles que se encontram sob sua direção.

Eis, senhores, que rides, o que produz o Espiritismo, essa utopia do século dezenove, - parcialmente ainda, é verdade, - mas cuja influência já se reconhece e cuja propagação em breve se compreenderá ser do maior benefício, em favor de todos. Sua influência é uma garantia de segurança para as *relações sociais*, pois que constitui o mais poderoso freio às más paixões, às efervescências desordenadas, mostrando o laço de amor e de fraternidade que deve unir o grande ao pequeno e o pequeno ao grande. Fazei, pois que, por vosso exemplo, logo se possa dizer: Praza a Deus que todos os homens sejam espíritas de coração!

Caros irmãos espíritas, venho vos indicar o caminho, fazer-vos ver o objetivo. Possam minhas palavras, por mais impotentes que elas sejam, ter-vos feito compreender

a sua grandeza! Todavia, outros virão, depois de mim, que vo-la mostrarão também, e cuja voz, mais poderosa do que a minha, terá para as nações o brilho vivaz da trombeta. Sim meus irmãos, Espíritos mensageiros de Deus, encarregados de estabelecer o Seu reino na Terra, logo surgirão entre vós e os reconheceríeis por sua sabedoria e a autoridade de sua linguagem. À sua voz, os incrédulos e os ímpios se encherão de espanto e de estupor, e curvarão a cabeça, pois não ousarão chama-los loucos. Eu não poderia, irmãos, revelar-vos tudo quanto vos prepara o futuro. Mas o tempo está próximo em que todos os mistérios serão revelados, para a confusão dos mentirosos e a glorificação dos bons.

Enquanto a oportunidade se apresenta, revesti-vos do manto branco, abafai as discórdias, pois que as discórdias pertencem ao reino do mal que vai ter fim. Seja-vos possível fundir-vos em uma única e mesma família e dar-vos mutuamente, do fundo do coração e sem pensamento premeditado, o nome de irmãos. Se entre vós há dissidências, causas de antagonismos, se os grupos que devem todos marchar para um objetivo comum estiverem divididos, eu o lamento, sem me preocupar com as causas, sem examinar quem cometeu os primeiros erros e me coloco, sem hesitar, do lado daquele que tiver mais caridade, isto é, mais abnegação e verdadeira humildade, pois aquele a quem falta a caridade está sempre errado, assistido embora por qualquer espécie de razão, pois Deus maldiz quem diz a seu irmão: *racca*.

Os grupos são indivíduos coletivos que devem viver em paz, como os indivíduos, se, realmente, são espíritas. Eles são os batalhões da grande falange. Ora, o que será feito de uma falange cujos batalhões se dividirem? Aqueles que veem o próximo com olhos ciumentos, provam, só por isso, que estão sob uma ruim influência, pois que o Espírito do bem não pode produzir o mal. Vós o sabeis: a árvore reconhece-se pelos frutos. Ora, o fruto do orgulho, da inveja e do ciúme é um fruto envenenado que mata quem dele se nutre.

O que digo das dissidências entre grupos vale, igualmente, para as que possam haver entre os indivíduos. Em semelhante circunstância, a opinião das pessoas imparciais é sempre favorável àquele que dá provas de maior grandeza e de generosidade. Aqui na Terra, onde ninguém é infalível, a indulgência recíproca é uma consequência do princípio da caridade que nos leva a agir para com os outros como quereríamos que os outros agissem para conosco. Ora, sem indulgência não há caridade, sem caridade não há verdadeiro Espírita. A moderação é um dos sinais característicos desse sentimento, como a acrimônia e o rancor são sinais da negação. Com acrimônia e espírito vingativo deterioram-se as mais dignas causas, mas com a moderação fortalecemo-las, se estamos de seu lado, ou delas passamos a participar, se não o fizemos ainda. Se, pois, eu tivesse de opinar em uma divergência, eu me preocuparia menos com as causas e mais com as consequências. As causas, em querelas ocasionadas sobretudo por palavras, podem ser o resultado de questões das quais nem sempre somos senhores; a conduta ulterior de dois adversários é o resultado da reflexão; eles agem de sangue frio e é então que o verdadeiro caráter de cada uma das partes se define. Uma ruim cabeça e um mau coração caminham muitas vezes juntos, porém rancor e bom coração são incompatíveis. Minha medida de apreciação seria, então, a caridade, isto é, eu observaria aquele que menos mal diz de seu adversário, aquele que é o mais moderado em suas recriminações.

É segundo esta medida que Deus nos julgará, pois Ele será indulgente para quem tiver sido indulgente e será inflexível para quem tiver sido inflexível.

A rota traçada pela caridade é clara, infalível e sem equívocos. Poderíamos defini-la assim: "Sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse". Tomando-a por guia, podemos estar certos de não nos afastar do caminho reto que conduz a Deus. Quem deseja, de maneira sincera e séria trabalhar por sua própria melhoria, deve analisar a caridade em seus mínimos detalhes e por ela conformar sua conduta, pois ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, tanto às mais simples, quanto às mais complexas. De cada vez que estivermos incertos quanto ao partido a tomar, no interesse alheio, basta que interroguemos a caridade e ela responderá, sempre de maneira justa. Infelizmente escuta-se mais frequentemente a voz do egoísmo.

Sondai, pois, os refolhos de vossa alma, para dela arrancardes os últimos vestígios das ruins paixões, se delas algo restar ainda. E se experimentais algum ressentimento contra alguém, cuidai de abafá-lo e dizei: "Irmão, esqueçamos o passado. Os maus Espíritos nos haviam separado, que os bons nos reúnam!" Se ele recusar a mão que lhe estendeis, oh! então lamentai-o, pois Deus, por sua vez, lhe dirá: "Por que pedes perdão, tu que não perdoastes?"

Apressai-vos, pois, para que se não vos aplique esta frase fatal: É tarde demais!

Tais são, queridos irmãos espíritas, os conselhos que tenho a vos dar. A confiança que vindes em mim depositar é uma garantia de que eles trarão bons frutos. Os Bons Espíritos, que vos assistem, dizem-vos a cada dia a mesma coisa, porém julguei um dever apresentar-vos essas advertências em um conjunto, de modo a que suas consequências melhor se destaquem. Venho, pois, em nome deles, lembrar-vos a prática da grande lei do amor e da fraternidade que deverá, em breve, reger o mundo e nele fazer reinar a paz e a concórdia, sob o estandarte da caridade para com todos, sem exceções de seitas, de castas e nem de cores.

Com este estandarte, o Espiritismo será o traço de união que reunirá os homens divididos pelas crenças e os preconceitos mundanos. Ele fará ruir a mais poderosa barreira que separa os povos: o antagonismo nacional. À sombra dessa bandeira, que será o seu ponto de reunião, os homens se habituarão a ver irmãos naqueles que viam como inimigos. Daqui até lá haverá muitas lutas, pois o mal não liberta facilmente sua presa, e os interesses materiais são tenazes. Sem dúvida não vereis com os olhos do corpo a realização dessa obra, para a qual concorreis, e isso embora esse momento não esteja remoto. Os anos iniciais do século próximo deverão prenunciar essa era nova que se prepara ao crepúsculo desta em que vivemos. Mas fruireis, com os olhos do Espírito, o bem que tiverdes feito, como os mártires do Cristianismo rejubilaram-se contemplando os frutos de seu sangue derramado. Coragem, pois, e perseverança. Não recueis ante os obstáculos. O campo não se torna fértil sem a dádiva do suor. Assim como o pai, mesmo no ocaso da vida, constrói o lar que irá abrigar seus filhos, crede que construíis para as gerações futuras, um templo à fraternidade universal e no qual as únicas vítimas imoladas serão o egoísmo, o orgulho e todas as más paixões que ensanguentaram a humanidade.

Revista Espírita de maio de 1864

Sociedade Espírita de Paris

DISCURSO DE ABERTURA DO SÉTIMO ANO SOCIAL

1.º DE ABRIL DE 1864.

Senhores e caros colegas,

A Sociedade inicia seu sétimo ano, e essa duração não deixa de ter significação, quando se trata de uma ciência nova. Um fato que não é de menor importância é que ela seguiu constantemente uma marcha ascendente. Contudo, senhores, sabeis que é menos no sentido material que no sentido moral que se realizou o seu progresso. Não somente ela não abriu suas portas ao primeiro que apareceu, nem solicitou que dela fizesse parte quem quer que fosse, porém, mais visou circunscrever-se do que expandir-se indefinidamente.

O número dos membros ativos é, com efeito, uma questão secundária para toda sociedade que, como esta, não visa entesourar. Não são *mantenedores que ela busca*, por isso não se prende à quantidade. Assim o quer a natureza de seus trabalhos, exclusivamente científicos, para os quais são necessários a calma e o recolhimento, e não o movimento da multidão.

O sinal de prosperidade da Sociedade não está, pois, na cifra de seu pessoal, nem no seu encaixe. Está inteiramente na progressão de seus estudos, na consideração que conquistou, no ascendente moral que exerce lá fora, enfim, no número de adeptos que se ligam aos princípios que ela professa, mesmo sem dela fazerem parte.

A esse respeito, senhores, sabeis que o resultado ultrapassou todas as previsões. E, coisa notável, não é somente na França que ela exerce tal ascendente, mas no estrangeiro, porque, para os verdadeiros espíritas, todos os homens são irmãos, seja qual for a nação a que pertençam. A prova material disto tendes no número de sociedades e grupos que, de diversos países, vêm colocar-se sob o seu patrocínio e lhe pedir conselhos. Isto é um fato notório e tanto mais característico quanto essa convergência para ela se faz espontaneamente, porque não é menos notório que ela não o provocou nem o solicitou. É, pois, voluntariamente que se vêm colocar sob a bandeira que ela hasteou. A que se deve tudo isto? As causas são múltiplas. Não é inútil examiná-las, porque isto entra na história do Espiritismo.

Uma dessas causas vem naturalmente do fato de que, sendo a primeira regularmente constituída, ela também foi a primeira a alargar o círculo de seus estudos e abraçou todas as partes da ciência espírita. Quando o Espiritismo mal saía do período da curiosidade e das mesas girantes, ela entrou resolutamente no período filosófico, que, de certo modo, inaugurou. Por isso mesmo, logo de princípio, atraiu a atenção de pessoas sérias.

Mas isto para nada teria servido, se ela tivesse ficado alheia aos princípios ensinados pela generalidade dos Espíritos. Se ela tivesse professado apenas suas próprias ideias, jamais teria imposto essas ideias à imensa maioria dos adeptos de todos os países. A Sociedade representa os princípios formulados no *Livro dos Espíritos*, e sendo esses princípios ensinados por toda parte, muito naturalmente todos se ligaram ao centro de onde aqueles partiam, ao passo que aqueles que se colocaram fora desse centro ficaram isolados, por não encontrarem eco entre os Espíritos.

Repetirei aqui o que disse alhures, porque nunca seria demasiado repetir:

A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem ou de um Espírito. Ela está na universalidade do ensino dado por estes últimos. O *controle universal*, como o *sufrágio universal*, resolverá no futuro todas as questões litigiosas. Ele estabelecerá a unidade da doutrina muito melhor que um concílio de homens. Ficai certos, senhores, que esse princípio abrirá seu caminho, como o *Fora da caridade não há salvação*, porque ele está embasado na mais rigorosa lógica e na abdicação da personalidade. Ele não poderá contrariar senão os adversários do Espiritismo, bem como aqueles que só têm fé em suas luzes pessoais.

A Sociedade de Paris conquistou a posição que ocupa porque jamais se afastou dessa via traçada pela razão sadia. As pessoas nela confiam porque sabem que ela não avança levemente; que ela não impõe suas próprias ideias e que, por sua posição, mais do que ninguém, ela pode constatar o sentido em que se pronuncia aquilo que se pode justamente chamar o *sufrágio universal dos Espíritos*. Se algum dia ela se colocasse à margem da maioria, forçosamente deixaria de ser o ponto de ligação. O Espiritismo não cairia, *porque ele tem seu ponto de apoio em toda parte*, mas, não mais tendo o seu *por toda a parte*, a Sociedade cairia.

Com efeito, por sua natureza totalmente excepcional, o Espiritismo não repousa mais numa sociedade do que num indivíduo. A de Paris jamais disse: *Fora de mim não há Espiritismo*, pois assim ela deixaria de existir, ao passo que o Espiritismo não deixaria de seguir o seu curso, porque ele tem as suas raízes na inumerável multidão de intérpretes dos Espíritos no mundo inteiro, e não numa reunião qualquer, cuja existência é sempre eventual.

Os testemunhos que a Sociedade recebe provam que ela é estimada e considerada, e certamente é o de que mais se felicita. Se a primeira causa disso está na natureza de seus trabalhos, é justo acrescentar que ela o deve também ao bom conceito que levaram de suas sessões os numerosos estrangeiros que vieram visitá-la. A ordem, a dignidade, a seriedade, os sentimentos de fraternidade que eles viram aí reinar, melhor do que todas as palavras convenceram-nos de seu caráter eminentemente sério.

É essa, senhores, a posição que, como fundador da Sociedade, eu tratei de lhe assegurar. É também essa a razão pela qual jamais cedi a qualquer incitamento que tendesse a desviá-la do caminho da prudência. Deixei que falassem e agissem os impacientes de boa ou de má-fé. Sabeis o que eles se tornaram, ao passo que a Sociedade ainda está de pé.

A missão da Sociedade não é fazer adeptos por si mesma, por isso jamais convoca o público. O objetivo de seus trabalhos, como indica o seu nome, é o progresso da ciência espírita. Para isto ela aproveita não só as suas observações, mas também as que são feitas alhures. Ela recolhe documentos que lhe chegam de todos os lados, estuda-os, investiga-os, compara-os para lhes deduzir os princípios e tirar os ensinamentos que ela difunde, mas que não o faz levemente. É assim que os seus trabalhos a todos beneficiam, e se eles adquiriram uma certa autoridade, é porque todos sabem que eles são feitos conscientemente, sem prevenção sistemática contra as pessoas ou as coisas.

Compreende-se, pois, que, para atingir tal objetivo, um número de membros mais ou menos considerável é indiferente. O resultado seria alcançado com uma dúzia de pessoas, tão bem ou ainda melhor do que com algumas centenas. Não tendo em vista nenhum interesse material, eis a razão pela qual ela não visa o número. Sendo o seu objetivo grave e sério, nada faz visando a curiosidade. Enfim, como os elementos da ciência nada lhe ensinariam de novo, ela não perde tempo repetindo o que já sabe. Como dissemos, seu papel é trabalhar pelo progresso da ciência, pelo estudo. Não é junto dela que aqueles que nada sabem vêm convencer-se, mas que os adeptos já iniciados vêm

colher novas instruções. É este o seu verdadeiro caráter. O que lhe é preciso, o que lhe é indispensável, são relações amplas que lhe permitam ver do alto o movimento geral, para julgar o conjunto, a ele conformar-se e o dar a conhecer. Ora, ela possui tais relações, que vieram por si mesmas e que aumentam diariamente, como tendes provas pela correspondência.

O número de grupos que se formam sob os seus auspícios e solicitam o seu patrocínio pelos motivos dados acima, é o fato mais característico do ano social que acaba de passar. Este fato não só é muito honroso para a Sociedade, é, além disso, de uma importância capital, pois testemunha, ao mesmo tempo, a extensão da doutrina e o sentido no qual tende a estabelecer-se a unidade.

Os que nos conhecem sabem a natureza das relações existentes entre a Sociedade de Paris e as demais sociedades, mas é essencial que todo mundo o saiba, para evitar os equívocos a que as alegações da malevolência poderiam dar lugar. Portanto, não é supérfluo repetir que os espíritas não formam entre si nem uma congregação, nem uma associação; que entre as diversas sociedades não há nem solidariedade material nem filiação oculta ou ostensiva; que elas não obedecem a nenhuma palavra de ordem secreta; que aqueles que delas fazem parte são sempre livres para deixá-las, se isso lhes convém; que se elas não abrem as portas ao público, não é porque aí se passe nada de misterioso ou de oculto, mas porque elas não querem ser perturbadas pelos curiosos e importunos. Longe de agir na sombra, elas estão, ao contrário, sempre prontas a submeter-se às investigações da autoridade legal e às prescrições que lhes forem impostas. A de Paris tem sobre as outras apenas autoridade moral, devida à sua posição e aos seus estudos, e porque lha conferem. Ela dá os conselhos que reivindicam de sua experiência, mas não se impõe a nenhuma. A única palavra de ordem que ela dá, como senha entre os verdadeiros espíritas, e esta: *Caridade para com todos, mesmo para com os inimigos*. Assim, ela declinaria de toda solidariedade moral com aquelas que se afastassem desse princípio; que tivessem por móvel o interesse material; que em vez de manter a união e a boa harmonia, tendessem a semear a divisão entre os adeptos, porque, por isso mesmo, colocar-se-iam fora da doutrina.

A Sociedade de Paris não pode assumir a responsabilidade pelos abusos que, por ignorância ou por outras causas, possam fazer do Espiritismo. Ela não pretende, de forma alguma, cobrir com o seu manto aqueles que os cometem, nem pode nem deve tomá-lhes a defesa perante a autoridade, em caso de perseguição, porque isto seria aprovar o que a doutrina desaprova. Quando a crítica se dirige a tais abusos, não temos que refutá-la, mas apenas responder: Se vos désseis ao trabalho de estudar o Espiritismo, veríeis o que ele diz e não o acusaríeis daquilo que ele condena. Assim, cabe aos espíritas sinceros evitar cuidadosamente tudo quanto pudesse dar lugar a uma crítica fundada. Eles seguramente conseguirão isto mantendo-se nos preceitos da doutrina.

Não é por que uma reunião se intitula grupo, círculo ou sociedade espírita que necessariamente deve ter as nossas simpatias. A etiqueta jamais foi garantia absoluta da qualidade da mercadoria, mas, segundo a máxima “Conhece-se a árvore pelo seu fruto” nós a apreciamos em razão dos sentimentos que a animam, do móvel que a dirige e a julgamos por suas obras. A Sociedade de Paris se felicita quando pode inscrever na lista de seus aderentes, reuniões que oferecem todas as garantias desejáveis de ordem, de boas atitudes, de sinceridade, de devotamento e de abnegação pessoal, e que pode oferecê-las como modelos aos seus irmãos em crença.

A posição da Sociedade de Paris é, pois, exclusivamente moral, e ela jamais ambicionou outra. Aqueles dentre nossos antagonistas que pretendem que todos os espíritas são seus tributários; que ela enriquece às suas custas, arrancando-lhes dinheiro em seu proveito; que avaliam o seu lucro pelo número de adeptos, dão provas de notável

má-fé ou da mais absoluta ignorância daquilo de que falam. Sem dúvida ela tem por si a sua consciência, mas têm, a mais, para confundir a impostura, os seus arquivos, que testemunharão sempre a verdade, no presente como no futuro.

Sem desígnio premeditado, e pela força das coisas, a Sociedade tornou-se um centro para onde convergem os ensinamentos de toda sorte concernentes ao Espiritismo. Ela se encontra, neste aspecto, numa situação que se pode dizer excepcional, pelos elementos que possui para assentar a sua opinião. Melhor do que ninguém, ela pode, pois, conhecer o estado real do progresso da doutrina em cada país, e apreciar as causas locais que podem favorecê-lo ou retardar-lhe o desenvolvimento. Essa estatística não será um dos elementos menos preciosos para a história do Espiritismo, ao mesmo tempo que permite estudar as manobras dos adversários e calcular a extensão dos golpes que vibram para derrubá-lo. Bastaria essa observação para permitir prever o resultado definitivo e inevitável da luta, como se julga o desfecho de uma batalha pelo movimento dos dois exércitos.

Pode-se dizer com inteira verdade que nesse particular estamos na primeira linha para observar, não só a tática dos homens, mas também a dos Espíritos. Vemos, com efeito, da parte destes, uma unidade de vistas e de plano sábia e providencialmente combinada, ante a qual forçosamente devem quebrar-se todos os esforços humanos, porque os Espíritos podem atingir os homens e feri-los, ao passo que escapam destes últimos. Como se vê, a partida é desigual.

A história do Espiritismo moderno será uma coisa realmente curiosa, porque será a da luta entre o mundo visível e o invisível. Os Antigos teriam dito: *A guerra dos homens contra os deuses*. Será também a dos fatos, mas, sobretudo e forçosamente, a dos homens que neles tiverem representado um papel ativo, num como noutra sentido, isto é, como verdadeiros sustentáculos ou como adversários da causa. É preciso que as gerações futuras saibam a quem deverão um justo tributo de reconhecimento. É preciso que consagrem a memória dos verdadeiros pioneiros da obra regeneradora, e que não haja glórias usurpadas.

O que dará a essa história um caráter particular é que, em vez de ser feita, como muitas outras, muitos anos ou séculos depois dos acontecimentos, com base nas tradições e nas lendas, ela se faz enquanto os fatos acontecem, e baseada em dados autênticos, dos quais nós possuímos, por uma correspondência incessante, vinda de todos os países onde se implanta a doutrina, o mais vasto e mais completo arquivo existente no mundo.

Sem dúvida o Espiritismo, em si mesmo, não pode ser atingido pelas mentirosas alegações de seus adversários, com cujo auxílio procuram fantasiá-lo. Elas poderiam, entretanto, dar uma falsa ideia de seus primórdios e de seus meios de ação, desnaturando os atos e o caráter dos homens que nele tiverem cooperado, se não se lhes desse a contrapartida oficial. Esses arquivos serão, para o futuro, a luz que espancará todas as dúvidas, uma mina onde os comentadores futuros poderão colher com certeza. Vedes, senhores, de que importância se reveste este trabalho, no interesse da verdade histórica. A nossa própria Sociedade nele está interessada, em razão da parte que toma no movimento.

Diz um provérbio: “Nobreza obriga.” A posição da Sociedade lhe impõe também as obrigações de conservar seu crédito e seu ascendente moral. A primeira é a de não se afastar, quanto à teoria, da linha seguida até hoje, pois que recolhe os seus frutos; a segunda está no bom exemplo que deve dar, justificando, pela prática, a excelência da doutrina que professa. Sabe-se que esse exemplo, provando a influência moralizadora do Espiritismo, é um poderoso elemento de propaganda, e, ao mesmo tempo, o melhor meio

de fechar a boca dos detratores. Um incrédulo, que não conhecia senão a filosofia da doutrina, dizia que *com tais princípios o espírita necessariamente deveria ser um homem de bem*. Estas palavras são profundamente verdadeiras, mas, para serem completas, é preciso acrescentar que um verdadeiro espírita deve ser, necessariamente, bom e benevolente para com os seus semelhantes, isto é, praticar a caridade evangélica na sua mais larga acepção.

É a graça que todos devemos pedir que Deus nos conceda, tornando-nos dóceis aos conselhos dos bons Espíritos que nos assistem. Peçamos igualmente a eles que continuem nos protegendo durante o ano que se inicia, e que nos deem a força de nos tornarmos dignos deles. É o mais seguro meio de justificar e conservar a posição que a Sociedade conquistou.

A. K.

Revista Espírita de novembro de 1864

O Espiritismo é uma ciência positiva

ALOCUÇÃO DO SR. ALLAN KARDEC
AOS ESPÍRITAS DE BRUXELAS E ANTUÉRPIA, EM 1864.

Publicamos esta alocução a pedido de muitas pessoas que nos testemunharam o desejo de conservá-la, e porque ela tende a fazer encarar o Espiritismo sob um aspecto de certo modo novo. A *Revista Espírita* de Antuérpia a reproduziu integralmente.

Senhores e caros irmãos espíritas,

Apraz-me dar-vos este título porque, posto eu não tenha a vantagem de conhecer todas as pessoas presentes a esta reunião, quero crer que aqui estamos em família e todos em comunhão de pensamentos e de sentimentos. Admitindo, mesmo, que nem todos os assistentes fossem simpáticos à nossas ideias, não os confundira menos no sentimento fraterno que deve animar os verdadeiros espíritas para com todos os homens, sem distinção de opinião.

Contudo, é aos nossos irmãos em crença que me dirijo mais especialmente, para lhes exprimir a satisfação que experimento de me achar entre eles, e de lhes oferecer, em nome da Sociedade de Paris, a saudação de fraternidade espírita.

Eu já havia tido a prova de que o Espiritismo conta nesta cidade com numerosos adeptos sérios, devotados e esclarecidos, perfeitamente imbuídos do objetivo moral e filosófico da doutrina; sabia que aqui encontraria corações simpáticos, e isto foi o motivo determinante para que eu correspondesse ao insistente e grato convite que me foi feito por vários dentre vós, para uma curta visita este ano. A acolhida tão amável e cordial que recebi permitirá que leve de minha estada aqui a mais agradável lembrança.

Certamente eu teria o direito de orgulhar-me com o acolhimento que recebo nos diversos centros que visito, se não soubesse que esses testemunhos se dirigem muito menos ao homem do que à doutrina, da qual sou apenas o humilde representante, e devem ser considerados como uma profissão de fé, uma adesão aos nossos princípios. É assim que os encaro, no que pessoalmente me concerne.

Aliás, se as viagens que de tempos em tempos faço aos centros espíritas só devessem ter como resultado uma satisfação pessoal, eu as consideraria inúteis e me absteria de fazê-las. Mas, além de contribuírem para apertar os laços de fraternidade entre os adeptos, elas também têm a vantagem de me fornecer assuntos de observação e de estudo que jamais são perdidos para a doutrina. Independentemente dos fatos que podem servir ao progresso da ciência, aí recolho os materiais da história futura do Espiritismo; os documentos autênticos sobre o movimento da ideia espírita; os elementos mais ou menos favoráveis ou contrários que ela encontra, conforme as localidades; a força ou a fraqueza e as manobras de seus adversários; os meios de combater estes últimos; o zelo e o devotamento de seus verdadeiros defensores.

Entre estes últimos deve-se colocar na primeira linha todos os que militam pela causa com coragem, perseverança, abnegação e desinteresse, sem segunda intenção pessoal, que buscam o triunfo da doutrina pela doutrina e não pela satisfação de seu amor-próprio, aqueles que, enfim, por seu exemplo, provam que a moral espírita não é palavra vã, e se esforçam por justificar essa notável afirmação de um incrédulo: *Com uma tal doutrina, não se pode ser espírita sem ser homem de bem.*

Não há centro espírita onde eu não tenha encontrado um número mais ou menos grande desses pioneiros da obra, desses desbravadores do terreno, desses lutadores infatigáveis que, sustentados por uma fé sincera e esclarecida, pela consciência de cumprir um dever, não desanimem ante nenhuma dificuldade, encarando seu devotamento como uma dívida de reconhecimento pelos benefícios morais que eles receberam do Espiritismo. É justo que os nomes daqueles de que se honra a doutrina fiquem perdidos para os nossos descendentes e que não possam eles um dia ser inscritos no panteão espírita?

Infelizmente, ao lado deles por vezes se acham os meninos travessos da causa, os impacientes que, não calculando o alcance de suas palavras e de seus atos, podem comprometê-la; aqueles que, por um zelo irrefletido, por ideias intempestivas e prematuras, sem querer fornecem armas aos nossos adversários. Depois vêm aqueles que, considerando o Espiritismo apenas superficialmente, *sem serem tocados no coração*, por seu próprio exemplo dão uma falsa ideia de seus resultados e de suas tendências morais.

Eis aí, sem contradita, o maior escolho que encontram os sinceros propagadores da doutrina, pois muitas vezes eles veem a obra que penosamente esboçaram desfeita por aqueles que deveriam secundá-los. É um fato comprovado que o Espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que absolutamente não o compreendem, e mesmo por seus inimigos declarados. E é de notar que aqueles que o compreendem mal geralmente têm a pretensão de compreendê-lo melhor que os outros, e não é raro ver noviços pretenderem, ao cabo de alguns meses, dar lições àqueles que adquiriram experiência em estudos sérios. Tal pretensão, que revela o orgulho, é uma prova evidente da ignorância dos verdadeiros princípios da doutrina.

Que os espíritas sinceros, entretanto, não desanimem, pois esse é um resultado do momento de transição que vivemos. As ideias novas não podem estabelecer-se de repente e sem estorvos. Como lhes é preciso varrer as ideias antigas, forçosamente encontram adversários que as combatem e as repelem, e depois, as criaturas que as tomam pelo avesso, que as exageram ou querem acomodá-las a seus gostos ou a suas opiniões pessoais. Mas chega o momento em que, conhecidos e compreendidos os verdadeiros princípios pela maioria, as ideias contraditórias caem por si mesmas. Já vedes o que aconteceu com todos os sistemas isolados, surgidos na origem do Espiritismo. Todos caíram ante a observação mais rigorosa dos fatos, ou só encontram ainda uns poucos desses partidários tenazes que em tudo se aferram às suas primeiras ideias, sem dar um passo à frente. A unidade se estabeleceu na crença espírita com muito mais rapidez do que era dado esperar. É que os Espíritos vieram confirmar em todos os pontos os princípios verdadeiros, de sorte que hoje há entre os adeptos do mundo inteiro uma opinião predominante que, se ainda não conta com a unanimidade absoluta, conta, incontestavelmente, com a da imensa maioria, do que se segue que aquele que quer marchar ao arrepio dessa opinião, encontrando pouco ou nenhum eco, se condena ao isolamento. Aí está a experiência para demonstrá-lo.

Para remediar o inconveniente que acabo de assinalar, isto é, para prevenir as consequências da ignorância e das falsas interpretações, é preciso cuidar da divulgação das ideias justas, de formar adeptos esclarecidos cujo número crescente neutralizará a influência das ideias erradas.

Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal ajudar os irmãos em crença em suas tarefas. Aproveito, assim, para lhes dar as instruções de que possam necessitar, como desenvolvimento teórico ou aplicação prática da doutrina, tanto quanto me é possível fazê-lo. A finalidade dessas visitas é séria e exclusivamente no interesse da doutrina, assim, não busco ovações, que não são do meu gosto nem do meu

caráter. Minha maior satisfação é a de me encontrar com amigos sinceros, devotados, com os quais a gente pode entreter-se sem constrangimento e se esclarecer mutuamente, por uma discussão amistosa, à qual cada um leva o contributo de suas próprias observações.

Nessas excursões, não vou pregar aos incrédulos e jamais convoco o público para catequizá-lo. Numa palavra, não vou fazer propaganda. Só apareço em reuniões de adeptos, nas quais meus conselhos são desejados e podem ser úteis. Eu os dou de boa vontade aos que julgam deles necessitar e abstenho-me com os que se julgam bastante esclarecidos para dispensá-los. Só me dirijo aos homens de boa vontade.

Se nessas reuniões, excepcionalmente, se insinuarem pessoas atraídas apenas pela curiosidade, elas ficariam desapontadas, pois aí nada encontrariam que pudesse satisfazê-las, e se estivessem animadas de um sentimento hostil ou difamatório, o caráter eminentemente sério, sincero e moral da assembleia e dos assuntos aí tratados tiraria qualquer pretexto plausível para a sua malevolência. Tais são os pensamentos que exprimo nas diversas reuniões a que sou chamado a assistir, a fim de que não se equivoquem quanto às minhas intenções.

Eu disse inicialmente que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão a vossa atenção para um ponto essencial que até agora não foi suficientemente considerado. Certamente, vendo a rapidez do progresso desta doutrina, haveria mais glória em dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria sua compensação, mas não devo considerar a minha parte maior do que ela é. Longe de lamentar, eu me felicito por isso, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Ela poderia ter partidários, talvez fazer escola, como muitas outras, mas certamente não teria adquirido, em poucos anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa. Ele tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem aos nossos olhos a cada instante, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação, numa palavra, uma ciência, a ciência das relações entre os mundos visível e invisível, ciência ainda imperfeita, mas que diariamente se completa por novos estudos e que, tende certeza, tomará posição ao lado das ciências *positivas*. Digo *positivas* porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação, pois essa lei universal existia antes dele; cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, entretanto, ela não era conhecida.

Por sua vez, o Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e a da eletricidade, contudo ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis no momento de sua descoberta. É que os homens geralmente sentem dificuldade em renunciar às suas ideias preconcebidas e, por amor-próprio, custalhes concordar que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles próprios não encontraram.

Mas como, definitivamente, esta lei repousa sobre fatos, e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, eles terão que render-se à evidência, como os mais recalcitrantes tiveram que fazê-lo quanto ao movimento da Terra, à formação do globo e

aos efeitos do vapor. Por mais que taxem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que existe.

Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem, e que em todas as épocas se produziram de maneira espontânea. Mas o que, sobretudo, o favoreceu nessas pesquisas, é que lhe foi dado o poder de produzi-los e de provocá-los, até certo ponto. Ele encontrou nos médiuns, instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. Entenda-se que isto é uma comparação e que não pretendo estabelecer uma analogia.

Há aqui, entretanto, uma consideração de alta importância. É que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam. Ele não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas. Ele procedeu pela via da análise e da observação. *Dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual a ele se apresentou como força ativa; ele só o proclamou depois de havê-lo constatado.*

Como força e como lei da Natureza, a ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à Ciência, dando-lhe a chave de uma porção de problemas incompreendidos.

Mas, se a descoberta de leis puramente materiais produziu no mundo revoluções materiais, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, porque ela muda totalmente o curso das ideias e das crenças mais arraigadas; ela mostra a vida sob um outro aspecto; ela mata a superstição e o fanatismo; ela engrandece o pensamento, e o homem, em vez de se arrastar na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, eleva-se ao infinito; ele sabe de onde vem e para onde vai; ele vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; ele sabe que nada do que aqui adquire em saber e moralidade fica perdido, e que o seu progresso continua indefinidamente no além-túmulo; ele sabe que há sempre um futuro para si, sejam quais forem a insuficiência e a brevidade da presente existência, ao passo que a ideia materialista, circunscrevendo a vida à existência atual, dá-lhe como perspectiva o nada, que nem mesmo tem por compensação a duração, que ninguém pode aumentar à sua vontade, desde que podemos cair amanhã, dentro de uma hora, e então o fruto de nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos estarão para nós perdidos para sempre, muitas vezes sem termos tido tempo de desfrutá-los.

O Espiritismo, eu o repito, demonstrando, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das ideias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque ele não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; ele sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, ele alarga o domínio da Ciência e abre, por isto mesmo, uma nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra. Ele compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, porquanto essa solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de ser morta por ele e, muito naturalmente, imbuído destas ideias, o homem a elas conformará as suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a Humanidade e mudar a face do mundo, e isto simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da Natureza que dá um outro curso às ideias, uma significação a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, e faz encarar as coisas de outro ponto de vista.

Se os detratores do Espiritismo — eu falo dos que militam pelo progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma

dos abusos — conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, seu alcance e seus inevitáveis resultados, em vez de atacá-lo, como o fazem, e de lançar incessantemente obstáculos no seu caminho, nele veriam a mais poderosa alavanca para chegar à destruição dos abusos que combatem; em vez de lhe serem hostis, eles o aclamariam como um socorro providencial. Infelizmente, a maioria acredita mais em si do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e apesar deles, e a força irresistível do Espiritismo será tanto melhor constatada quanto mais ele tiver a combater. Um dia, deles dirão — e isto não será para sua glória — o que eles próprios dizem dos que combateram o movimento da Terra e dos que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições não impediram que estas leis naturais seguissem o seu curso, como todos os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual, que é, também, uma lei da Natureza.

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo que lhe censuram seus detratores, pelo menos aqueles que não o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada, é o domínio da Natureza, enriquecido por uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador. São, enfim, os limites recuados do conhecimento humano.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Não é nem o de inventor, nem o de criador. Eu vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; eu os coordenei e lhes deduzi as consequências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz, outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui apenas um instrumento da Providência, e dou graças a Deus e aos bons Espíritos por terem querido servir-se de mim. É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforço por me tornar digno, pedindo a Deus me dê as forças necessárias para realizá-la segundo a sua santa vontade. Essa tarefa, entretanto, é pesada, mais pesada do que podem supor, e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado ante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício; será a obra de minha vida, até meu último dia, pois ante um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam, como pontos diante do infinito.

Termino esta curta exposição, senhores, dirigindo sinceras felicitações aos nossos irmãos da Bélgica, presentes ou ausentes, cujo zelo, devotamento e perseverança contribuíram para a implantação do Espiritismo naquele país. As sementes que foram plantadas nos grandes centros populacionais como Bruxelas, Antuérpia e outros, tenho certeza, não terão sido lançadas em solo estéril.

Revista Espírita de dezembro de 1864

DA COMUNHÃO DE PENSAMENTOS A PROPÓSITO DA COMEMORAÇÃO DOS MORTOS

A Sociedade Espírita de Paris reuniu-se especialmente, pela primeira vez, a 2 de novembro de 1864, visando oferecer uma piedosa lembrança a seus falecidos colegas e irmãos espíritas. Naquela ocasião o Sr. Allan Kardec desenvolveu o princípio da *comunhão de pensamentos*, no discurso seguinte:

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pela tradição à comemoração dos mortos, para dar àqueles dos nossos irmãos que deixaram a Terra, um testemunho particular de simpatia, para dar continuidade às relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós enquanto eles estavam vivos, e para chamar para eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunirmos? Por que nos desviarmos de nossas ocupações? Não pode cada um fazer em particular aquilo que nos propomos fazer em comum? Não o faz cada um de nós pelos seus? Não se pode fazê-lo todos os dias e a cada hora do dia? Então, que utilidade pode haver em reunir-se num dia determinado? É sobre este ponto, senhores, que me proponho apresentar-vos algumas considerações.

A disposição com que a ideia desta reunião foi acolhida é a primeira resposta a essas diversas questões. Ela é o indício da necessidade que experimentamos ao nos acharmos juntos numa comunhão de pensamentos.

Comunhão de pensamentos! Compreendemos bem todo o alcance desta expressão? É permitido duvidar disto, pelo menos por parte da maioria. O Espiritismo, que nos ensina tantas coisas pelas leis que revela, vem ainda nos explicar a causa, os efeitos e o poder desta situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força. É, porém, uma força puramente moral e abstrata? Não, pois do contrário não se explicariam certos efeitos do pensamento e, ainda menos, da comunhão de pensamentos. Para compreendê-lo é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual. É ele que distingue o espírito da matéria. Sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas, se ele tem o poder de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser esse poder sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se dizer, portanto, com toda certeza, que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembleia é um foco de onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um produz a sua nota. Disso resulta grande quantidade de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Entretanto, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos e discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão será agradável; se ele for discordante, a impressão será penosa. Ora, para tanto, não é necessário que o pensamento seja formulado em palavras, porquanto a radiação fluídica não deixa de existir, quer seja ou não expressa. Se todos forem benevolentes, todos os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e se sentirão à vontade. No entanto, se ali se misturam alguns maus pensamentos, eles produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Essa é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática; aí reina algo como que uma atmosfera salubre, onde se respira à vontade; daí se sai reconfortado, porque aí nos impregnamos de eflúvios salutares. Assim também se explicam a ansiedade e o mal-estar indefinível que sentimos num meio antipático, onde pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma espécie de efeito físico que age sobre o moral. É isto que somente o Espiritismo poderia tornar compreensível. O homem o sente instintivamente, porquanto procura as reuniões onde sabe que vai encontrar essa comunhão; nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele absorve novas forças morais. Pode-se dizer que ele aí recupera as perdas fluídicas que ocorrem diariamente pela radiação do pensamento, assim como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

Essas considerações, senhores e caros irmãos, parecem afastar-nos do objetivo principal de nossa reunião, contudo, elas para aqui nos conduzem diretamente. As reuniões que têm por objetivo a comemoração dos mortos repousam na comunhão de pensamentos. Para compreender a sua utilidade, era necessário bem definir a natureza e os efeitos dessa comunhão.

Para a explicação das coisas espirituais, por vezes me sirvo de comparações muito materiais, e talvez até mesmo um pouco forçadas, que nem sempre devem ser tomadas ao pé da letra. No entanto, é procedendo por analogia, do conhecido para o desconhecido, que chegamos a nos dar conta, pelo menos aproximadamente, do que escapa aos nossos sentidos. É a tais comparações que a Doutrina Espírita deve, em grande parte, ter sido facilmente compreendida, mesmo pelas mais vulgares inteligências, ao passo que se eu tivesse ficado nas abstrações da filosofia metafísica, ela seria partilhada, ainda hoje, apenas por algumas inteligências de escol. Ora, desde o princípio, importava que ela fosse aceita pelas massas, porque a opinião das massas exerce uma pressão que acaba fazendo lei e triunfando das oposições mais tenazes. Eis por que me esforcei em simplificá-la e torná-la clara, a fim de colocá-la ao alcance de todos, com o risco de fazê-la contestada por algumas pessoas quanto ao título de filosofia, porque ela não é suficientemente abstrata e porque ela saiu do nevoeiro da metafísica clássica.

Aos efeitos que acabo de descrever, no que concerne à comunhão de pensamentos, junta-se um outro, que é sua consequência natural, e que importa não perder de vista. É a força que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número de braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos há, numa reunião onde reina perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que nem sempre possui um indivíduo isolado. Se até o presente as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma perfeita homogeneidade de pensamentos, o que se deve à imperfeição da natureza

humana na Terra. Quanto mais numerosas forem as reuniões, mais aí se mesclam elementos heterogêneos, que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como grãos de areia numa engrenagem. Não é assim nos mundos mais avançados, e esse estado de coisas mudará na Terra, à medida que os homens aqui se tornarem melhores.

Para os espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem. O Espiritismo nos prova que ele não é menor dos homens aos Espíritos, e vice-versa. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pela quantidade, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos. Assim, vejamos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, conforme o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro ao moral como ao físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada, e sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos, não sendo impedidos por correntes contrárias, se espalharão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em proveito de todos, conforme a lei da caridade. Esses eflúvios descerão sobre eles em línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por eles assistidos. As relações do mundo visível com o mundo invisível deixam de ser individuais e passam a ser coletivas, e por isto mesmo mais poderosas, para proveito das massas, bem como dos indivíduos. Numa palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Ninguém trabalha apenas para si, mas para todos, e trabalhando por todos, cada um aí encontra seu quinhão. É isto que não compreende o egoísmo.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que elas podem e devem exercer toda a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das constrictões da matéria. Infelizmente, a maioria se afasta deste princípio à medida que fizeram da religião uma questão de forma. Disto resultou que cada um fazendo seu dever consistir na realização da forma, se julga quite com Deus e com os homens, porquanto praticou uma fórmula. Disso resulta, ainda, que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por conta própria, e, na maioria das vezes, sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes. Ele está isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.

Certamente não era assim que o entendia Jesus, quando disse: Quando muitos de vós estiverdes reunidos em meu nome, eu estarei em vosso meio. “Reunidos em meu nome” quer dizer: com um pensamento comum, mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, em palavras e em ações. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os conhece como seus discípulos.

Tocadas por esses abusos e desvios, algumas pessoas negam a utilidade das assembleias religiosas e, conseqüentemente, dos edifícios a elas consagrados. Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir hospitais do que templos, tendo em vista que o templo de Deus está em toda parte, e que Deus pode ser adorado em toda parte;

que cada um pode orar em sua casa e a qualquer hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de um lugar de refúgio.

Mas porque se cometem abusos, porque se afastam do reto caminho, segue-se que não existe o caminho reto e que tudo de que se abusa é mau? Certamente não. Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos que deve ser a essência das assembleias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que os materialistas professem semelhantes ideias, compreende-se, porque em todas as coisas eles fazem abstração da vida espiritual, mas da parte de espiritualistas, e mais ainda dos espíritas, seria um contrassenso. O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, fartamente dotados pelo coração, para que sua fé e caridade não necessitem ser aquecidas num foco comum, é possível, mas não é assim com as massas, às quais falta um estimulante, sem o qual poderiam deixar-se tomar pela indiferença. Além disso, qual o homem que poderá dizer-se bastante esclarecido para nada ter que aprender no tocante aos seus interesses futuros e bastante perfeito para prescindir de conselhos para a vida presente? É ele sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não. À maioria faltam ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Sem contradita, tais ensinamentos podem ser dados em toda parte, sob a abóbada do céu como sob o teto de um templo. Mas, por que os homens não haveriam de ter lugares especiais para as coisas celestes, como os têm para as terrenas? Por que não teriam assembleias religiosas, como têm assembleias políticas, científicas e industriais? Isto não impede as fundações em benefício dos infelizes, mas nós dizemos, além disto, que quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu, haverá aqui menos gente nos hospitais.

Falando de maneira geral e sem alusão a nenhum culto, se as assembleias religiosas muitas vezes se afastaram de seu objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se os ensinamentos que aí são dados nem sempre seguiram o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não realizam todos os progressos ao mesmo tempo. O que eles não fazem num período, fazem em outro. À medida que se esclarecem, eles veem as lacunas existentes em suas instituições, e as preenchem; eles compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau da civilização, torna-se insuficiente numa etapa mais adiantada, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas. Ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não peçamos a uma época mais do que ela pode dar. Como acontece com as plantas, é preciso que as ideias amadureçam para serem colhidos os frutos. Saibamos, além disso, fazer as necessárias concessões às épocas de transição, pois nada, na natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

Pelo motivo que hoje nos reúne, senhores e caros irmãos, julguei oportuno aproveitar a circunstância para desenvolver o princípio da comunhão de pensamentos, do ponto de vista do Espiritismo. Sendo o nosso objetivo unir-nos em intenção para oferecer, em comum, um testemunho particular de simpatia aos nossos irmãos falecidos, poderia ser útil chamar nossa atenção para as vantagens da reunião. Graças ao Espiritismo, compreendemos o poder e os efeitos do pensamento coletivo e podemos melhor explicar o sentimento de bem-estar que se experimenta num meio homogêneo e simpático, mas igualmente sabemos que o mesmo se dá com os Espíritos, porque eles sabem receber os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que para eles se elevam como uma nuvem de perfume. Os que são felizes experimentam uma alegria maior neste concerto harmonioso; os que sofrem sentem com isso um maior alívio. Cada um de nós, em particular, ora de preferência por aqueles que lhe interessam ou que ele mais estima. Façamos que aqui todos tenham sua parte nas preces que dirigimos a Deus.

Revista Espírita de junho de 1865

Relatório da caixa do Espiritismo

Feito à Sociedade Espírita de Paris, no dia 5 de maio de 1865, pelo Sr. Allan Kardec

Senhores e caros colegas,

Há algum tempo vos anunciei novas explicações sobre a caixa do Espiritismo. O início de um novo ano social naturalmente me oferece essa ocasião. Nesta exposição lamento ter que falar de mim, o que faço o menos possível, mas nesta circunstância não poderia evitá-lo, por isso, e de antemão, peço me desculpeis.

Lembrarei sumariamente o relatório sobre o assunto que vos apresentei há dois anos.

Em fevereiro de 1860, foi posto à minha disposição um donativo de 10.000 francos para usá-lo à vontade, no interesse do Espiritismo. Naquela época, a Sociedade não tinha um local seu, o que constituía grave inconveniente. A extensão que começava a tomar a doutrina fazia sentir a utilidade de um local adequado não só para as sessões, mas para a recepção de visitantes que a cada dia se tornavam mais numerosos e tornavam indispensável a presença permanente de alguém na própria sede da Sociedade. Escolhi este local, que reunia as vantagens do asseio e da localização central. Aliás, a escolha não foi fácil, dada a necessidade de dependências apropriadas à sua finalidade, aliada ao elevado preço dos aluguéis. O preço de locação deste local, inclusive as contribuições, é de 2.930 francos. Não podendo a Sociedade suportar tal encargo e pagando apenas 1.200 francos, faltavam 1.730 francos, os quais se devia prover. Aplicar o donativo feito, tanto na compra de material quanto no pagamento do excedente do aluguel, não era afastar-se das intenções do doador, porquanto era aplicado no interesse da doutrina e, com efeito, compreende-se, sobretudo hoje, quanto foi útil ter este centro para onde convergem tantas relações, e quanto era necessário, além disso, que eu tivesse aqui um alojamento. Contudo, devo lembrar que se aqui moro, não é vantagem para mim, porque tenho outro apartamento que nada me custa e onde me seria mais agradável morar, e com tanto mais razão quando essa dupla residência, longe de ser um alívio, é uma agravação de encargos, como logo demonstrarei.

A soma de 10.000 francos foi, pois, o primeiro fundo de caixa do Espiritismo, caixa que, como sabeis, é objeto de uma contabilidade especial e não se confunde com meus negócios pessoais. Esse fundo devia bastar para completar, mais ou menos, o aluguel durante seis anos, conforme a conta detalhada que apresentei da última vez. Ora, o contrato expira em um ano e a soma chega ao fim.

É verdade que o capital da caixa foi aumentado com várias somas, e assim está constituído:

- 1.º — Donativo de fevereiro de 1860 - 10.000 francos;
 - 2.º — Concessão de um empréstimo feito numa época anterior, no interesse do Espiritismo – 600 francos;
 - 3.º — Donativo feito em 1862 – 500 francos;
 - 4.º — Outro donativo, feito em setembro de 1864 - 1.000 francos;
 - 5.º — Outro donativo, feito em outubro de 1864 - 2.000 francos;
- TOTAL – 14.100 francos.

Tendo estas duas últimas parcelas destino especial, na realidade só 11.100 francos estão destinados ao aluguel e não bastarão inteiramente.

Mas o aluguel não é o único encargo que incumbe ao Espiritismo. Não falo das obras de beneficência, que são uma coisa à parte de que falaremos a seguir. Abordo um outro lado da questão, e é aqui que reclamo a vossa indulgência, pela necessidade que tenho de falar de mim.

Falaram muito do lucro que eu obtinha com as minhas obras. Ninguém sério na verdade acredita em meus milhões, malgrado a afirmação dos que diziam saber de boa fonte que eu levava uma vida principesca; que eu tinha carruagens de quatro cavalos e que em minha casa só se pisava em tapetes de Aubusson. Por mais que tenha dito, além disso, o autor de uma brochura que conheceis, que prova por cálculos hiperbólicos que meu orçamento das receitas ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa (38 milhões. *Revista* de junho de 1862 e junho de 1863), o que, diga-se de passagem, testemunharia uma expansão verdadeiramente maravilhosa da doutrina, há um fato mais autêntico que os seus cálculos: é que jamais pedi qualquer coisa a alguém; jamais alguém me deu algo para mim pessoalmente e nenhuma coleta de um *vintém sequer* veio atender às minhas necessidades. Numa palavra, *não vivo às custas de ninguém*, porquanto das somas que me foram confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi retirada em meu proveito e, aliás, vê-se a quanto montam as cifras.

Minhas imensas riquezas proviriam, então, de minhas obras espíritas. Embora essas obras tenham tido um sucesso inesperado, basta ter um leve conhecimento de assuntos de livraria para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando sobre a venda só se tem o direito autoral de alguns cêntimos por exemplar. Mas, seja ele muito ou pouco, sendo este produto o fruto do meu trabalho, ninguém tem que se imiscuir na aplicação que dele faço. Mesmo que ele se elevasse a milhões, considerando-se que tanto a compra dos livros quanto a assinatura da *Revista* são facultativas e não impostas *em nenhuma circunstância*, nem mesmo para assistir às sessões da Sociedade, ninguém tem nada a ver com isso. Falando comercialmente, estou na posição de qualquer homem que recolhe o fruto de seu trabalho: corro o risco de todo escritor que pode triunfar, como pode fracassar.

Embora, no particular, não tenha que prestar contas, creio útil à própria causa a que me votei, dar algumas explicações.

Para começar, direi que minhas obras não são minha propriedade exclusiva, e sou obrigado a comprá-las do meu editor e pagá-las, como um livreiro, com exceção da *Revista*, da qual conservei os direitos de propriedade; que o lucro se acha singularmente diminuído pelas obras que não são vendidas e pelas distribuições gratuitas feitas no interesse da doutrina, a pessoas que sem isto delas estariam privadas. Um cálculo muito simples prova que o preço de dez volumes perdidos ou doados, que nem por isso deixo de pagar, basta para absorver o lucro de cem volumes. Isto seja dito a título de informação e entre parênteses. No fim das contas, feito o balanço, resta, contudo, alguma coisa. Imaginai a cifra que quiserdes. O que faço com ela? Isto é o que mais preocupa certa gente.

Quem quer que tenha outrora visto nossa intimidade e a veja hoje, pode atestar que nada mudou em nossa maneira de viver depois que passei a ocupar-me do Espiritismo. Ela é tão simples agora quanto era outrora, porque uma vida suntuosa não está nos nossos gostos. Então, é certo que os meus lucros, por maiores que sejam, não servem para nos dar os prazeres do luxo. Não temos filhos, portanto não é para eles que economizamos, e nossos herdeiros indiretos são, em sua maioria, muito mais ricos que nós. Seria muita ingenuidade esgotar-me trabalhando por eles. Então teria eu a mania de

entesourar para ter o prazer de contemplar meu dinheiro? Penso que meu caráter e meus hábitos jamais tenham permitido que fizessem tal suposição. Os que me atribuem tais ideias conhecem muito pouco meus princípios em matéria de Espiritismo, porque me julgam muito apegado aos bens da Terra. Por que as coisas são assim? Considerando-se que não tiro proveito disso, quanto mais fabulosa for a soma, mais embaraçosa será a resposta. Um dia se saberá sua cifra exata, bem como o seu emprego detalhado, e os criadores de histórias poderão economizar a imaginação; hoje limito-me a alguns dados gerais para pôr um freio a suposições ridículas. Para tanto, devo entrar nalguns detalhes íntimos, pelo que vos peço perdão, mas são necessários.

De todos os tempos temos tido de que viver, muito modestamente, é verdade, mas o que teria sido pouco para certa gente nos bastava, graças a nossos gostos e hábitos de ordem e economia. À nossa pequena renda vinha juntar-se, como suplemento, o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo, e o de um modesto emprego que tive de deixar quando os trabalhos da doutrina me absorveram todo o tempo.

Na propriedade que possuo e que me fica como sobra daquilo que a má-fé não me pôde arrancar, podíamos viver tranquilamente e longe da confusão dos negócios. Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio lançar-me em novo caminho. Em pouco tempo vi-me arrastado num movimento que estava longe de prever. Quando concebi a ideia do *Livro dos Espíritos*, minha intenção era não me pôr em evidência e ficar desconhecido, mas logo sobrecarregado, isto não mais me foi possível. Tive que renunciar à minha solitude, sob pena de abdicar da obra empreendida, que crescia prodigiosamente. Foi preciso seguir-lhe o impulso e tomar as suas rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, certamente não fui eu que a busquei, pois é notório que não a devo à propaganda nem à camaradagem da imprensa, e que jamais tirei proveito da minha posição e das minhas relações para me lançar no mundo, quando isto ter-me-ia sido tão fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto desenrolava-se à minha frente, cujos limites recuavam. Compreendi então a imensidade de minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. Longe de me apavorar, as dificuldades e os obstáculos redobram minha energia; vi o objetivo e resolvi atingi-lo, com a assistência dos bons Espíritos. Eu sentia que não tinha tempo a perder e não o perdi em visitas inúteis nem em cerimônias ociosas. Foi a obra de minha vida. Para ela dediquei todo o meu tempo; a ela sacrifiquei meu repouso e a minha saúde, porque diante de mim o futuro estava escrito em caracteres irrefutáveis. Fi-lo por meu próprio impulso, e minha mulher, que não é nem mais ambiciosa nem mais interesseira que eu, concordou plenamente com meus pontos de vista e me secundou na tarefa laboriosa, como o faz ainda, por um trabalho por vezes acima de suas forças, sacrificando sem pesar os prazeres e distrações do mundo, aos quais sua posição de família a tinham habituado.

Sem nos afastarmos de nosso gênero de vida, essa posição excepcional não deixou de criar-nos necessidades às quais apenas meus próprios recursos permitiam prover. Seria difícil imaginar a multiplicidade de despesas que ela acarreta, e que sem isso eu teria evitado. A necessidade de morar em duas residências é, como já disse, um acréscimo de gastos, pela obrigação de ter todo o mobiliário em dobro, sem contar uma porção de gastos miúdos exigidos por essa dupla habitação e as perdas que resultam da negligência de meus interesses materiais, relegados por uma série de trabalhos que me absorvem todo o tempo. Não é uma queixa que formulo, pois minhas ocupações atuais são voluntárias; é um fato que constato, em resposta àqueles que dizem que tudo é lucro para mim no Espiritismo. Quanto aos gastos especiais ocasionados por minha posição, seria impossível enumerá-los, mas, se considerardes que tenho anualmente mais de oitocentos francos de despesas em porte de cartas, independentemente das viagens, e que tenho a necessidade de ligar-me a alguém para me ajudar, e outros pequenos gastos indispensáveis, compreenderéis que não exagero dizendo que minhas despesas anuais,

que foram crescendo incessantemente, hoje estão mais que triplicadas. Pode-se fazer uma idéia, aproximadamente, a quanto pode se elevar este excedente em oito anos, tomando a média de 6.000 francos por ano. Ora, ninguém contestará a utilidade destas despesas para o sucesso da doutrina, que evidentemente teria enlanguescido se eu tivesse permanecido no meu retiro, sem ver ninguém e sem as numerosas relações que mantenho diariamente. É o que, entretanto, eu teria sido obrigado a fazer, se nada me tivesse vindo em auxílio.

Pois bem, senhores, o que me proporcionou esse suplemento de recursos foi o produto de minhas obras. Digo com satisfação que foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi, pelo menos em sua maior parte, às necessidades materiais da instalação da doutrina. Assim, eu trouxe uma larga quota-parte à caixa do Espiritismo. Deus quis que ele encontrasse em si mesmo os seus primeiros meios de ação. No princípio eu lamentava que minha pouca fortuna não me permitisse fazer o que eu queria fazer pelo bem da causa, mas hoje aí vejo o dedo da Providência e a realização desta predição tantas vezes repetida pelos bons Espíritos: “Não te inquietes com nada. Deus sabe o que te é preciso e saberá provê-lo.”

Se eu tivesse empregado o produto de minhas obras no aumento de meus prazeres materiais, isto teria resultado em prejuízo do Espiritismo, contudo, ninguém teria tido o direito de objetar, porque eu era bem senhor de dispor à vontade daquilo que só devia a mim mesmo; mas, porque me privava antes, podia privar-me depois; penso que o aplicando à obra, ninguém achará que seja dinheiro mal empregado e os que ajudam na propagação das obras não poderão dizer que trabalham para me enriquecer.

Prover o presente não era tudo. Era necessário pensar no futuro e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse ajudar aquele que me substituirá na grande tarefa que terá de cumprir. Essa fundação, sobre a qual devo calar-me ainda, se liga à propriedade que possuo e é em vista disto que aplico uma parte dos meus rendimentos em melhorá-la. Como estou longe dos milhões com que me gratificaram, duvido muito que, a despeito de minhas economias, meus recursos pessoais me permitam dar a essa fundação o complemento que em vida lhe queria dar. Mas, considerando-se que sua realização está nos planos de meus guias espirituais, se eu mesmo não a fizer, é provável que um dia ou outro isto seja feito. Enquanto espero, faço os planos no papel.

Longe de mim, senhores, o pensamento de vangloriar-me do que vos acabo de expor. Foi preciso a persistência de certas diatribes para me impelir, embora contra a vontade, a romper o silêncio sobre alguns dos fatos a meu respeito. Mais tarde, todos aqueles a quem a malevolência aprouve desnaturar serão trazidos à luz por documentos autênticos, mas ainda não chegou o dia dessas explicações. A única coisa que me importava no momento era que fôsseis esclarecidos sobre o destino dos fundos que a Providência fez passar pelas minhas mãos, seja qual for a sua origem. Não me considero senão como simples depositário daqueles que ganho, e com mais forte razão daqueles que me são confiados e dos quais prestarei contas rigorosas. Resumo dizendo que não necessito deles para mim, o que significa dizer que deles não tiro proveito.

Resta falar-vos, senhores, da caixa de beneficência. Sabeis que ela se formou, sem desígnio premeditado, com algumas quantias postas em minhas mãos para obras de caridade, mas sem destinação especial, às quais junto as que de vez em quando se acham sem emprego determinado. O primeiro donativo feito com este objetivo foi de 200 francos, enviados a 20 de agosto de 1863. No ano seguinte, a 17 de agosto, a mesma pessoa me remeteu outros 200 francos. A 1º de setembro, durante minha viagem, outra me enviou 100 francos. Quando das subscrições publicadas na *Revista*, várias pessoas juntaram às suas remessas importâncias menores, com emprego facultativo. Mais recentemente, a 28 de abril último, alguém me remeteu 500 francos. O total das receitas

até hoje chegou ao montante de 1.317 francos. O total das despesas, em auxílios diversos, donativos e empréstimos ainda não reembolsados, chega ao montante de 1.060 francos. Atualmente restam-me em caixa 257 francos.

Alguém me perguntava um dia, naturalmente sem curiosidade, e por mero interesse pela causa, o que eu faria de um milhão, se eu o tivesse. Respondi-lhe que hoje o seu emprego seria totalmente diferente do que teria sido no princípio. Outrora eu teria feito propaganda por uma larga publicidade; agora reconheço que isto teria sido inútil, porque nossos adversários disto se encarregaram às suas custas. Não pondo, portanto, grandes recursos à minha disposição, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo não devia o seu sucesso senão a si mesmo, à sua própria força, e não ao emprego dos meios vulgares.

Hoje que o horizonte se alargou, que sobretudo o futuro se desdobrou, fazem-se sentir necessidades de outra ordem. Um capital como o que supondes teria um emprego mais útil. Sem entrar em detalhes que seriam prematuros, apenas direi que uma parte serviria para converter minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa doutrina moral; a outra para constituir uma renda *inalienável*, destinada: 1.º — a manter o estabelecimento; 2.º — a assegurar uma existência independente àquele que me sucederá e àqueles que o ajudarão em sua missão; 3.º — a cobrir as necessidades correntes do Espiritismo, sem a necessidade de recorrer aos produtos eventuais, como sou obrigado a fazer, porquanto a maior parte dos recursos repousam em meu trabalho, que terá um termo.

Eis o que eu faria. Mas, se esta satisfação não me é dada, pouco me importa que seja dada a outros. Aliás, eu sei que, de um modo ou de outro, os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo hábil. Eis por que absolutamente não me inquieto com isso e me ocupo do que para mim é a coisa essencial: a conclusão dos trabalhos que me restam por terminar. Feito isto, partirei quando a Deus aprover chamar-me.

Admiram-se que certas figuras altamente colocadas e notoriamente simpáticas à ideia espírita não tomem abertamente e oficialmente a causa em suas mãos. Dizem que seria seu dever, porquanto o Espiritismo é uma obra essencialmente moralizadora e humanitária. Esquecem-se que essas pessoas, por sua própria posição, têm, mais do que outras, que lutar contra preconceitos que só o tempo fará desaparecer, e que cairão ante o ascendente da opinião. Digamos, além disso, que o Espiritismo ainda se acha no estado de esboço e que ele não disse a sua última palavra. Os princípios gerais estão estabelecidos, mas ainda mal se entreveem as consequências, que não são e nem *podem ser* ainda claramente definidas. Até agora ele não passa de uma doutrina filosófica cuja aplicação às grandes questões de interesse geral é preciso esperar. Só então é que muitas pessoas compreenderão o seu verdadeiro alcance e utilidade e poderão pronunciar-se com conhecimento de causa. Até que o Espiritismo tenha completado sua obra, o bem que ele faz é limitado; ele não pode ser senão uma crença individual, e uma adesão oficial seria prematura e impossível. Então sim, muitos daqueles que hoje o consideram como uma coisa fútil, forçosamente mudarão sua maneira de ver e serão levados, pela própria força das coisas, a fazer dele um estudo sério. Deixemo-lo, pois, crescer e não peçamos que seja homem antes de ter sido menino; não peçamos à infância o que só a idade viril pode dar.

A. K.

NOTA: Esta exposição tinha sido feita apenas para a Sociedade, mas, tendo sido pedida por unanimidade a sua inserção na *Revista*, julgamos dever atender a esse desejo.

Revista Espírita de novembro de 1865

ALOCUÇÃO

NA REABERTURA DAS SESSÕES DA SOCIEDADE DE PARIS, A 6 DE OUTUBRO DE 1865

Senhores e caros colegas,

No momento de retomar o curso de nossos trabalhos, é para todos nós, e para mim em particular, uma grande satisfação encontrarmos-nos novamente reunidos. Sem dúvida vamos reencontrar nossos bons guias espirituais. Façamos votos para que, graças ao seu concurso, este ano seja fecundo em resultados. Ao ensejo, permiti-me dirigir-vos algumas palavras a propósito.

Depois de nossa separação, fez-se um grande alarido a propósito do Espiritismo. A bem dizer, só tive conhecimento no meu retorno, porque apenas alguns ecos chegaram ao meu retiro no meio das montanhas.

A respeito disso não entrarei em detalhes, hoje supérfluos e, quanto à minha apreciação pessoal, vós a conheceis, pelo que eu disse na Revista. Apenas acrescentarei uma palavra. É que tudo vem confirmar minha opinião sobre as consequências do que se passou. Sinto-me feliz por ver que tal apreciação é compartilhada pela grande maioria, senão pela unanimidade dos espíritas, do que tenho provas diárias em minha correspondência.

Um fato evidente ressalta da polêmica travada por ocasião dos irmãos Davenport: É a absoluta ignorância dos críticos em relação ao Espiritismo. A confusão que estabelecerem entre o Espiritismo sério e a charlatanice sem dúvida pode momentaneamente induzir algumas pessoas ao erro, mas é notório que a própria excentricidade de sua linguagem levou muita gente a indagar o que ele tem de justo, e grande foi sua surpresa ao encontrar coisas diversas dos golpes de magia. Assim, o Espiritismo ganhará, como eu disse, por tornar-se mais conhecido e melhor apreciado. Essa circunstância, que está longe de ser filha do acaso, incontestavelmente apressará o desenvolvimento da doutrina. Pode-se dizer que é um golpe de gravata cujo alcance não tardará a se fazer sentir.

Ademais, em breve o Espiritismo entrará numa nova fase, que forçosamente chamará a atenção dos mais indiferentes, e o que acaba de acontecer aplanará os caminhos. Então realizar-se-á aquela palavra profética do padre D..., cuja comunicação citei na Revista: “Os literatos serão os vossos mais poderosos auxiliares.” Eles já são, involuntariamente, porém, mais tarde sê-lo-ão voluntariamente. Preparam-se circunstâncias que precipitarão esse resultado, e é com segurança que digo que nestes últimos tempos os negócios do Espiritismo avançaram mais do que se poderia crer.

Desde nossa separação, eu soube muitas coisas, senhores. Não penseis que durante esta interrupção de nossos trabalhos comuns eu tenha ido gozar o *dolce far niente*. É verdade que não fui visitar Centros Espíritas, mas nem por isto vi menos e menos observei, e por isto mesmo, trabalhei muito.

Os acontecimentos marcham com rapidez, e como os trabalhos que me restam para terminar são consideráveis, devo apressar-me, a fim de estar pronto em tempo oportuno. Em presença da grandeza e da gravidade dos acontecimentos que tudo faz pressentir, os incidentes secundários são insignificantes; as questões pessoais passam, mas as coisas capitais ficam.

Assim, é preciso ligar às coisas uma importância apenas relativa e, pelo que pessoalmente me concerne, devo afastar de minhas preocupações o que é apenas

secundário e que poderia retardar-me ou me desviar do objetivo principal. Este objetivo cada vez se desenha mais nitidamente, e o que aprendi nestes últimos tempos foram sobretudo os meios de atingi-lo mais seguramente e de superar os obstáculos.

Deus me guarde de ter a presunção de me julgar o único capaz, ou mais capaz do que qualquer outro, ou o único encarregado de realizar os desígnios da Providência. Não. Tal pensamento está longe de mim. Neste grande movimento renovador, tenho minha parte de ação. Assim, só falo do que me concerne; mas o que posso afirmar sem vã fanfarronada é que, no papel que me incumbe, não me faltarão coragem nem perseverança. Jamais fraquejei, mas hoje que vejo a rota iluminar-se com uma claridade maravilhosa, sinto as forças crescerem. Jamais duvidei, mas hoje, graças às novas luzes que a Deus aprouve dar-me, tenho certeza, e o digo a todos os nossos irmãos, com mais segurança do que nunca: Coragem e perseverança, porque um deslumbrante sucesso coroará os nossos esforços.

Malgrado o estado próspero do Espiritismo, seria abusar estranhamente crer que de agora em diante ele vai marchar sem obstáculos. Ao contrário, devemos esperar novas dificuldades e novas lutas. Assim, ainda teremos que atravessar momentos penosos, porque nossos adversários não se dão por vencidos e disputarão o terreno palmo a palmo. Mas é nos momentos críticos que se conhecem os corações sólidos, os devotamentos verdadeiros. É então que as convicções profundas se distinguem das crenças superficiais ou simuladas. Na paz não há mérito em ter coragem. Neste momento nossos chefes invisíveis contam os seus soldados e as dificuldades para eles são um meio de pôr em evidência aqueles sobre os quais podem apoiar-se. Também é para nós um meio de saber realmente quem está conosco ou contra nós.

A tática dos nossos adversários — não seria demais repeti-lo — é neste momento procurar dividir os adeptos, lançando inopinadamente os fochos da discórdia, excitando os desfalecimentos verdadeiros ou simulados; e, é preciso dizer, eles têm como auxiliares certos Espíritos que se veem perturbados pelo aparecimento de uma fé que deve religar os homens num sentimento comum de fraternidade. Assim, estas palavras de um de nossos guias são perfeitamente verdadeiras: O Espiritismo revoluciona o mundo visível e o mundo invisível.

Há algum tempo os nossos adversários têm em mira as sociedades e as reuniões espíritas, onde semeiam em profusão o fermento da discórdia e do ciúme. Homens de vista curta, enceguedidos pela paixão, julgam ter conquistado uma grande vitória, quando conseguiram causar algumas perturbações numa localidade, como se o Espiritismo estivesse enfeudado num lugar qualquer, ou encarnado em alguns indivíduos! Ele está em toda parte, na Terra e no espaço! O movimento não é dado pelos homens, mas pelos Espíritos prepostos por Deus. Ele é irresistível porque é providencial. Não é, pois, uma revolução humana que se possa deter pela força material. Assim, quem se julgará capaz de travá-lo atirando uma pedrinha debaixo da roda? Pigmeu na mão de Deus, ele será arrastado pelo turbilhão.

Que todos os Espíritos sinceros se unam, pois, numa santa comunhão de pensamentos, para enfrentar a tempestade; que todos os que estão penetrados da grandeza do objetivo ponham de lado as pueris questões secundárias; que façam calar as suscetibilidades do amor-próprio, para ver apenas a importância do resultado para o qual a Providência conduz a Humanidade.

Encaradas as coisas deste elevado ponto de vista, em que se torna a questão dos irmãos Davenport? Contudo, esta mesma circunstância, apesar de muito secundária, é um aviso salutar. Ela impõe deveres especiais a todos os espíritas, e a nós em particular. Como se sabe, o que falta aos que confundem o Espiritismo com a charlatanice é saber o

que é o Espiritismo. Sem dúvida poderão sabê-lo pelos livros, quando se derem ao trabalho. Mas, que é a teoria ao lado da prática? Não basta dizer que a doutrina é bela; é necessário que os que a professam mostrem a sua aplicação. Cabe, pois, aos adeptos dedicados à causa, provar o que ela é, por sua maneira de agir, quer em particular, quer nas reuniões, evitando, com o máximo cuidado, tudo quanto pudesse dar margem à malevolência e produzir nos incrédulos uma impressão desfavorável. Quem quer que se encerre nos princípios da doutrina poderá ousadamente desafiar a crítica e jamais incorrerá na censura da autoridade, nem na severidade da lei.

Posta em evidência mais que qualquer outra, a Sociedade de Paris, sobretudo, deve dar o exemplo. Sentimo-nos todos felizes ao dizer que ela jamais faltou aos seus deveres e por termos constatado a boa impressão produzida por seu caráter eminentemente sério, pela gravidade e pelo recolhimento que presidem às suas reuniões. É um motivo a mais para ela evitar escrupulosamente até as aparências do que poderia comprometer a reputação que adquiriu. Incumbe a cada um de nós velar por isso, no próprio interesse da causa. É preciso que a qualidade de membro, ou de médium a lhe prestar concurso, seja um título de confiança e de consideração. Conto, pois, com a cooperação de todos os nossos colegas, cada um no limite de suas possibilidades. Não se deve perder de vista que as questões de pessoas devem apagar-se ante a questão do interesse geral. As circunstâncias em que vamos entrar são graves, repito, e cada um de nós terá sua missão, pequena ou grande. Por isso devemos pôr-nos em condições de cumpri-la, pois disso nos pedirão contas. Peço me perdoeis esta linguagem um pouco austera na retomada de nossos trabalhos, mas ela é imposta pelas circunstâncias.

Senhores, em nossa primeira reunião, um dos nossos colegas falta corporalmente à chamada. Durante nosso recesso, o Sr. Nant, pai de nossa boa e excelente espírita, a Sra. Breul, retornou ao mundo dos Espíritos, de onde, esperamos, terá a bondade de vir até nós. Em seus funerais, rendemos-lhe um justo tributo de simpatia, que julgamos dever renovar hoje e ficaremos felizes se dentro em breve ele tiver a bondade de dirigir-nos algumas palavras e, no futuro, juntar-se aos bons Espíritos que nos ajudam com seus conselhos. Peçamo-lhes, senhores, que tenham a bondade de continuarem a dar-nos a sua assistência.

Revista Espírita de novembro de 1868

Sessão anual comemorativa dos mortos

(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1868)

DISCURSO DE ABERTURA PELO SR. ALLAN KARDEC^[1]

O Espiritismo é uma religião?

“Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, aí estarei com elas.” (Mat. XVIII, 20).

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar aos nossos irmãos que deixaram a Terra, um testemunho particular de simpatia; para continuar as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós em vida, e para chamar sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunimos? Não podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazer em comum? Qual a utilidade que pode haver em se reunir assim num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras citadas no alto. Essa utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com o mesmo objetivo.

Mas compreendemos bem todo o alcance da expressão: *Comunhão de pensamentos*? Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela tinham feito uma ideia completa. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que nos revela, vem novamente nos explicar a causa, os efeitos e o poder dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força, mas é uma força puramente moral e abstrata? Não, pois do contrário não compreenderíamos certos efeitos do pensamento, e ainda menos a comunhão do pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é atributo especial do espírito, é o pensamento que atingiu um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se ele tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quão maior não deve ser essa força sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Podemos dizer, portanto, com plena certeza, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembleia é um foco onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos em que cada um produz a sua nota. Resulta daí uma porção de correntes e de eflúvios fluídicos, cada um dos quais recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão será agradável; se for discordante, a impressão será penosa. Ora, para isso não é preciso que o pensamento seja formulado em palavras; a radiação fluídica não deixa de existir pelo fato de ser ou não ser expressa; se todas forem benevolentes, todos os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e sentir-se-ão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que experimentamos numa reunião simpática; aí como que reina uma atmosfera moral salubre, onde respiramos à vontade; daí saímos reconfortados, porque ficamos impregnados de eflúvios fluídicos salutares. Assim se explicam, também, a ansiedade, o mal-estar indefinível que sentimos num meio antipático, em que pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, assim, uma espécie de efeito físico, que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia dar a compreender. O homem o sente instintivamente, porquanto ele procura as reuniões onde sabe que encontra essa comunhão. Nessas reuniões homogêneas e simpáticas ele adquire novas forças morais; poder-se-ia dizer que ele aí recupera as perdas fluídicas que ocorrem diariamente pela radiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão dos pensamentos, junta-se um outro que é a sua consequência natural, e que importa não perder de vista: é o poder que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto de pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, há, numa reunião onde reina uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que nem sempre possui um indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que depende da imperfeição da natureza humana na Terra. Quanto mais numerosas são as reuniões, mais aí se misturam elementos heterogêneos que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como grãos de areia numa engrenagem. Não é assim nos mundos mais adiantados, e tal estado de coisas mudará na Terra, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os espíritos, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Vimos o efeito dessa comunhão de homem a homem; o Espiritismo nos prova que ele não é menor dos homens para os Espíritos, e vice-versa. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; assim, vemos que a tática destes últimos é impelir para a divisão e para o isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro tanto do ponto de vista moral quanto do físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada. Sua influência salutar não encontrará obstáculos; não sendo os seus eflúvios fluídicos detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos te-los-ão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em

proveito de todos, conforme a lei da caridade. Esses eflúvios descerão sobre eles em línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, por isto mesmo são mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Ninguém trabalha para si só, mas para todos, e trabalhando por todos, cada um aí encontra a sua parte. É isto que o egoísmo não entende.

Graças ao Espiritismo, compreendemos, então, o poder e os efeitos do pensamento coletivo; entendemos melhor o sentimento de bem-estar que experimentamos num meio homogêneo e simpático; mas sabemos igualmente que o mesmo se dá com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benévolos que para eles se elevam como uma nuvem de perfume. Os que são felizes experimentam uma alegria ainda maior por esse concerto harmonioso; os que sofrem sentem um maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que elas devem e podem exercer toda a sua força, porque o objetivo deve ser o desprendimento do pensamento das injunções da matéria. Infelizmente, a maioria se afasta desse princípio, à medida que fazem da religião uma questão de forma. Disso resulta que cada um fazendo consistir seu dever na realização da forma, julga-se quite com Deus e com os homens quando praticou uma fórmula. Resulta, também, que *cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e o mais das vezes sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes; ele está isolado em meio à multidão, e não pensa no Céu senão para si mesmo.*

Certamente não era assim que entendia Jesus quando disse: “Quando diversos de vós estiverdes reunidos em meu nome, eu estarei entre vós.” Reunidos em meu nome quer dizer com um pensamento comum, mas não podemos estar reunidos em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e obras. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os reconhece como seus discípulos.

Feridas por estes abusos e por estes desvios, há criaturas que negam a utilidade das assembleias religiosas e, por conseguinte, dos edifícios consagrados a tais assembleias. Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir hospícios do que templos, porque o templo de Deus está em toda parte; porque Deus pode ser adorado em toda parte; porque cada um pode orar em sua própria casa e a qualquer hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugares de refúgio.

Mas pelo fato de terem cometido abusos; de terem se afastado do reto caminho, segue-se que não existe o caminho reto e que tudo aquilo de que abusam seja mau? Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos que deve ser a essência das assembleias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Concebemos que os materialistas professem semelhantes ideias, porque eles, em todas as coisas, fazem abstração da vida espiritual, mas da parte dos espiritualistas, e mais ainda dos espíritas, seria um contrassenso. *O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo.* Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, muito largamente dotados pelo coração, para que sua fé e sua caridade não necessitem ser reaquecidas num foco comum, é possível, mas assim não se dá com as massas, às

quais é preciso um estimulante, sem o qual elas poderiam deixar-se dominar pela indiferença. Além disto, qual o homem que poderia dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender em relação aos seus interesses futuros, e suficientemente perfeito para dispensar conselhos na vida presente? É ele sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; à maioria deles são necessários ensinamentos diretos em matéria de Religião e de Moral, como em matéria de Ciência. Sem dúvida esse ensinamento pode ser dado por toda parte, sob a abóbada do céu como sob a de um templo, mas por que não teriam os homens lugares especiais para os negócios do Céu, como os têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembleias religiosas, como têm assembleias políticas, científicas e industriais? Aqui está uma bolsa onde se ganha sempre, sem que ninguém perca. Isto não impede as fundações em proveito dos infelizes, mas nós acrescentamos que *quando os homens compreenderem melhor seus interesses do Céu, haverá menos gente nos hospícios.*

Se as assembleias religiosas - nós falamos em geral, sem alusão a qualquer culto - muitas vezes se afastaram do objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino que aí é dado nem sempre seguiu o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não progredem todos ao mesmo tempo; o que eles não fazem num período, fazem-no em outro; à medida que se esclarecem, veem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau da civilização, torna-se insuficiente num estado mais adiantado, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; que ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não peçamos a uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as ideias amadureçam para serem colhidos os frutos. Além disto, saibamos fazer as concessões necessárias nas épocas de transição, porque nada, na Natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer *laço*. Uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças. Consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É neste sentido que se diz: *a religião política*; entretanto, mesmo nesta acepção, a palavra religião não é sinônima de *opinião*; implica uma ideia particular: a de *fé conscienciosa*; eis por que se diz também: *a fé política*. Ora, os homens podem alistar-se, por interesse, num partido, sem ter fé nesse partido, e a prova é que o deixam sem escrúpulo, quando encontram seu interesse alhures, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; ele persiste à custa dos maiores sacrifícios, e a abnegação dos interesses pessoais é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. Contudo, se a renúncia a uma opinião, motivada pelo interesse, é um ato de desprezível covardia, é respeitável, ao contrário, quando fruto do reconhecimento do erro em que se estava; é então um ato de abnegação e de bom-senso. Há mais coragem e grandeza em reconhecermos abertamente que nos enganamos, do que persistirmos, por amor-próprio, no que sabemos ser falso, e para não darmos um desmentido a nós mesmos, o que acusa mais teimosia do que firmeza, mais orgulho do que bom-senso, mais fraqueza do que força. É mais ainda: é hipocrisia, porque queremos parecer o que não somos; além disso é uma ação má, porque é encorajar o erro por nosso próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não apenas o fato de compromissos materiais que podemos romper à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre as pessoas que ele une, como

consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a *fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as próprias leis da Natureza.

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da ideia de culto; porque ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quisessem, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; ele não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião pública se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor as pessoas inevitavelmente ter-se-iam equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que elas se ocupam. Pode-se mesmo, na ocasião, fazer preces que em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que por isto as tomem por *assembleias religiosas*. Não penseis que isto seja um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão é devida à falta de um vocábulo para cada ideia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória; qual o sentimento no qual se devem confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para com todos, ou, por outras palavras: o amor ao próximo, que compreende os vivos e os mortos, pois sabemos que os mortos também fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo. Ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis por que podemos dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, cujo inteiro alcance deve ser bem compreendido, e se os Espíritos não cessam de pregá-la e defini-la, é que provavelmente eles reconhecem que isto ainda é necessário.

O campo da caridade é muito vasto. Ele compreende duas grandes divisões que, na falta de termos especiais, podemos designar pelas expressões: *caridade beneficente* e *caridade benevolente*. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais de que se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todos, tanto do mais pobre quanto do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nada, além da vontade, poderia colocar limites à benevolência.

O que é preciso, então, para praticar a caridade benevolente? Amar ao próximo como a si mesmo: ora, se amarmos ao próximo como a nós mesmos, amá-lo-emos muito; agiremos para com os outros como gostaríamos que os outros agissem para conosco;

não desejaremos nem faremos mal a ninguém, porque não gostaríamos que no-lo fizessem.

Amar ao próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, numa palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar aos seus inimigos e retribuir o mal com o bem; é ser indulgente para com as imperfeições de seus semelhantes e não procurar o cisco no olho do vizinho, quando não vemos a trave que temos no nosso; é cobrir ou desculpar as faltas dos outros, em vez de nos comprazermos em pô-las em relevo por espírito de maledicência; é, ainda, não nos fazermos valorizar à custa dos outros; não procurarmos esmagar a pessoa sob o peso de nossa superioridade; não desprezarmos ninguém por orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é palavra vã; é a caridade do verdadeiro espírita como do verdadeiro cristão, aquela sem a qual quem diz: *Fora da caridade não há salvação*, pronuncia sua própria condenação, tanto neste quanto no outro mundo.

Quanta coisa haveria a dizer a tal respeito! Quantas belas instruções nos dão os Espíritos incessantemente! Sem o receio de alongar-me e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocando no ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, se preferirdes, porque nem todos os homens estão maduros para uma completa abnegação para fazer o bem unicamente por amor do bem, digo que seria fácil demonstrar que eles têm tudo a ganhar em agir deste modo e tudo a perder agindo diversamente, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos bons Espíritos; o mal atrai o mal e abre a porta à malevolência dos maus. Mais cedo ou mais tarde o orgulhoso será castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado. Aquele que abandona os bons Espíritos por estes é abandonado e de queda em queda se vê, por fim, no fundo do abismo, ao passo que os bons Espíritos erguem e amparam aquele que, nas maiores provações, não deixa de confiar na Providência e jamais se desvia do reto caminho, aquele, enfim, cujos secretos sentimentos não dissimulam nenhum pensamento oculto de vaidade ou de interesse pessoal. Então, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude de seu livre-arbítrio, pode escolher os riscos que quer correr, mas não poderá queixar-se senão de si mesmo pelas consequências de sua escolha.

Crer num Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos mais imperfeitos seres; na felicidade crescente com a perfeição; na equitável remuneração do bem e do mal, conforme o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada pela da imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provações, em vista do futuro mais desejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras na mais larga acepção da palavra; esforçar-se todos os dias para ser melhor que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da Ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o *Credo, a religião do Espiritismo*, religião que pode congregar-se com todos os cultos, isto

é, com todas as maneiras de adorar Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ele ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz e se pouparão dos males inumeráveis que nascem da discórdia, por sua vez filha do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e de todas as imperfeições da Humanidade.

O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para a felicidade aqui na Terra, porque lhes ensina a se contentarem com o que eles têm. Que os espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitar os benefícios que ele traz, e que inaugurem entre si o reino da harmonia que resplandecerá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos rodeiam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propusemos ao nos reunirmos, a fim de dar aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Demos aos que nos são caros um boa lembrança e o penhor de nossa afeição, encorajamento e consolações aos que estão necessitados. Façamos de modo que cada um recolha a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente de que estivermos animados, e que esta reunião produza os frutos que todos têm o direito de esperar.

ALLAN KARDEC.